3 1761 08134970 6

RECORDAÇÕES

DE

PARIS E LONDRES

POR

JULIO CESAR MACHADO

LISBOA
EDITOR — JOSÉ MARIA CORREA SEABRA
RUA DOS CALAFATES, 110

1863

RECORDAÇÕES

DE

PARIS E LONDRES

OBRAS

Que se acham á venda na Typographia Universal, rua dos Calafates, 110, e nas lojas do costume.—No Porto em casa do sr. Jacinto Antonio Pinto da Silva, rua do Almada, 134; em Coimbra na do sr. José de Mesquita, rua das Covas; e em todas as lojas de livros nas principaes terras do reino, Ilhas e Brazil.

PADRE ANTONIO VIEIRA

Cartas, 4 vol..... 1$600
Obras ineditas, 3 vol. 1$000
Obras varias, 2 vol... 600
Arte de furtar, 1 vol. 400
Historia do Futuro, 1 vol..... 300
Vida do Auctor, com o retrato, 1 vol..... 600
Obras completas que comprehendem os 15 vol. de **Sermões,** total 27 vol. 13$500

JOÃO PINTO RIBEIRO

Usurpação, Retenção e Restauração de Portugal, por João Pinto Ribeiro, auctor da gloriosa revolução do 1.º de Dezembro de 1640, precedida de um magnifico prologo de 36 paginas, por R. de Sá, obra publicada recentemente com o titulo — **Brado aos Portuguezes,** opusculo patriotico contra as idéas da união de Portugal á Hespanha, 1 vol..... 300

D. GARCI-SANCHEZ DEL PINAR

A Freira enterrada em vida ou o Convento de S. Placido, romance historico e original riquissimo de peripecias, de situações dramaticas, engenhosas e imprevistas; traduzido do hespanhol por P. J. Pereira, 3 vol..... 1$500

JULIO CESAR MACHADO

Recordações de Paris e Londres, 1 vol. 500
Passeios e phantasias, 1 vol..... 500
Scenas da minha terra, 1 vol..... 500
Contos ao Luar, 3.ª edição, com o retrato do auctor, 1 vol..... 500

EMILIO SOUVESTRE

O que ha de ser o mundo no anno tres mil, acommodada ao gosto portuguez por R. de Sá (obra a mais chistosa de quantas se tem publicado até hoje em Portugal), 1 vol. com gravuras..... 1$000

PORPHYRIO JOSÉ PEREIRA

Quadros d'alma, ou a mulher atravez dos seculos, com o retrato do auctor, 1 vol. 800

CAMILLO MARIANNO FRÓES

Caricaturas á penna, obra critica, adornada com o retrato do auctor, 1 vol..... 500

MARTINEZ DE LA ROSA

O livro dos meninos, traduzido do hespanhol por D. José de Urcullu, approvado pelo Conselho Superior d'Instrucção Publica, 4.ª edição, 1 vol..... 160

Typographia Universal, rua dos Calafates, 110.

RECORDAÇÕES

DE

PARIS E LONDRES

POR

JULIO CESAR MACHADO

LISBOA
EDITOR — JOSÉ MARIA CORREA SEABRA
RUA DOS CALAFATES, 110

1863

DC
733
M14

I

Quem é que nunca se encontrou perdido na immensidade dos mares, n'um barco com que os ventos brincam? O azul do firmamento vae confundir-se com o azul da agua nos quatro limites do horisonte: de todos os lados a agua e o céo rodeiam-nos, apertam-nos, ameaçam-nos, e o nosso barco, fraco e inperceptivel atomo, caminha sob o vento, sem que os sentidos nos advirtam que não está immovel, porque não ha estaca lançada n'aquella estrada enorme. Nasce então no coração do mais valente não sei que sentimento, que ao mesmo tempo participa da dôr e do prazer, sentimento que não é medo, e accorda mais sensações do que idêas; agora, é o olhar que

se dirige para o ponto em que se suppõe a terra: e suspira-se pelo momento em que voltemos de novo ao curso ordinario da nossa vida; logo, surprehende-se uma pessoa a contemplar com um riso convulso o abysmo em que vae nadando: e encontra-se um singular encanto na idêa vaga, instinctiva, de que se está sendo a todo o instante ameaçado de destruição, que tudo é perigo,—o vento até, que deve levar-nos para a paragem longinqua a que aspiramos! Que se uma tempestade vier lançar-se entre os dois abysmos, impellindo diante de si as vagas e as nuvens, e avançar carregada d'agua, de pedrisco, de trovoada, de assovios horriveis, de mugidos atrozes, teremos de ver a tolda cheia de marujos pallidos, apurando o ouvido aos estalos surdos do barco, como um soldado que examina as armas no momento da batalha, e observa se a balla será prompta e segura. Depois, quem tem um coração e um cogitar de homem, lembra-se que a sciencia tem uma força igual á da tempestade, que mil pensamentos presidiram á construcção d'aquella casa fluctuante, que tudo souberam prevêr: e vae cada um dormir ao som do furacão,—seguro de ver no dia seguinte as velas suavemente inchadas colorirem-se aos raios de um sol puro e sem nuvens, e o vapor ia rolando magestoso sobre o seu leito azul! E então que de acciden-

tes felizes na navegação mais triste e mais monotona! O vapor é um palacio; todos os recursos da civilisação, todos os prazeres do luxo ali se encontram; sabe-se d'onde se parte, onde se está, onde se vae; ás vezes ao longe, por entre os vapores do ultimo horisonte, apparece um ponto branco, debil e vago ao principio, que cresce depois, que se deslisa do céo e do mar, e se torna distincto emfim; é um navio, é um amigo que nos diz adeus! Por isso, as nossas relações com a terra não estão nunca interrompidas, e encontra-se o mundo até no meio dos mares, sem podermos entregar-nos nunca á idêa do nosso isolamento!

Eu, porém, mais que todos, devia experimentar singulares impressões d'esta vez no mar. Os portuguezes, que raramente viajam, parece que se haviam combinado entre si para exportarem uma commissão, não tão numerosa ainda assim como as do governo, —que isso são as commissões mais numerosas que ha! — mas brilhante, prestigiosa, pittoresca até! Quando o *Ville de Brest* largou ferro, e os pequeninos bateis dos que tinham ido ao bota-fóra se affastaram de nós, o vapor tomou o ar de conduzir uma emigração portugueza! Depois,—e isto era o mais, e isto era tudo! —eu via em redor de mim, na tolda, senhoras com o seu lenço na mão enxugando os

olhos, saudosas da terra que iam deixar de ver: e homens que eu sabia, que eu presentia, que eu adivinhava que levavam n'alma tambem a vaga tristeza dos que se affastam da patria, mesmo quando vão para divertir-se; e tanto estas senhoras como estes homens não pertenciam ao numero dos portuguezes invisiveis,—uma boa gente que por ahi ha, não sei bem onde, mas que decididamente existe, apesar de não se deixar ver nos passeios nem nos espectaculos, nas ruas, nem nas salas! Eram, ao contrario, pessoas da nossa convivencia quotidiana, o que não quer dizer que fossem nossos amigos privados, mas nossos amigos publicos, com quem cada um se encontra em cada theatro, em cada baile, em cada festa; gente que não veio ao mundo para se esconder, que estima a luz, que não tem horror á publicidade, ao divertimento, á alegria da vida, segredo unico de arrostar mais livremente sobre a terra esta existencia que o doutor Pangloz acharia a melhor possivel... em Lisboa mesmo!

Uma das senhoras, a que ia mais chorosa ao principio, a que ia mais enjoada depois, mais pallida, mais doente, mais enfastiada, que é peior ainda do que ir doente e do que soffrer de mar, tinha-a eu visto não havia muito tempo ainda, e vimol-a todos nós por essa occasião, radiante, prestigiosa, explendida

de tentação, de ousadia, de originalidade elegante, de altivez graciosa, no centro da mais bonita festa de todas que Portugal tem visto n'esse genero, a *soirée* das Larangeiras: perfil distincto, fronte artistica, as mais lindas mãos do mundo, um sorriso entre o simples e o malicioso, e a graça, o ar, o tom, as Venus e Cupidos, *Veneres Cupidinesque,* como diziam os antigos, tudo que não se adquire, e que não se sabe explicar, mas que fórma um todo, rico de individualidade, a que se chama madame Olga de Katackasy!

Depois, ao voltar a cabeça, encontrava do outro lado, ao pé de mim tambem, pallida mas risonha, grandiosa de estatura e de belleza, como que uma recordação das mulheres da Biblia, serena, inspirada, melancholica, tom doentio, mas encantador pela força que moldura aquella gentil fraqueza, uma das mais decantadas, das mais olhadas formosuras que Lisboa tem admirado nas suas noites de luar, então principalmente que mais deve resplandecer a alvura da physionomia seductora d'aquella imperatriz, que o mundo conhece por madame de Leibselter!

Estas duas visões da moda, clarões que doiraram por um instante a existencia escura da nossa terra, iam ali com os seus chapéos de viagem, os seus pequeninos sacos conduzindo os frascos de saes aro-

maticos, as pastilhas de limão, o ultimo romance, os retratos de familia, o oculo, que sei eu?!

Quando, ao sair da barra, principiaram a tornar-se lividas, e pareceu fugir-lhes a voz e a força, com o olhar envidraçado, o pé tremulo, as feições geladas, lembrei-me eu então das noites de festa, quando ellas eram todas vida, á hora em que a quadrilha passeia, a walsa salta, o galope redemoinha, as mãos se procuram, se confundem as vozes, os hombros brilham nus, e os braços parecem disputar a perfeição ás estatuas antigas, porque o paros nem é mais fino, nem de uma alvura mais aloirada e bella! Ah! Ellas já não eram, n'essa hora, visões aereas de divina voluptuosidade, alvos vapores banhados em tulle e em gase! A imaginação já não devaneava, ao vel-as em mil coisas féstivas, como outr'ora, em que parecia que percorriamos, ao vel-as, palacios de marmore branco inundados de sol, deslisando-se sobre um céo azul, ou que nos sentiamos á beira de um terrasso com uma corôa de flores na cabeça, um copo de vinho de Syracusa na mão, ao lado de uma mulher formosa, toucada de plumas, e em saia de velludo escarlate! Ah! Era uma pena, era uma completa pena, vel-as n'aquelle estado de soffrimento: a belleza tem a sua religião, a belleza é santa porque vem de Deus, a belleza é, como a felicidade, uma

coisa sobrehumana, digna da adoração do mundo; o sol dá a luz, a terra as rosas, o poeta o genio, mas o amor dá-o a mulher, a felicidade dá-a a belleza,—e era de cortar o coração ver estiradas para ali, lividas, mal embrulhadas, de ar doentio e como estranho ao mundo, com os cabellos em desordem pelo vento do mar, com as feições tranzidas de frio, o tom humido e gellado no olhar, na voz, nos labios,—aquellas duas glorias dos salões!

A viagem não foi triste, nem alegre; todos se dispunham a conversar e a rir em todo o tempo, mas, salvos honrosos estomagos, — quero dizer, salvas excepções honrosas — ninguem riu nem conversou, senão ao avistar Saint-Nazaire. Por melhor disposição de planos a que nos houvessemos dado, em terra, projectando cada um seu divertimento predilecto a bordo, nada chegou a effectuar-se. O amor pela verdade priva-me de esboçar um quadro de viagem que poderia ser cheio de interesse, se eu escrevesse como quasi todos os historiadores a historia do que não aconteceu. O mar nem estava bom, nem mau, — que é o peor mar que ha para livro: eu não poderia cantar o perpassar da brisa á flôr serena das aguas, nem o gemer do vendaval nas ondas: estava um mar na devida conta para se ir deitado. Tentei um dia ir á mesa, mas um candieiro pendu-

rado no tecto dançava doidamente por cima de um presunto de fiambre, e é uma condição do meu caracter não poder ver candieiros a dançar; depois, a lucta que se estabelece entre o garfo e a comida, entre a comida e a boca, tem segredos d'equilibrio que excedem as forças de um homem como eu, que, para não ter curso algum, não tenho sequer o curso do jogo da argolinha, sciencia indispensavel para brilhar nas cavalhadas... e para comer a bordo!

Chegamos a Saint-Nazaire sem naufragio; o vapor *Ville de Brest*, que é excellente caminhador, dançou o mais que pôde para nos distrair, e no fim do quarto dia deu-nos licença de *mettermos o pé na terra*, como dizem os traductores de novellas francezas.

Logo ao olhar para aquellas margens, e ao ver tudo tão bem aproveitado, tão bem disposto, tanta cultura, tanto gosto nas edificações, um tom tão simples e tão util na maneira de feitorisar, avistei a civilisação que estendêra por ali a sua varinha, a sua magica varinha que ainda não chegou bem até nós, e lembrei-me com pena dos armazens do Ginjal, das cabanas do Barreiro, e da unica hospedaria das Vendas Novas, cuja entrada é pela cavallariça!

Mas, para me consolar, olhei para o céo,—para o céo, que já não era tão azul, tão puro, tão lim-

pido como o nosso; mas de um tom indeciso, e enfastiado; um céo tambem *civilisado;* um céo *blasé!*

A pequenina povoação de Saint-Nazaire que principia a preparar-se, e que já apresenta disposições para ser um porto importante, recebeu essa noite no seu seio todas as nações notaveis, porque o *Ville de Brest* havia conduzido, por um curiosissimo acaso, passageiros de todas as nações.

Vejamos:

Portuguezes: — Os srs. conde e condessa da Torre, marquez de Fronteira, Jacinto Fernandes Gil, Alexandre Moncorvo, José Mauricio, Pamplona e sua esposa, Benevides, João da Silva Carvalho, Xavier da Silva etc.

Inglezes: — O sr. consul Smith, a senhora, uma filha, e uma aia: e um commandante de navio inglez, individuo montanhoso como um roasbeaff, alto como a torre de Londres, possante como a cupula de S. Paulo!

Russos: — Mr. e madame de Katackasy.

Hollandezes: — O escriptor Gerard Keller, e um amigo.

Austriacos: — Mr. e madame de Leibselter.

Um hespanhol, a quem não aprendi o nome, dois americanos a quem não sou capaz de o aprender,

e uns poucos de francezes, além da gente do vapor, que franceza era.

Desembarcou toda esta Babel em pleno caes de Saint-Nazaire, e dez minutos depois não havendo já quarto em nenhum hotel, principiaram, os que haviam chegado tarde, em procura de pousada, ficando alguns estirados em cocheiras.

Fomos, segundo a regra de viajantes de bom instincto, ao escriptorio do telegrapho, mandar, ás respectivas obrigações ou devoções, novas da nossa saude, e engaiolaram-nos n'uma baiuca que ainda ignora o gaz, onde haveriamos passado a noite, se não fosse o nosso consul em Nantes, o cavalheiro Nascimento, que se encarregou de ficar explicando aos empregados as subtilezas da lingua portugueza, sem o que, ao que parecia, elles receavam encarregar-se de transmittir a nossa communicação!...

Recolheram-nos no *Hotel de la Marine*, «construido recentemente com o cuidado e previdencia requeridos, que offerece á sua clientela commodidades que raramente se encontram n'outro sitio, e que completam uma habitação *confortavel* e um serviço tão regular quanto consciencioso.» Isto tudo são dizeres do bilhete da hospedaria, e já se vê que o dono deve saber mais a respeito d'ella do que eu, que estive apenas lá uma noite!

Em França, as criadas das hospedarias,—vamos já dizendo isto, antes que me esqueça!—são as raparigas mais obsequiadoras d'este mundo, e o que se chama entre nós «muito dadas»; sorriem-nos com galanteria, fingem que choram quando nos vamos embora, e, por via de regra, se as queremos levar, fogem comnosco. Muito boas raparigas!

O serviço n'aquelle *hotel* não me parece digno de o recommendar aos meus compatriotas que viagem para aquelle sitio, mas se lá cahirem, como eu, não morrem. Lembra-me que o presunto era de tal qualidade que um dos commensaes, que estava trincando n'elle, gabava-m'o a titulo de costeletas: e que as chavenas eram de um tamanho, de uma construcção, de um peso, que me fez pensar que as creanças n'aquella terra até á edade do recrutamento não podem ser auctorisadas a tomar chá pela sua mão!

Como o trem expresso para Paris não devia partir senão no dia seguinte ás quatro horas da tarde, parti eu para Nantes ás dez da manhã, resolvido a esperar ahi o comboio, depois de haver aproveitado o dia em visitar a cidade.

Apesar de antiquissima, Nantes é uma cidade que deve dizer-se bonita, muito mais bonita por exemplo que Bordeos, que é triste como a noite. Ha uma

passagem, á maneira das de Paris, cercada de lojas faustuosas, d'espelhos enormes, de letreiros monstros, que dispõe, prepara, e dá por assim dizer o ante-gosto das magnificencias da capital da França. Já ali se encontra uma idêa dos botequins resplandecentes d'aquelle paiz, em que o café constituido em divindade não tem senão templos elegantes, sumptuosos, innumeraveis; já ali se entra n'uma casa explendida de cabelleireiro,—que tem uma sala cheia de gravatas, de colleirinhos, de bengalas, de luvas, de oculos de theatro, unica coisa em que se differençam dos de Paris que não vendem objectos de *toilette;* a casa está sempre cheia; aqui, corta-se o cabello a um freguez, que é calvo: ali, faz-se a barba a um imberbe; e, quando apparece um recem-chegado, diz-lhe o cabelleireiro, com o ar mais pollido, mais delicado, mais amavel:

—*Une petite seconde, monsieur, et nous sommes à vous!*

E depois fal-o esperar meia hora, uma hora, duas horas com um *applomb* que só é concedido aos cabelleireiros, repetindo-lhe de tempos a tempos:

—*Une petite seconde, monsieur, rien qu'une petite seconde!*

Nada os altera, nada os interrompe, nada os inquieta. O cabelleireiro francez é o homem forte da

idade moderna. A idêa prompta, a argucia mais prompta ainda, um sorriso sempre, uma amabilidade, uma tolice engenhosa, um descôco sublime ás vezes. Exemplo:

Está a pentear um freguez, outro freguez chega.

—Que deseja, meu senhor? Que se lhe corte o cabello, que se lhe faça a barba, que o frisem, que lhe esfreguem a cutis com uma pouca d'agua maravilhosa e lhe lavem a cabeça com pommada de côco?

O freguez hesita, o freguez balbucia, o freguez não sabe o que dizer.

—Quer uma bengala talvez? Uma bengala elegante, uma bengala *chic*, uma bengala flexivel, fina, graciosa, com uma perola por castão?

O freguez vae a fallar.

—Ah! Um colleirinho, alguns colleirinhos, muitos colleirinhos! Um pouco á ingleza, erguidos, fortes, de duas tiras, á Brummell! Talvez com as pontas dobradas, á ultima moda, ligeiramente pespontados, como estão usando os addidos de legação?

O freguez dá um passo.

—Ah! Uma gravata! A gravata é o homem, segundo diz um escriptor. Hade querer talvez uma manta com alfinete, e uma gravatinha para passar as pontas n'um annel!

O freguez toma animo, e diz:

—Nada d'isso!

—Como! Nada d'isto! Mas então deseja um frasco de cold-cream, um pequeno vaso de *pommade des Princes,* uma pouca d'agua d'Inglaterra, a *poudre callidermique,* os saes aromaticos...

—Um chinó! diz o freguez.

—Quer um chinó?!

—Quero um chinó.

—Ah! É um chinó que hade querer! E eu não o presentia. De que preço, o chinó?

—Preço rasoavel.

—Oh! Mas bem sabe, que, em questão chinó ha o céo e a terra! O senhor póde ter um chinó, que pareça um chinó: um chinó que não pareça siquer similhante coisa por não se saber mesmo o que parece: um chinó que é como se o não tivesse, um chinó que é ainda melhor, mais perfeito, mais *nature,* do que se fossem cabellos proprios! Olhe, veja, approxime-se, quer caso que o surprehenda? Gosta de illudir a humanidade, zombar do seu similhante, comprar, rindo, o que constitue os mais em divida eterna para com a natureza? Veja isto,—(pucha pelos cabellos ao freguez, a quem está penteando, que nunca teve chinó na sua vida!) agrada-lhe? acha perfeito este trastinho?

O freguez, que está a pentear-se, faz-se corado; o freguez, que chegou, espanta o olhar.

—Oh! É coisa para se admirar!

—Quer que lh'o faça d'esta qualidade?

—D'esta mesma qualidade. Que é perfeito!

As farças, que estes charlatães armam ao publico, seriam obra para um volume. Em Nantes, na tal viella elegante, ha um, de quem se refere uma tolice que acho graciosa. Faz elle sempre dois chinós a cada freguez, que não quer mais do que um, e impinge-lh'os da seguinte fórma:—entrega ao calvo o primeiro chinó, e, em cada manhã que lhe faz a barba, introduz-lhe sem elle ver uma pequenina *mèche* de cabellos por cima da orelha; á noite necessariamente, o homem ao tirar o chinó, encontra os cabellos. Isto repete-se durante alguns dias. Uma occasião, emfim, o freguez vivamente inquieto d'estar em similhante producção capilar, revela ao artista esta singularidade.

O cabelleireiro não se maravilha, e apenas se sorri com um ar intelligente, de quem apanha a chave do enigma.

—Você sorri-se!

—De certo!

—Comprehende o phenomeno?

—Perfeitamente!

—Dê-me, pois, o fio do labyrintho!

—É porque, meu rico senhor, o chinó que tive a honra de fazer para vossa excellencia *(votre excéllence!)* era de cabellos de vivo. e os cabellos de pessoa viva crescem!

—Oh!

—Mas, descance! socegue! tranquillise-se meu senhor! Se não está satisfeito d'essa fertilidade, póde fazer-se-lhe outro de cabellos de defuncto, que não crescem!

—Pois antes quero d'isso! respondeu o freguez, respirando emfim livremente, por se ver livre da *mèche* quotidiana.

Depois de ir visitar algumas curiosidades da terra, duas egrejas, o tribunal, um jardim no gosto inglez, com a estatua de Cambronne ao centro, um gabinete de leitura a 15 *centimes la scéance* (uma manhã de leitura por trinta réis!) fui jantar ao *Hotel du Commerce*, que disfructa em Nantes a reputação de ser o que dá melhores jantares. É uma hospedaria das proporções do nosso Hotel d'Italia, situada n'uma rua principal, e tendo criados que fallam tres linguas, inglez, italiano, e alemão.

Faltavam tres minutos para a mesa redonda: esperavamos na sala uns poucos de francezes, dois alemães, e eu: na parede estava o prospecto de um

livro novo, mettido n'uma taboleta, segundo o uso. O titulo do livro annunciado era:

FAUT-IL SE MARIER?

PAR

A. FOURGEAUD

Os francezes olharam-se entre si, sorrindo-se. Em seguida, um d'elles, tirou da carteira o lapis, e escreveu de um lado:

Non!

Outro pediu-lhe o lapis, e escreveu do outro lado:

C'est selon, pourquoi pas?!

Outro ainda, com o mesmo lapis, escreveu por cima:

Ouff! Jamais!

Outro finalmente, com o mesmo lapis ainda, escreveu por baixo:

Oui: ça n'engage a rien!

A sineta tocou pela terceira vez. Guardou-se o lapis, e fomos jantar. Eu dizia commigo:

—Estou em França, estou! Pois, em que outro paiz do mundo se aproveitariam com tanta graça os tres ultimos minutos antes da sôpa?

II

Quando, ao cair da noite, subi para o comboio que ia levar-me a Paris, dou-lhes a minha palavra que me senti estremecer, como succede quasi sempre antes dos grandes perigos e das grandes alegrias!

É bom que eu diga — já que não o disse ninguem — a maneira por que me atrevi a ir viajar, e a fórma porque o consegui: estamos n'uma terra d'embuscadas, de esbirros sem coragem, de aguasis sem punhal, de mondongueiros que se escondem nos vallados e atiram pedras á gente de bem, como cães que ladram ás sombras; previna-se, pois, ou emende-se alguma ballela de garôto, visto estarmos n'um tempo em que elles pululam ahi na sociedade, e dançam os *Lanceiros* no seio das familias!

Ao chegar da primavera d'este anno senti-me inquieto, e o coração encheu-se-me de desejos que o aqueciam sem o queimarem. Eu andava enfastiado e triste, e o desalento fugiu de repente. Voltou para a minha alma, que se sentia abatida, a confiança. O que em mim dormia accordou. Tudo parecia cantar, esperar, viver. Não olhava para nenhum sitio em que a terra não désse uma flôr, a arvore uma folha, a nuvem uma lagrima d'alegria. Era preciso partir, partir e ir longe!

Conta-se que o abestruz não cobre os ovos senão com a vista: atira-lhe a luz e a vida, e mal lhe iria se o seu amor cançasse, e se ousasse affastar do ninho o olhar fecundo de que desce a existencia, porque ao quebrar-se a casca sairia uma serpente; eu sou de certa fórma parente do abestruz: não sei dar vida ao que não vir; por isso, sentindo o desejo de escrever sobre Paris, não encontrei modo de o contar depois... senão ir lá: era a unica fórma de que, ao quebrar-se a casca da historia... não saisse pêta!

Eu estava sendo o unico portuguez insipido *por necessidade;* os outros compatriotas nossos quasi sempre o são *por divertimento.* Entregue á tarefa improba de sustentar os folhetins semanaes da *Revolução de Setembro,* n'uma epoca sem aconteci-

mentos, cada semana ia correndo o seu gyro com uma velocidade ironica, sem eu saber o que dizer e de que fallar; intendi que precisava de um tonico, e o tonico que me receitei foi ir viajar. Tinha invejado centos de vezes a lampada de Aladim, aquella maravilhosa lampada, cuja luz evocava as fadas do Oriente, fadas dulcissimas, que adivinhavam os sonhos para os realisarem, e não se approximavam de uma pessoa, senão para lhe concederem o que pedia; mas infelizmente, implorava e esperava, eu, debalde; Lisboa conservava-se caustica e seccante, e a poesia que outr'ora tivera por algum tempo o dom de me edificar palacios encantados em que se refugiavam os meus receios, jardins harmoniosos para onde os meus desejos iam passear, abandonou-me de maneira tal que no campo da minha phantasia não houve mais do que flôres de tojo!

Foi n'esta occasião que, uma manhã, o meu editor me procurou. Acabavamos de publicar as *Scenas da minha terra*, e eu estava trabalhando no primeiro conto que abria um novo volume. — Meu caro Seabra, lhe disse eu, tenho um plano!

— Um jornal?

— Não.

— Uma peça de theatro?

— Tambem não.

— Abandona a litteratura?

— Não, por emquanto.

Casa-se?

— Tambem, por emquanto, não.

— Já sei, vae para o Brasil!

— Menos que tudo. Trata-se de um livro que vou fazer.

— Um livro! Simplesmente isso! Nada mais trivial na nossa existencia. Para que chama a similhante coisa um plano!

— Porque verdadeiramente o é. Meu caro Seabra, não é caso de um livro de contos!

— Um romance?

— Tambem não é um romance.

— Desejo que não seja um volume de poesias...

— Um volume de poesias nunca poderia ser!

— Então, venha o titulo, para fazermos idéa!

— *Recordações de Paris!*

O senhor Seabra puchou cadeira, e sentou-se.

— *Recordações de Paris!* ponderou elle, contemplando-me.

— Isso é.

— E vê Paris do seu quarto?

— Verei Paris em Paris.

Elle ergueu-se e abraçou-me.

— Bravo! disse. É uma grande idéa!

— Está prompto a auxiliar-me?

— Em tudo que deseje.

— Simples ajuste: — entrego-lhe um livro, e recebo o dinheiro de dois. Um d'esses dois, é o que heide entregar-lhe d'aqui a mez e meio, e hade intitular-se *Passeios e Phantasias;* o outro é o que heide escrever ao voltar, se voltar, e que terá a historia da viagem sob o titulo que ha pouco lhe disse. Convem?

Respondeu aceitando, e fazendo-me offerecimentos, todos em vantagem minha; os offerecimentos não os aceitei, mas o contracto que eu propusera manteve-se e realisou-se.

Um mez depois, eu entrava no escriptorio de vapores da companhia Saint-Nazaire, e dizia a mr. Johel: — Um logar no vapôr *Ville de Brest* que hade partir a 14 d'abril.

Ao que mr. Johel, com a amabilidade que o distingue, respondeu como encantado:

— Vae a Paris?!

— Vou a Paris.

A'isto seguiu-se um apêrto de mão, que depois do abraço do meu editor, era a segunda saudação que a minha idéa recebia.

— Bravo! me disse. É para se lhe dar os parabens!

A datar d'esse momento, tudo se tornou n'uma só voz a approvar a minha resolução. Se não fôra assim, isso nada a alterava, intenda-se bem, porque eu devo tão pouco a toda a gente, que tenho o direito de não me inquietar com o que toda a gente possa dizer.

De mais a mais não sou de uns certos, que tudo pesam e scismam antes de se proporem a sair da sua terra, e até cuidam que o barco se hade perder, simplesmente pelo facto de os levar; eu, ao contrario, cuido que por eu ir n'elle é que o barco não se perderá. Muito pouco merecem, pois, a Deus, os medrosos que assim se temem d'elle!

Em Portugal ha muito pouco quem viaje, porque o portuguez quando sáe d'aqui tem a mania de ser lá fóra outro homem mui diverso do que por cá é, e queixar-se depois de tudo ser mais caro. Houve tempo, creio bem, em que a differença se tornava na verdade sensivel, mas hoje que a vida em Lisboa é tão cara, vive-se em toda a parte pelo mesmo dinheiro que em Lisboa, e vive-se quasi sempre mais caro aqui.

Os que não se mexem d'este canto, gente patriarchal que vive contente de ter o seu dinheiro quieto, dizem e publicam que o mundo não vale nada; lá por fóra os que não querem perder o seu habitual ni-

nho, dizem o mesmo, e por esta fórma se compõe o mundo dos que dizem mal d'elle!

É bom ver, todavia! Quando uma pessoa se escuta a si proprio, arrepende-se de fallar; quando se relê arrepende-se de escrever; quando ouve contar, arrepende-se de não ter ido; — o melhor é ver! Ha sujeito que não precisa senão de coisas velhas para embellesar a vida: pau secco para o lume, vinho antigo para a mesa, um amigo velho para o cavaco, e um livro classico para a leitura; eu sou o contrario d'essa gente, e do que preciso é de coisas novas; olhar, admirar, confrontar: a alma da poesia, para mim, está nas comparações; são ellas que dão luz e ar ao pensamento. Depois, eu não viajo para me entreter, nem mesmo *para voltar*, como muitos que eu conheço, que vão aos sitios para dizer: «Já lá fui!» e não para dizer: «Cá estou.» Viajo com enthusiasmo, com esperança, com uma ineffavel felicidade; nem intendo que se possa viajar para passar o tempo; passar o tempo, é morrer!

Mais do que todos, os homens da peninsula deveriam ser os grandes visitadores do mundo: mais do que em todos se suppõe n'elles o ardor, a anciedade, a inquietação curiosa, a febre enthusiastica do *touriste*: mais ricos pela imaginação que pela bolsa, e pouco dados em geral aos affectos constan-

tes da familia, dir-se-hia que nenhum laço os prende, que nenhum estorvo os retem, e que, como *Gil-Braz*, são capazes, de sacola ás costas, bordão ao braço, e cigarro na bocca, de correr secca e mecca, e olivaes de Santarem.

Pois que! não vos haverá succedido sequer uma vez ao menos na vossa vida, quando estaes a olhar uma pintura, não vos haverá succedido ter desejos de embarcar na galera doirada, com vellas de seda, verdadeira concha de Venus, levada pelos zephiros, n'um azul ideal, para as paragens nacaradas de algum paiz de phantasia? Não sonhastes nunca, ao ler um livro, ao contemplar uma vinheta, ou ao escutar um viajante, que ieis envergar o alegre traje de peregrino, commodo como um dominó, garrido como um fato de pastor, que mistura rosetas com conchas, que é um heroe de opera, e um personagem de egloga? Nunca estendestes a mão para passar a prancha, ponto imperceptivel entre a barca e a praia, a alguma das figurinhas que a estampa mostra na tolda, e que uma pessoa chega a ter appetite de querer acompanhar?

Sois capazes de não acreditar, talvez, nos terrassos descriptos nos romances, que estão a banhar os pés no mar, e d'onde já se beija o céo! nem na relva de velludo em que estão os cordeirinhos de seda

frouxa, que as meninas de Lisboa bordam nos collegios a ponto de marca! nem no banco de musgo das lendas, que está de proposito n'um sitio á espera das conversações amorosas ou dos concertos campestres?!

Ah! Eu não sou assim, eu não sou assim, e n'isso vae talvez a minha salvação ou a minha perda! Eu imagino-me tão facilmente a fumar no cachimbo do grão-turco, que se prendesse de amisade para comigo, como n'um batel de piratas a roubar donzellas para mim e para o sultão; comprehendo tão bem a minha pessoa a patinhar na Russia, como a dançar entre grinaldas n'uma sociedade de pastores e de pastoras, de Isabeis e de Leandros, ou mesmo de arlequins e de arlequinas, tudo gente pobre, alegre e poetica, que parece talhar o seu fato nas folhas das arvores e nas petalas das flores!

No momento em que tive pela primeira vez a idéa de partir, espalhei a vista por uns poucos de quadros e puz-me a olhar qual dos paizes era mais bonito. É possivel que deva dar-se a preferencia á Italia, ou que o melhor de tudo seja ver a Allemanha, mas entre todas as nações está a França a sorrir-se, e não ha maneira de resistir á tentação d'aquella *coquette* por excellencia, que ainda tem o ar de mais bella, quando a gente a compára á sua dinheirosa rival!

Uma pessoa é, ás vezes, do paiz em que não nasceu. Consulte cada um o seu caracter, a sua imaginação, e os seus gostos, e talvez me dê razão. Ahi está o sr. Antonio Feliciano de Castilho, que é romano; o sr. Pedro Diniz, que é inglez, o sr. Bulhão Pato, que é hespanhol, e o sr. Viale, que é grego. Por isso não vejo inconveniente em que eu seja quasi francez.

Gosto,—para que o heide negar?—gosto de preferencia a tudo, d'aquella terra da grande comedia, em que as coisas mais assustadoras se praticam entre duas galanterias, em que um livro que se suprime em Roma principia a vender-se ali, em que se faz um rei quando não ha que fazer, e se quebra quando um bello dia, depois de não terem reparado em similhante coisa, observam que elle não se contenta já de ser o primeiro magistrado de um povo livre! em que tudo se vende, a gloria, a belleza, a fama, o amor, a mocidade! em que até a palavra de que elles se servem para dizer que uma coisa não custa dinheiro «*Gratis!*» é tão estranha aos costumes do paiz, que a foram buscar a uma lingua morta! Em que se faz uma revolução de manhã, e se dança o *cancan* á noite, ou em que, como os girondinos por exemplo, se leva a noite n'uma ceia a fazer espirito, e na madrugada se fazem matar n'uma revolução. Gente

que precisa musica para morrer,—não musica de padres nem de cantores d'egreja, mas uma canção marcial, uma toada guerreira e alegre, uma copla de *vaudeville,* qualquer coisa scintillante, a *Marseillaise* ou a *Corde Sensible*. Povo de espirito facil e ao mesmo tempo profundo, que é um grande philosopho sem se dar ares d'isso, sem ninguem lh'o chamar, e sem elle mesmo saber; que escreve melhor que ninguem, que conversa melhor do que escreve, que se bate melhor do que conversa, que morre melhor do que se bate, e que faz um calemburgo melhor ainda do que tudo isto!

Eu quero-me em terras de que se goste logo, e com gente que nos agrade desde a primeira vez; não está no meu genio nem na minha pachorra ir dando tempo a coisas ou pessoas seccantes de tomarem a sua feição agradavel; va-se direito a Inglaterra, quem gostar da opulencia que esmaga: eu prefiro a graça que encanta e seduz. Requestrem muito embora as matronas vestidas de velludo com um rio de diamantes no pescoço: a mim, basta-me a galanteria da elegante que usa um vestido de caça, bem feitinho; e, emquanto aos diamantes, ainda gosto mais de beijar o sitio que elles poderiam cobrir, do que cegar-me no seu brilho. Eu sou dos que hãode morrer moços, e não posso gastar a vida a habi-

tuar-me ao que virei a estimar. Paris é o *Baile de Mascaras,* Londres é o *Propheta;* é preciso ouvir cinco vezes o *Propheta* para gostar; do *Baile de Mascaras* gosta-se desde a primeira vez. Vamos para o *Baile de Mascaras!*

Partimos de Nantes no trem expresso da noite. Muita velocidade no comboio, muito somno nos passageiros. Parámos n'algumas estações, creio que por brincadeira. Os guardas diziam:

—Dez minutos para os senhores viajantes!

Depois, no momento em que os viajantes desciam para ir comprar uma gallinha assada, para beber agua, ou mesmo para a antithese da sède, diziam os guardas:

—Os senhores viajantes entrem para as suas carruagens!

Como haviamos de acabar por chegar, chegámos.

Entramos em Paris ás quatro horas e meia da manhã. Dormia ainda a população importante; a população proletaria accordava, a população elegante ia-se deitar. No largo da estação dos caminhos de ferro estacionava já uma filla enorme de fiacres e *coupés*: fiz signal a um, que correu immediatamente na minha direcção, e que, sem me dizer palavra, esperou que eu o mandasse.

—*Rue de l'Arcade,* 2, disse-lhe eu.

Elle repetiu, dizendo segundo o costume em Paris o numero antes da rua:

— *Deux, rue de l'Arcade!*

Em seguida, tirou o seu relogio e viu a hora; depois procurou na algibeira do seu largo casaco azul de botões brancos um bilhete, que me deu; o bilhete marcava os preços, e os preços eram, onze vintens e dez réis por o que alli chamam *la course,* que é ir de um sitio seja a que sitio fôr; dezesete vintens e dez réis á hora, querendo escolher assim, e da meia noite ás seis horas da manhã um franco mais dos preços marcados.

Tudo isto me parecia revelar os melhores auspicios, e concentrei toda a minha attenção, para dispôr d'ella pelo caminho adiante, á medida que o caso o pedisse. O *coupé,* contra toda a minha espectativa, seguia ronceiramente, como querendo dar-me tempo a observar o que ia encontrando. Sentia-me inquieto, e com o coração meio a pular de alegria, meio a tremer de susto. Susto de quê e porquê, não sei; mas a impressão que tudo accordava em mim não me encantava só, atrapalhava-me. Do lado esquerdo ficava-me o Jardim da Plantas, e eu estava á espera que o celebre urso *Martin* me perguntasse noticias da minha terra; felizmente para a minha gravidade, esse excellente animal já tinha morrido.

Não encontravamos senão leiteiras em carros, vendilhões em carros, camponezas em carros, e até cães em carros; cães que iam conduzindo a fazenda com toda a discrição de homens de negocio, e que me olhavam com o ar attencioso com que ali se saudam os estrangeiros.

De um lado e outro, á medida que penetravamos em Paris, não via senão predios enormes cobertos de letreiros de alto a baixo! Não havia um, um só, um que fosse, sem estar servindo de cartaz para a multidão. Eram annuncios de alfaiates, de modistas, de chapeleiros, de tintureiros, de sapateiros, de cabelleireiros, de marceneiros, de albardeiros, de jardineiros, de caldeireiros. Eu vi um predio de quatro andares grandissimos, em que havia pintado na parede um casaco que tomava os quatro andares. *A la Redingote grise!* dizia em roda da pintura em enormes caracteres. E depois, voltava eu a vista e ahi encontrava um novo pandemonio de annuncios nas paredes, annuncios em lettras vermelhas, negras, verdes, amarelas, annuncios em lettras do tamanho da palavra, em lettras do tamanho do homem, em lettras do tamanho do predio; annuncios de occulistas, de dentistas, de alfarrabistas, de boticarios, de hervanarios, de folicularios. annuncios para fazer a barba sem navalha, para ler sem olhos, para escrever sem mãos,

annuncios para vender a riqueza, para vender a felicidade, para vender a lua!

Mas que terra é esta, dizia eu entre mim, mas que terra é esta em que toda a gente vende! Então onde está aqui quem compra? Será isto uma cidade abandonada aos credores, que já vão passando com os seus carros para ir buscar pregoeiros e fazer leilão? Está isto a decidir, está isto a acabar, está isto a morrer? Esta gentil Paris, que tem sido a capital do mundo, ver-se-ha hoje reduzida a ser uma especie de deposito publico... de si mesma! Ó solemne desfecho de uma grande cidade, que deita annuncios da sua expropriação por grosso e miudo!

Ao passarmos á egreja da *Madeleine*,—que é a mais bella imitação da arte antiga, entre todos os ensaios dos tempos modernos—alarguei a vista pelos *boulevards*, e vi bem então aquelle diabolico reverso da grande medalha da vida parisiense; as mesas que estacionam ás portas de todos aquelles innumeraveis cafés, estavam de pernas para o ar: os bancos crusavam-se, voltados tambem: as cadeiras, já sem a almofada de seda ou de veludo que durante o dia as cobre, estavam para ali despidas da sua vaidade, embora se lêsse no alto da porta em lettras de oiro *Café Tortoni, Café de Paris, Café Napolitain, Café Richelieu!*

É porque, áquella hora, tudo que constitue Paris, a Paris elegante, a Paris preciosa, a Paris tentadora, a verdadeira e especial e unica Paris, estava dormindo, ou estava a deitar-se, recolhendo da vida alegre, da vida indolente e esquecida, da vida voluptuosa e aventureira d'aquella terra em que a liberdade tem um bonnet, que pendura ás noites á cabeceira, quando o amor lh'o tira!

Estava repousando, áquella hora, a alegria da mocidade, a descuidosa loucura, a vida agitada das noites e do prazer. Tinha acabado o reinado das ceias, das conversações á mesa, das folias do *toast,* das correrias amorosas, das rolhas de Champagne que saltam, das mãos que se apertam, dos labios que sorriem, dos olhos que fingem cerrar-se para ver melhor!

O estudante acabava de deitar-se; a *lorette* estava fazendo a sua *toilette* da noite, os jogadores recolhiam pallidos, os sachristães levantavam-se resmungando; tudo que tinha sido belleza, juventude, prazer, duas horas antes, desapparecêra subito aos primeiros alvores do dia. Tudo se apagára, ou antes alumiara-se tudo. Fugiram as nymphas, os banqueiros, e os dandys. Os sabios estão a apagar a luz.

D'aqui a pouco, sabeis? estarão abertos os cafés: sacudido o pó dos espelhos: as mesas, as cadeiras,

os bancos nos seus logares: e os criados, de gravata branca, esperando-nos. A Athenas da epoca recomeçará o seu curso de cada dia, e o estrangeiro reconhecerá, pasmando, que este é o centro do mundo.

Agora, os varredores limpam as ruas, os soldados suissos sacodem da sua calça vermelha a geada da noite, as *grisettes* deixam apparecer á janella das aguas furtadas a sua touquinha branca espreitando o dia, e o estrangeiro que ali chega a similhante hora, como eu, atravessa simplesmente, indeciso, atordoado, inquieto, o que alli se chama *les enfers de Paris,* os infernos de Paris!

Pára o trem; o cocheiro apeia-se, e principia a descer a bagagem, com o ar reflectido de quem está mechendo em porcelana. Pucho o botão de cobre, que serve de campainha n'aquellas casas, e digo pela primeira vez:

— *Le cordon, s'il vous plait!*

III

Em Paris não se vive em casa.

Almoça-se nos cafés, janta-se nos *restaurants*, e á noite bebe-se *cognac*, cerveja, ou *groseille*, nos botequins, nos theatros, ou nos concertos.

A casa serve para dormir, e para guardar a caixa do chapéo. O parisiense levanta-se segundo a hora adequada á sua profissão e aos seus destinos: se é homem de commercio, salta da cama para fóra ao romper da manhã; e se é *dandy* salta da cama para fóra ao romper da noite, — pois de dia é que dorme.

Sendo empregado publico, toma ás sete horas o primeiro almoço — porque em França almoça-se duas vezes — e depois de ter preparado o estomago

com a sua chavena de café com leite e uma fatia de pão com manteiga, principia a vestir-se, passa a lavar-se, lê um jornal, e entrega-se ao segundo almoço, o almoço de garfo, que consiste n'uma costeleta, ou uma *omelête*, ou rim assado, ou carneiro frio, com a competente sobremeza de um queijinho que custa trinta réis, e que se chama *un petit suisse*. O *petit suisse* é a felicidade do almoço domestico. O empregado publico de Paris póde perdoar á mulher que o envenene como a marqueza de Brinvilliers, mas não encontrará em sua alma uma absolvição para lhe dar, se ella se esquecer uma vez do *petit suisse* ao almoço.

— Menina! grita o dono da casa, quando ao chegar á meza não avista logo entre a fructa o seu fiel amigo de cada manhã. Onde está o pequeno?

— No berço.

— No berço, desgraçada! Eu não te fallo do nosso filho; fallo-te do queijo!

— O queijo! Não te comprehendo!

— O *petit suisse!*

A esposa empallidece.

— Para te dizer a verdade, meu querido...

— Dize toda a verdade!

— A criada esta manhã...

— Conclue!

— Deixou cair na escada...

— O *petit suisse?*

— O *petit suisse!*

— Oh!...

A criada é despedida n'esse mesmo dia, e não se atreve a pedir certidão de bom comportamento, porque deixar cair o *petit suisse* equivale a asphixiar uma creança.

Os banqueiros levantam-se ás dez horas; os deputados e os jornalistas não teem hora; os varredores levantam-se ás tres da noite; as *lorettes* levantam-se ás tres da tarde; e os estudantes não se levantam — porque não se deitam.

Resta saber a que horas chama o seu criado, ao accordar, o parisiense elegante, o parisiense leão, o parisiense *sangue puro*. Isso é o que se perde nas sombras do mysterio; nem mesmo os credores o sabem, apesar de esperarem por elle todos os dias na ante-camara, em quanto lêem os *Debats*, a *Presse*, ou o *Moniteur*, que um criado de libré lhes offerece para se entreterem. É um sonho, o parisiense, é uma idéa, é um heroe de novella, é um mytho, que apenas Sollohoub soube intender.

O parisiense conserva-se, depois de accordar, no delicioso meio somno dos grandes homens; o lethargo de um artista, a modorra de um poeta, a

somnolencia dos victoriosos. Os seus olhos, meio cerrados, fixam-se vagamente nos pequenos nadas que de todos os lados adornam a sua alcova — gravuras, armas, estatuetas — e prendem-se depois aos moveis preciosos, aos moles divans que cercam o fogão, aos bronses que conteem charutos. Enverga em seguida, lentamente, um *robe-de-chambre* de veludo azul com alamares, justo á cintura por uns cordões; põe um bonet bordado de oiro, e calça umas chinelas preciosas. É o rei da moda, esse homem: da moda, que é a rainha do mundo. O elegante dos outros paizes é o soldado; o elegante parisiense é o capitão. Gasta uma renda tonta em inutilidades; usa cinco pares de luvas por dia, dá o tom á sociedade; é o protector dos artistas, principalmente se são mulheres, decide do que é elegancia e do que não é elegancia; é a bussola que mostra ao mundo janota para que lado deve ir. Nenhum *bill* do parlamento poderia alterar os seus juisos. Viaja sempre, não lhe importa nada, não gosta de coisa alguma, e olha para o mundo do alto da sua carruagem. É sempre o mesmo homem, em todas as situações e a todas as horas; sorriso nos labios, phrases promptas; e nos festins, nos concertos, nos bailes, nas *soirées* litterarias — em tudo que enfastia a gente — parece estar sempre satisfeito, conserva-se

sempre amavel, namora, conversa, faz espirito, diz até petulancias graciosas e epigrammas salgados, que se lhe aturam a titulo de jovialidades elegantes; é o seu coração um abysmo turvo, a sua mocidade um mysterio insondavel, um enigma satanico, que termina sempre por fazerem um casamento brilhante, ou morrerem arruinados no centro dos seus colletes e dos seus fracs, como um litterato no meio dos seus livros.

O parisiense, o typo *leão,* a alta expressão do janota, não costuma visitar Portugal. O leitor, que ainda d'aqui não sahiu, não o conhece, ou conhece-o apenas pelas descripções dos romances, e pelas caricaturas do *Charivari:* elle parece-se ainda mais com as segundas. Para lhes dizer em boa verdade o meu parecer, esperava outra coisa dos grandes elegantes de Paris; deram-me idéa de uns personagens de comedia, frisados, engomados, maneirados, com um quer que seja de ar cabelleireiro, ou então, os do genero hirsuto, assustam pelo tom tetrico, pelo olhar cynico, pelo sorriso devastado, pelos cabellos em desordem aterradora como a juba do animal a que pediram emprestado o nome.

Eu encontrava ás vezes no passeio das Tuilleries um dos grandes *fashionables,* e nunca podia vel-o sem surpreza. Era perfeitamente um heroe de jor-

nal de modas, preoccupado unicamente pela idéa de tornar cada marido mais cioso do que duzentos turcos juntos, engatilhando ao canto do olho esquerdo com o ar provocante de um seductor terrorista uma luneta de um vidro só, mettendo o dedo na gola do collete com ares de suprema importancia, e traçando a perna na attitude de um contemplador ironico, que não se digna sequer olhar para o mundo com os seus dois olhos. Apparece o sujeito nos sitios como quem busca pretexto para ir a outra parte; os mortaes avistam-o dois instantes apenas; elle passa, olha, sauda, e desapparece; pelos modos não consiste apenas o seu merecimento em se vestir com luxo, saber viver, e enganar mulheres; sabe reinar sobre o conceito publico, porque fazem reparo n'elle, contemplam-o, citam-o, e mostram-o.

Conta-se d'este original, que tem conseguido fazer bulha em Paris, uma alluvião de casos justificativos da sua reputação. Uns que o illustram, outros que, sem o denegrirem, dão todavia o relevo da graça ás pessoas com quem se tem achado em relações. Contando quasi as amantes pelos dias, o numero de suas conquistas chega a parecer do dominio da fabula. Uma d'ellas, porém, deu mais que fallar, por lhe haver sido muito dedicada. Verdade é que até hoje ainda não se poderam avaliar as pequenas do-

ses de calculo que entram ás vezes em certas dedicações.

Uma occasião entrou o *dandy* em casa da sua amante com ar sombrio e pesaroso.

—Que tens tu? disse ella: estranho-te!

—Eu? Não tenho nada!

—Vamos, sê franco!

A rapariga instou tanto que o elegante finalmente confessou, que desejava sair de Paris, ir viajar durante o verão, e que se via sem dinheiro justamente n'uma occasião em que quasi todos os seus amigos tinham deixado a capital.

—Eis tudo? Não tenho aqui dinheiro, mas dentro d'uma hora terás dez mil francos.

Duas horas depois estava o leão em caminho para Baden.

Decorreram trez mezes, chegou o outono, e o heroe voltou para Paris. Foi a casa da amante: o guarda-portão disse-lhe que já não morava ali; e deu-lhe o novo *adresse*. Chegou n'um pulo, achou uma casa de má apparencia e subiu ao terceiro andar. Depois dos primeiros momentos de ternura disse o irresistivel:

—Porque mudaste de casa, querida? Que aconteceu? Porque vendeste os trastes?

—Simples capricho! quiz mudar d'ares.

— E impossivel! Occultas-me alguma coisa.

A muitos rogos, a rapariga confessou o seguinte:

—Os dez mil francos que te emprestei, não os tinha! pedi-os emprestados com juros exorbitantes e com a obrigação de os pagar em pouco tempo. O praso expirou, não pude pagar, penhoraram-me tudo! Aqui está o que succedeu, amor!

Em seguida foi buscar todos os documentos da penhora, papeis sellados, etc. para mostrar a verdade do seu dito.

O *fashionable*, arrebatado com similhante dedicação, poz-lhe outra casa com grande luxo e duplicou-lhe a mesada.

Até aqui, nada mais natural: agora o revez da medalha.

A narração da penhora fôra um conto.

Uma criada da rapariga tinha por amante um *troca tintas*, que se encarregou d'arranjar os papeis para fingir uma penhora em fórma com todos os termos da lei; depois venderam-se os trastes e arrendou-se um triste terceiro andar mobilado, para esperar ali que o pombo voltasse... ao pombal.

Ha em Paris d'estes grandes senhores, meios principes meios *roués*, aos centos. Se eu poucos vi é porque o tempo em que ali estive não era favoravel a essa curiosidade, por isso que os elegantes

de primeira ordem estavam a recrear-se nas aguas de Spa, a viajar em Italia, ou a jogar em Baden. Quasi todos elles são mais ou menos fidalgos, e os seus nomes são muitas vezes os das principaes familias de França. De uma certa época em diante, quando, exaurido o seu patrimonio, a familia se enfastia de os aguentar na moda, ainda se sustentam pelos emprestimos dos banqueiros, ou pelas liberalidades dos da sua igualha; mas quando tudo isso cansa e quebra, não se soube nunca por que segredos, com que arte, com que sublime genio conseguem elles continuar a viver da mesma fórma, sem que os credores se atrevam a fazel-os visitar a prisão por dividas, nem elles deixem de apostar nas corridas, e perder sorrindo aos dois e quatro mil francos, revez que segundo a phrase elegante apenas os quesila «de se haverem enganado com o cavallo!»

—Tu gastas como um rei! dizia um amigo modesto, a um parisiense de primeira raça.

—Para me entreter!

—Gastas como um milionario, gastas como um louco.

—Tomei este mau costume, e dar-me-hia um trabalho seccantissimo cogitar de o perder.

—Mas, meu amigo, sejamos francos...

—Sejamos!

—Conhecemo-nos de pequenos, fomos educados juntos, cada um seguiu depois seu destino, mas temos direitos antigos para a lealdade de uma advertencia, por mais importuna, por mais impertinente ar que possa ter...

—Sem proloquio: dize o teu conceito.

—Paris observa-te, e maravilha-se...

—Pobre cidade! Isso é de uma boa natureza!

—Os teus amigos abrem os olhos de pasmo...

—Por civilidade!

—Os indifferentes não sabem que pensar.

—São sempre assim!

—Os inimigos, porque os tens, arriscam de vez em quando um encolher d'hombros, um geito de physionomia como quem calla o que é inutil dizer. Em resumo...

—Dize lá!

—Tu gastas immenso, e não tens nada!

—Pois é por isso!

Eis a philosophia da existencia do leão parisiense em ruina. Ou suster-se á altura do seu passado explendor, ou cair de todo. Nem mesmo Paris, e mais é a terra que conhece todas as artimanhas da vida bohemia e da vida doirada, nem mesmo Paris sabe bem quando é que esses homens, sós, isolados no seu quarto, de madrugada, ao recolher das festas,

se concentram por um instante a pensar na onda que os leva, e hesitam ao abrir uma gaveta se devem tirar a caixa dos charutos, se a caixa das pistolas.

Lisboa não conhece nada d'isso. Lisboa tem janotas. O janota é a expressão ridicula do elegante; é o macaco da sociedade; arremeda. Durante um tempo houve em Lisboa rapazes; não eram leões pelo espirito, nem pela fortuna, mas eram briosos, arrojados, gostando mais de mulheres do que de ministros, e não fazendo a côrte a estes de preferencia áquellas, porque preferiam em todo o caso morrer n'um hospital a morrer n'uma secretaria. Divertiam-se a fazer loucuras, davam que fallar de si, beijavam senhoras pela rua, e incommodavam capitalmente os direitos da posse aos maridos que encontravam no seu caminho. Nada d'isto era justo, mas era alegre. Hoje esses rapazes já não são rapazes, e os rapazes de hoje são mais velhos que elles. Ahi está porque a vida parisiense deve parecer por vezes absurda, extravagante, de uma phantasia aventurosa e louca, aos que suppoem que Lisboa é Paris em ponto pequeno.

Toda a gente ali se occupa n'alguma coisa, e parece que ninguem ali tem occupação; tão alegre, entretida e variada é aquella existencia! A população fluctuante girando todo o dia pelas ruas, em *fiacre* ou a pé, auxilia grandemente o movimento e bulicio

d'essa elegante Babylonia d'estes tempos. O numero de carruagens, que desde pela manhã gyram nas ruas, não saberia dizer-se: a barateza das seges de aluguer justifica a abundancia que ali ha d'ellas, e é para notar que todas as familias distinctas, todos os fidalgos, todos os elegantes, todos os banqueiros, todos os burguezes ricos, e todos os estrangeiros que vivem á larga, teem o seu trem.

As seges de praça, cujos preços dissémos no capitulo antecedente, estacionam em quasi todos os pontos, e passeiam de um lado para o outro por todos os bairros, á espera de encontrar freguez. Distinguem-se de umas outras carruagens d'aluguer, conhecidas ali pelo nome de *remises*, por terem o numero em lettras amarellas. A *remise* custa um pouco mais caro, dois francos a hora, é mais aceada, anda mais depressa, tem um cocheiro mais bem vestido, e inscreve o seu numero em pomposas lettras vermelhas. A toda a hora da noite, por peior que a noite vá, e por mais adiantada que seja a hora, se encontra a cada esquina um *cabriolet* ou um *coupé*. Os cocheiros teem as algibeiras cheias de uns papelinhos que marcam os preços e explicam a tabella, e entregam um a cada viandante no momento de entrar na carruagem. Como o espirito da França é a *réclame*, os annunciantes de todo o genero e classe

valem-se d'esta maneira de espalhar a popularidade, e fazem annunciar n'estes bilhetes, por baixo da tabella das seges, a sua loja, a sua fazenda, ou a sua invenção. O estrangeiro que recebe pela primeira vez o papelinho não deixa de o ler todo, para se inteirar do caso, e o annuncio tem não só a certeza de ser lido por estes curiosos, senão por aquelles que para se entreterem teem sempre por uso ler os dizeres do bilhete.

Em Paris o annuncio é a grande mola da publicidade. O francez comprehendeu que a fortuna moderna depende d'essa tuba que chega a toda a parte. Nas estações de caminhos de ferro encontram-se logo em enormes quadros, com gravuras, os annuncios de armazens de fato feito e de medida. O viajante emquanto espera que abram a sala das bagagens, vae logo ficando sciente que o mais vasto armazem de fato, o mais bem sortido, o de preços mais commodos, é o que se chama — *A la Belle Jardinière*. É inutil dizer-lhes que cada armazem de fato que annuncia, se recommenda pelas mesmas condições, e é sempre *o mais vasto de Paris, o mais bem sortido*, e o *de preços mais rasoaveis*. Nos salões de theatro annunciam os livreiros, os armazens de musica, e os photographos: na rua, por intervenção de uns garotos que dão bilhetes a quem passa, annun-

ciam os alfaiates, os marceneiros, os chapeleiros, os occulistas, os sapateiros, e os contractadores de enterros: e nas paredes de certas barracas annunciam os cirurgiões e os boticarios. Tudo está calculado e disposto; o annuncio entra de manhã pela casa dentro na terceira e quarta pagina dos jornaes, sae pela ruas a quem vae passando, e assalta a gente em todo o sitio onde apparece. Muitas fortunas arruinam-se com os annuncios, muitas outras fazem-se por causa d'elles. Ha letras de todas as dimensões, de todos os feitios, e de todas as côres; é preciso que se vejam, que se mostrem, que impressionem, que atraiam; cada annunciante é um Alcibiades, que scisma como hade cortar a cauda ao seu cão, para que reparem n'elle. A America deu o primeiro pregão da riqueza filha do annuncio, e a França preparou muitos Barnums de um dia para outro, sem todavia se arriscar até ao absurdo da especialidade como a Inglaterra, onde quem quizer que deem por elle precisa fazer uma bulha que o mundo oiça.

Em Paris não ha como em Lisboa reputações de bairro, e celebridades que vivem dentro da sua parochia. É-se conhecido, ou não se é conhecido. Qualquer coisa, um gracioso nada, um disparate, alguma anecdota que se espalhe, um bom dito, um murro, uma gargalhada, um espirro a tempo, decidem ali

quasi sempre da sorte de um homem, mais que os exforços conscienciosos em que lucta a seriedade modesta. Sobe-se ao capitolio por um arame, por uma bolla de papel, por um bago d'uva. Ha por lá homens celebres, de quem ninguem se haveria occupado, se não tivessem feito um supremo despauterio. O disparate francez, deve dizer-se, não se parece com o de nenhum povo; é sempre picante, imaginoso, excentrico. Um homem compra um vitelinho, e leva-o para casa; dá-lhe sempre de comer, trata-o com carinho, e deixa-o ir crescendo na agua furtada em que habita. Um bello dia, com o andar do tempo, o vitelinho torna-se n'um boi. A visinhança inquieta-se, assusta-se, despeita-se, e dá parte á auctoridade. A auctoridade visita a agua-furtada, e encontra o boi magestosamente nedio no meio da sala, sem poder andar para traz nem para diante, porque a enche com a sua collossal corpulencia. O dono da casa pergunta delicadamente a que deve o prazer d'aquella visita inesperada, ao que a auctoridade, no auge do pasmo e da indignação, responde:

—Atreve-se a perguntal-o! Vinha por causa d'esse animal enorme, esse boi maravilhoso...

—Vem visitar o meu boi? Oh! Faz favor de entrar!

—O senhor sabe perfeitamente que a lei prohibe crear bois na cidade.

—Na cidade?

—Tanto mais dentro d'uma casa.

—Sim?

—E mais ainda, se mais póde haver, n'um quarto andar.

—Não conta a sobreloja?

—N'um quinto andar.

—Exactamente.

—O seu procedimento tão novo e inexplicavel...

—Como, inexplicavel! Vi uma vez na rua um vitellinho, manso, commedido, gracioso, saltitante, levei-me de sympathia, e comprei-o.

—Senhor!

—Comprei-o, eis tudo.

—Senhor!

—Comprei-o, e trouxe-o para casa. Era um entretenimento. Pequenino, geitoso, meigo...

—Mas o senhor bem sabia que elle havia de crescer!

—Não sabia!

—Como, não sabia!

—Suspeitava; mas affirmaram-me que não.

A auctoridade encolerisa-se:

—Está caçoando por ventura!? Então ignorava que os bois em pequenos são vitellos, e que os vitellos veem a ser bois?

—Tinha idea d'ouvir contar isso, mas como me affiançaram que não crescia, e eu me lembrava de ter comprado uma occasião um cão pequenino que nunca cresceu mais, persuadi-me que o vitello seria da mesma natureza: porque não?

—Todo este caso é original, e vae seguir seus tramites. Comecemos por tirar d'aqui esse inquilino de que o senhorio não teve noticia.

—Principiemos!

Os officiaes de diligencias, depois de algumas intelligentes manobras, comprehenderam a difficuldade da sua missão, porque o boi, não cabendo pela porta nem pela janella, não podia sair. A auctoridade estava fula de colera, os visinhos tinham vindo todos para a escada, os beleguins praguejavam, e o boi olhava para todos com um verosimil ar de surpresa. A auctoridade, depois de uma pausa cheia de reflexão, disse:

—Mate-se o boi.

A esta palavra, o dono da casa ia protestar, quando os visinhos e principalmente as visinhas largaram n'um gritaria infernal oppondo-se a essa resolução, que ia espalhar desassocego no bairro e sangue no predio. A esposa do senhorio principiou a gabar o boi, o inquilino tomou a liberdade de lh'o offerecer, o senhorio não consentiu, a auctoridade disse que

tinha pressa, os visinhos agarraram-se todos ao boi a chorar, e o senhorio consolou os animos por esta phrase:

—Vou cortar o nó gordio!

Os visinhos disseram todos: Ah!...

—Corta o nó gordio, meu homem! exclamou a esposa enxugando copiosas lagrimas.

A auctoridade significou por um gesto cheio de dignidade, que estava preparada a ouvir.

—Aproveito a occasião para fazer obras no predio, e mando alargar a escada, de maneira que o boi possa saìr!

—Isso leva muito tempo. É impossivel; respondeu a auctoridade. Isto hade decidir-se até amanhã.

—Pois decidir-se-ha hoje mesmo, replicou o senhorio em tom picado. Esta tarde alargam-se as janellas, e o boi sairá içado.

N'essa tarde, com grande alvoroço do bairro e dos curiosos, içou-se o boi que sahiu por uma ex-janella, gloriosamente demolida por seis diligentes pedreiros.

No dia immediato não se fallava nos diversos circulos em que a novidade é o elemento principal das conversações, senão do heroe d'esta doida aventura, o famoso inquilino do quinto andar.

Os jornaes relataram o facto; os artistas, os escriptores, e as mulheres, que são a gente que mais se

interessa por tolices, riram muito de similhante desconchavo; e o protogonista da comedia, que ainda na vespera era apenas um trompa de merecimento, principiou a ser um trompa celebre. Chama-se Vivier, e é aquelle mesmo Vivier, de quem os jornaes portuguezes tanto se occuparam, por occasião de elle estar em Lisboa, a proposito de uma *soirée* em casa do sr. conde de Farrobo, e da recusa do presente que lhe foi feito, exigindo em vez d'elle quarenta libras, — preço fixo do homem, por tocar n'um intervallo.

Quando o sol se levanta ali, é para alumiar um povo que tem estado toda a noite a rir, a amar, a cantar, e beber. O francez trepa para a varanda do omnibus, com o ar de um viajante intrepido; a franceza vae para os logares de dentro com a galanteria de uma educanda; e por seis *sous*, tres vintens, n'estes logares, e tres *sous* nos das varandas, vae cada um correr seu destino, alegre como uma manhã d'abril, independente como uma tarde de maio. Em Paris não se anda a pé senão por divertimento; quem tem que lidar, gira nos omnibus, que são de um preço que convida. Mas é tão agradavel passear a pé n'aquella terra, que se faz d'isso um regalo por ser a cidade toda plana, e as ruas bordadas de lojas que obrigam a parar a cada mo-

mento, para examinar e admirar, quando mesmo não seja para comprar.

A pé! mas todo o segredo da vida de Paris, para as aventuras de um estrangeiro, consiste n'isso. Fazer a côrte ao acaso, requestar a sorte, dar d'olho á fortuna. Não faltam ali, com tanto que um homem seja moço, ou rico, nem amores nem triumphos. É inutil procural-os, e é tontice fazer indagações. Um homem accende o seu charuto, mette as mãos nas algibeiras, e vae descançadissimo pela rua adiante. Muitas mulheres passam, que olham para elle, e lhe dizem com a vista:

A loira — Vem, segue-me, persegue-me, finge que me tentas, que me encantas, que me seduzes, que me vences. Eu quero dar-me sem que tu proprio possas dizer a todo o tempo que não me pediste. Faze-me um pouco a côrte! Duas amabilidades a meia voz, duas graciosidades em voz alta, uma pergunta ao ouvido. Vem! segue-me, persegue-me!

A trigueira. Eu sei que dizem pelo mundo, que é só na Hespanha que ha cabellos negros. Bem vês que não. Tenho-me encontrado em noites escuras, que apenas um raro clarão alumiava; toda a luz espalhada, em redor de mim, partia de meus olhos!

A lorette, na sua carruagem. Quem se quer arruinar? Quem póde? Tu, que passas, és porventura um

grande senhor, um judeu de oiro, um nababo opulento? Que me offereces, que me preparas, que me destinas? A ventura trivial é estreita de mais para o meu espirito, e as fabulas com que me acalentaram no berço occultam um sentido mais profundo do que o trilho real da vida. Preciso do mundo deslumbrante das maravilhas, unico que responde á sêde dos meus sonhos, que me abre espaços eternos, e de todos os lados estende mil ramos, sobre que se balança a minha embriagada tentação!

A burgueza. Meu marido está no seu emprego, na sua fabrica, na sua loja. Quem suspeita, vendo-me conduzir este gordo embrulho de bollos, que não foi para fazer compras que eu saí, mas para correr ao acaso! Preciso de um pequeno romance na minha existencia insipida. Que pena não haver já divindades que se entremettam com graça na vida de cada um! O fastio hade perder-me, porque me dá tempo a pensar. Diz um auctor que o amor acredita nas divindades por ser elle mesmo divino; bem o conheço agora. Ah! porque não me concede a sorte um seductor de passeio, um tentador occioso, homem que perca tempo a amar, em vez de ir para a loja, para a fabrica, ou para o emprego! Se é verdade que nas alturas do infinito, entre as estrellas scintillantes, os laços d'amor que deviam unir-nos esta-

vam já tecidos antes de nascermos, — não haveria engano, para mim, com meu marido!?

Tudo isto ellas dizem com a vista, e dizem mais ainda; e muitas outras, que a facil perspicacia do leitor adivinha, as fidalgas, a *grisette*, a mulher do povo, e até a estrangeira, que ha tantas ali, umas que o são, outras que o fingem, dizem no giro dos olhos, tão depressa fixando um como outro, até encontrarem o que lhes prenda a vista, coisas que toda a gente na vida tem sonhado ou ouvido!

Nas outras terras vae-se atraz de uma mulher; mas em Paris, — oh! cidade espirituosa! vae-se atraz *das mulheres*. Ao acaso, ao Deus dará, ao correr da fortuna. Até que, a olhar para todas, ha uma que olha para nós. Quando ella olha, é certo; em Paris olhar, é tentar, ou convidar, ou pedir. Ali os olhos não podem perder tempo, e não andam a namorar ás tontas. Que vida! Por isso, ouve-se muitas vezes na rua, entre dois amigos, que se encontram *flanando*, este dialogo ligeiro:

— Que fazes tu?

— Vou atraz das mulheres! (*Je suis les femmes.*)

— Tambem eu!

— Dá cá o braço.

E elles ahi vão, braço cá, braço lá, por aquelles *boulevards* fóra, em passo lento e attitude empre-

hendedora. Nem por seguirem ambos o seu proposito, se julgam obrigados a ir cada um por seu lado da rua; ha campo ali para todos, e por irem a dois e dois não faltam tambem aventuras aos pares. Ao que elles não se arriscam é a ir fallar á que não olha para elles, não lhes aconteça o mesmo que áquelle imprudente, que, sem apresentação previa, foi dizer ao ouvido de uma grande *lorette* a quem não conhecia, se lhe dava licença de a accompanhar.

— De longe ou de perto?

— De perto.

— Atraz ou ao lado?

— Ao lado.

— Até á porta, ou para entrar?

— Para entrar.

— *Vous êtes donc bien riche!* diz ella, medindo-o antes de lhe dar o braço.

Tambem, o que em toda a parte tem uma significação especial, deixa de a ter ali em relação ao passeante: entre nós ir atraz de uma senhora significa ser um namorado, um amante, um espião, ou um atrevido; em Paris, não, porque o sujeito não vae atraz de uma mulher, vae atraz de todas; já se sabe ao que aspira, e a quem se dirige: só o acceita quem quer, quem não quer não o escolhe. O homem deixa de ter individualidade, e cessa de ser quem é:

acaba-se-lhe o nome, a profissão, e o sojorno: não tem familia, nem emprego, nem morada; é um *tic* da vida parisiense, e nada mais.

—Quem é aquelle sujeito?

—*Un monsieur qui suit les femmes!*

E tudo fica dito!

N'esta festa quotidiana, corre ás soltas o amor-capricho, aquelle doce e commodo sentimento que não quer jugo nem laços, e que offerece o prazer sem os ciumes da posse, os horrores da infidelidade, e os perigos do abandono. Um trocar de vistas e de palavras, comer pasteis na mesma loja, estar a examinar objectos no mesmo mostrador, são o prologo infalivel de um d'esses *rendez-vous* da manhã, que não se esperam, com os quaes não se conta, e que veem sempre ao encontro de cada um. Os maridos ali perigam um pouco mais, pela liberdade de costumes, mas por isso se dispensam do ar matamoiros dos de cá, que, para não cairem no risco de deixar sair as senhoras sem companhia, as incumbem ás creadas, sem reccorrerem siquer ao unico segredo conhecido no paiz de não ser a creada cumplice da ama, que é —namorar a creada.

Passear nos *boulevards* não é uma distracção apenas, mas uma occupação; vê-se, e é-se visto. Os estrangeiros gostam de seguir aquella linha immensa

de casas enormes, e lojas deslumbrantes, por onde passam nos dias de verão as *toilettes* ruidosas, os chapéos fresquissimos, as flores multicores. Os cafés auxiliam a vida d'este sitio especial pelas suas mesas portateis, para os amadores do ponche gelado, e da litteratura quotidiana. Aquelle passeio enorme offerece a perspectiva de um rio de sobrecasacas pretas esmaltadas de vestidos de seda, que corre por um lado e outro. Nos dias de folhetim de revista da semana, que costumam ser ás segundas-feiras, os jornaes são impacientemente disputados nos cafés, porque o genero de litteratura mais accentuadamente parisiense é o folhetim; e o francez, principalmente o francez de Paris, adora o deus Jules Janin, o deus Paul-de-Saint-Victor, o deus Jules Lecomte, e o deus Théofile Gauthier. Durante a leitura, é coisa graciosa de ver a attenção, o interesse, o enthusiasmo, com que o francez sauda as observações e os gracejos do folhetinista. Interrompe-se para fallar só, exclama em voz alta — *Est-il original! Est-il plein de verve!* convida um parceiro a concordar que aquelle é o mestre do genero, lê uma phrase a um homem que vae passando, decóra uma idéa, copia na carteira uma palavra, grita *Viva Janin*, grita *Viva Lecomte*, grita *Viva a França!* E as bellezas da moda vão descendo deslumbrantes as ruas Laffite, Lepel-

letier, Taitbout, du Helder, que estão entre os ninhos galantes do bairro Breda e a arena do *boulevard*.

O *boulevard* Montmartre continua as bellezas e explendores do *boulevard* Italiano, ficando-lhe á esquerda e á direita a *passagem* Jouffroy, e a *passagem* dos Panoramas, labyrinthos de galerias de vidro, relusentes, tresbordando de oiro, exposições permanentes do luxo e da industria.

Já o *boulevard* Poissonnière não é um sitio puramente distincto, sem comtudo poder dizer-se um bairro democratico. Os *magazins* pomposos são suppridos por lojas bonitas, mas de uma belleza sem orgulho. Ás casas de pasto frequentadas pelos Luculos da epocha, succede uma cosinha modesta e discreta, onde os artificios da galanteria gastronomica se tornam da simplicidade engenhosa d'aquelles jantares á franceza do nosso Matta, em que o primeiro prato é um ovo em cima de uma folha de couve, e o segundo prato uma folha de couve por cima de um ovo.

Desde o *boulevard* Saint-Denis, todo cheio de lojas de ourives e de relojoarias, observa-se já uma bulha e um movimento, diversos do outro movimento e da outra bulha, e que não interessa senão pela physionomia popular. Ali o frac roça pela *blouse*, e

o cachimbo destrona o charuto. Vae uma pessoa por ali fóra, e qualquer coisa fórma um acontecimento, porque a população operaria de Paris gosta tambem de *flanar* quando sae da fabrica; tudo que vê a entretem, tudo que passa lhe interessa; um omnibus que se quebra, um cavallo que cae, dois cocheiros que se insultam, fazem um ajuntamento. E logo depois, ao entrarmos no *boulevard* do templo, a que os parisienses chamam por chalaça *boulevard* do crime, em resultado dos crimes que se commettem regularmente cada noite das sette ás onze, horas nos diversos theatros situados n'aquelle bairro, sente-se a gente em plena atmosphera nova, principalmente á noite, quando o Circo, *Gaieté*, *Folies dramatiques, Folies nouvelles, Funambules,* ostentam os seus gigantescos transparentes a annunciar quanta extravagancia pantafansuda tem passado pelo cerebro dos *magiturgos*, dramaturgos, e *farçaturgos*, que um Deus Creador tem mandado ao mundo.

O *boulevard* das *Filles du Calvaire* faz, como se dizia nas comedias antigas do theatro do Bairro Alto, *mutação á vista*. É o bairro das marcenerias. Saem d'aquellas lojas os mais elegantes moveis d'ebano, trabalhado com grande solidez e bom gosto, com perfeitissimas grinaldas de folhagem, figuras heraldicas, brazões, e simbolos significativos, que susci-

tariam sonhos romanescos a qualquer castelã dos velhos tempos.

Chegámos finalmente ao *boulevard* Beaumarchais, que é modernissimo, e explendido de predios que parecem palacios. Conforme já lhes havia de lembrar, dá nome a este bairro o auctor do *Barbeiro de Sevilha*, do *Casamento de Figaro*, e da *Mãe culpada*, essa alegre triologia de triste desenlace. Beaumarchais, ao que se conta, tinha ali uma casa, que foi demolida ha pouco tempo.

Se fossemos no omnibus da Madeleine á Bastille, isto é, no omnibus que percorre toda a linha dos *boulevards*, apear-nos-hiamos n'este momento: os *boulevards* terminam na praça em que foi a Bastilha, essa prisão celebre, principiada por Filippe-Augusto e embelesada por Luiz XI, que recebeu debaixo das suas escuras abobadas tantos prisioneiros illustres, fidalgos, prelados, financeiros, diplomaticos, escriptores, e poetas, e que, depois de atravessar o seu periodo de execração, cahiu ao primeiro toque de rebate da revolução franceza.

Por tres vintens nos logares de dentro, e trinta réis nas varandas, anda-se de omnibus todo este interminavel caminho, que chega a parecer curto pelo muito que ali ha que ver. A vida d'omnibus tem os seus segredos e os seus divertimentos. Passam-se

ahi aventuras excentricas, e successos imprevistos. Quantos casamentos d'ali teem saido! Um encontro no omnibus é quasi sempre uma comedia, um drama ás vezes, que tem segundo acto... em casa. Lembram-se d'aquella farcita, que o nosso theatro normal deu em tantas recitas, a *Historia de um pataco*? É uma scena da vida de Paris, que apenas perdeu por ser transplantada para Lisboa: uma senhora que se faz córada no omnibus na occasião de pagar, por lhe faltar dez réis, um *sou:* um cavalheiro percebe o embaraço d'essa senhora, e empresta-lhos (na comedia em portuguez tornou-se maior o favor, saltando de um *sou* para um pataco: generosidade de imitador!); no dia immediato, esta senhora, que caza n'esse dia, está a pôr a corôa de flores de laranja, quando lhe apparece o sujeito da vespera a reclamar o seu *sou;* este pretexto de a tornar a ver colhe tão bom resultado, que depois de conversarem muito, e com muito espirito, a noiva, com quem casa, é com o seu crédor!

Tudo que ha de amores, caprichos, devaneios, brincadeiras, farças, tonterias, e cassoadas, se tem passado nos omnibus. O francez tem aquelle pequenino campo de successos, e maganices, reservado para os dias de chuva. Sei de um que fez por lá esta:

Arranjou um manequim do tamanho de um homem, e vestido em termos: apeou-se de um fiacre com o boneco debaixo do paletot, entrou de repente para um dos omnibus que estacionavam sem gente, e collocou-o ao fundo, muito bem direito, como se fôra um viajante. Principiou a encher-se o omnibus, e partiu. O costume é darem primeiro os bilhetes de *correspondencia* as pessoas que os tomaram para terem o direito de seguir depois nova direcção n'outro omnibus sem pagar mais; acabado isto, o porteiro recebe o dinheiro dos outros viandantes. Já todos tinham pago, menos... o manequim.

O porteiro gritou-lhe:

—Olá, falta o senhor!

O vulto, *moita*.

O porteiro, gritou de novo:

—Falta ainda o senhor, não ouve?

O inventor da farça, que ficára ao pé do porteiro, disse-lhe:

—Aquelle homem ia agoniado ainda agora, e vae tão livido!

—Irá elle a dormir! retruca o porteiro. Olé, senhor, ainda não pagou!

Os visinhos sacodem-o.

—Não falla! diz o auctor da farça. Está morto!

Á voz de morto, as senhoras soltam um grande

grito, os homens mandam parar, o omnibus pára, sae toda a gente, o porteiro chama um gendarme para tomar noticia do facto, o gendarme entra, e vae com o porteiro, revestidos ambos de uma gravidade funebre, agarrar no cadaver: olham-se estupefactos, apalpam o morto, e ficam ambos vexados ao reconhecerem—um manequim!

IV

Estamos no paiz dos theatros, e é-nos preciso principiar por um. Para quem está nos *boulevards* é difficil a escolha, por encontrar todos ali reunidos, o *Gymnase*, o da *Porte Saint-Martin*, o *Ambigu-Comique*, o *Théatre Cirque*, *Gaité*, o *Folies Dramatiques*, o *Déjaset*, o *Funambules;* sem citar o *Théatre Français* e o *Opera-Comique*, que apenas distam dois passos. Nada, pois, de escolhermos; vamos ao acaso e á boa ventura, sem mesmo nos importar estrearmo-nos pelos Funambulos.

O theatro dos Funambulos deve dizer-se que é a flôr dos theatros do povo, e o estrangeiro póde ali melhor que em parte alguma contemplar a enorme

multidão que se agrupa á porta antes de principiar o espectaculo, ajuntamento fabuloso a que ali se chama *queue*, e que não existe senão em Paris. Centos de *blouses* e de sobrecasacas esperando que o theatro abra, e formando serpentes interminaveis em que cada escama é uma creatura, creatura ou escama que vae ali — faça calma ou frio, chova ou caia neve — dobra-se, enrosca-se, por todos os modos, de cabeça immovel, deante de uma barreira que tem hora fixa para abrir. Eu dir-lhes-hia tudo que me lembra, tudo de que tomei nota, e tudo de que me informo agora mesmo, e seria tudo pouco para lhes dar idéa d'aquella balburdia especial. Os cosmopolitas vendilhões de côco desprendem ali garridamente a voz:

— *Cócó! Cócó! Marchand de cócó!*

Os gritadores de programma apregoam em todos os tons, tom fino, tom profundo, tom flauteado:

— O programma, tres *sous!* Tres *sous* o programma.

— *A Orchestra*, jornal da noite! *A Orchestra!*

— *O Entre-acto*, que sahiu n'este instante, o *Entre-acto!*

— *O programma Figaro!*

— *O Jornal para todos*, tres *sous!*

E ainda o *Tintamarre*, e o *Puff!* e o *Boule-*

vard, e mais cem mil de que me esquece o nome.

A esta gritaria, juntem os pregões dos que vendem laranjas e refrescos, e imaginem toda essa gente a gyrar, fallar, gritar, disputar, apostrophar, injuriar, em quanto o theatro não absorve pela sua estreita entrada a maré crescente de espectadores.

O theatro *des Funambules* é pequeno, barato, e o mais popular de todos de Paris. Sustenta-o um grande artista, filho de um grande artista tambem, Debureau. Debureau não é conhecido senão pela litteratura e pelo povo; a burguesia nunca o viu, nem pensa n'elle. George Sand, Janin, Gauthier, teem-o saudado mil vezes nos seus artigos, e nos seus livros até; o povo applaude-o cada noite, ri com elle, festeja-o, acclama-o, adora-o. Representam-se exclusivamente neste theatro magicas-pantomimas; é um genero que entre nós não se conhece, e que mesmo em França só ali se encontra, porque não poderia subsistir sem o talento especial de um excellente artista. A pantomima esteve morta, e resurgiu ali; um sorriso atravez de um véo de renda, ou, se assim o querem, atravez de um farrapo de filó, é o mais que se podia esperar d'essa viuva afflicta, que parecia condemnada a chorar eternamente os extremos affectuosos do mimo da antiguidade!

Nos camarotes, na galeria, na plateia, reina o

mesmo espirito folgasão, turbulento e ruidoso. O povo é rei ali. O oculo é repellido e apupado, como uma momice de presumidos. — « *A bas les lorgnetes!* » O povo, na sua sinceridade, não admitte que se tenha a vista curta, e supprime o oculo.... —para ver melhor!

Tratam-se n'aquellas pantomimas assumptos de toda a ordem. No programma de uma das peças, o *Criado da morte*, lê-se, por exemplo, este curioso periodo: — O *homem espirituoso* hade desembaraçar-se definitivamente da morte; hade matal-a, esmagal-a, para chegar a destinos superiores; livrar-se-ha então das condições materiaes e relativas que devoram os seus progressos; as faculdades psycologicas ou physicas, unicas conhecidas e estudadas até hoje, transformar-se-hão em faculdades hyperphysicas, e o espirito poderá gozar de toda a sua espontaneidade creadora. » A difficuldade, já se vê, está apenas em encontrar o *homem espirituoso!*

Na representação a que eu assisti dava-se a peça em 23 quadros *Mémoires de Pierrot*, magica-pantomima em despedida do *boulevard*, porque o theatro ia ser demolido. O programma, que aqui tenho deante de mim, e que vou dar textualmente, dizia:

M. Debureau

DESEMPENHARÁ VINTE E UM DIFFERENTES CARACTÉRES

1.º	quadro.	Pierrot no betume.
2.º	»	O genio dos theatros.
3.º	»	Entrem e comprem bilhete!
4.º	»	Pierrot remendão.
5.º	»	Pierrot patusco.
6.º	»	Pierrot trapeiro.
7.º	»	Uma funcção na taverna do Coelho preto.
8.º	»	Pierrot vendilhão d'hortaliça.
9.º	»	Pierrot galucho.
10.º	»	Pierrot na Africa.
11.º	»	Pierrot pachá.
12.º	»	Pierrot tambor mór.
13.º	»	Os theatros n'este tempo.
14.º	»	Pierrot criado.
15.º	»	Pierrot em toda a parte.
16.º	»	O bosque magico.
17.º	»	O castello de cartas.
18.º	»	A escada encantada.
19.º	»	O palacio de Pierrot.
20.º	»	O palacio de Polichinelo.
21.º	»	O palacio d'Arlequim.
22.º	»	Creação de Pierrete.
23.º	»	O templo da Pantomima.

A peça era entremeada de canto, dança, metamorphoses, etc. A companhia é numerosa, e possue alguns artistas no genero burlesco e popular, que arremedam excellentemente os outros de fama, e fazem a caricatura dos typos mais salientes dos dramas da voga. Debureau é o typo do mimo elegante, sóbrio, e perfeito, segundo as regras que presidiam á pantomima, nos tempos em que ella fazia parte da educação romana. Comprehende-se, ao vêl-o, a grandeza d'essa arte de que o grande Seneca gostava tanto, que Augusto animava, que Mecenas protegia. Comprehende-se tão bem o que elle diz por gestos, como o que dizem outros em palavras. Tem a lingua na ponta dos dedos, aquelle original! Falla com a bocca fechada; o silencio d'elle é uma voz. Fica-se acreditando em Roscius, que traduzia por gestos as obras de Cicero! Vê-se, por elle, quanto os outros ignoram a mimica, no que diz respeito a fazer concordar a physionomia e as maneiras com a phrase que dizem.

É um homem de boa apparencia, semblante agradavel, e modos faceis. A sua carreira tem percorrido todas as incertezas e aventuras da vida d'artista. Esteve na Alexandria por algum tempo, representando para o vice-rei, e contam-se d'então muitas historietas. Uma noite que elle representava, foi

agarrado á entrada do palacio pelos kawas, especie de guardas, que não o queriam deixar passar. O mimo perdia o seu tempo a explicar-lhes que era comediante de sua alteza; e os hawas permaneciam inflexiveis, porque não sabiam francez. No momento em que o caso se ia tornando sério, porque o homem já estava aos encontrões á guarda, appareceu felizmente um general turco; o motivo da ordem era porque áquella festa não deviam assistir homens nem mulheres... — quer dizer — europeus nem gregos, mas simplesmente turcos. O scenario deslumbrava de riqueza. O vice-rei estava vestido como nos contos de fadas. A noticia da aventura do mimo, augmentou ainda mais o encanto da recita. Cita-se essa representação como um dos triumphos mais singulares e decisivos. O vice-rei querendo armar uma cassoada aos seus bobos (no Egypto ainda agora estão com os bobos!) combinou com Debureau fazer vestir de urso um dos actores; quando appareceu o urso, os bobos não sabiam o que fazer de medo; então, o mimo puchou pelo nariz a Polichinelo, que soltou um ronco pavoroso; e os bobos, aterrados, desataram a fugir com quantas pernas tinham, cuidando ser o diabo!

No theatro *des Funambules* o sentimento popular respira em toda a sua liberdade; as peças estão d'ac-

cordo com a platéa, e a corda democratica vibra de enthusiasmo: a cada instante o espectaculo toma uma feição que não poderia confundir-se: ha momentos em que as observações dos espectadores formam, por assim dizer, uma outra comedia. Um actor, em scena, citava a conhecida maxima dos francezes: *Qui paye ses dettes s'enrichit;* Quem paga o que deve, crescem-lhe os bens:

— *Bah!* diz em voz alta um espectador. Isso é um boato que os crédores espalham!

Eis um simples facto, que me foi contado por uma das *ouvreuses* do theatro, durante um intervallo em que foi vender-me a peça ao camarote de *primeira ordem,* em que eu estava por dezeseis vintens! Parece que durante a representação de não sei que peça, em que um dos actores declamava n'um tom de voz extremamente baixo, lhe gritou um dos espectadores:

— Mais alto!

O actor respondeu sem se alterar:

— E o senhor mais baixo!

A platéa indignada, largou em apupos que fizeram terminar o espectaculo, e a policia obrigou depois o actor a pedir desculpa. Constrangido horrivelmente em se sujeitar a essa intimação, o actor foi dizendo assim:

— Meus senhores; nunca conheci tão bem a bai-

xeza da minha profissão como pelo passo que sou n'este momento obrigado a dar!»

Esta primeira phrase, comquanto um pouco offensiva para o publico, foi saudada pela platéa com um enthusiasmo verdadeiramente generoso e democratico, não consentindo mesmo que elle proseguisse o discurso para não se humilhar. É possivel que nos theatros de primeira ordem, os *luvas brancas* não soubessem ser tão cavalheiros, como aquelles sinceros *blouses* de mão suja!

O que ha principalmente a admirar nas curiosas arlequinadas d'este theatro, é o ar de convicção com que tudo ali se executa. N'uma scena da peça a que assisti, mettiam-se a ridiculo as velhas e gastas molas das peças de expectaculo, com referencia á magica *Rothomago* que estava dando o theatro *Cirque*. O glorioso palhaço com a sua espirituosa cara de gesso, e os seus dois olhinhos negros de malicia e de reflexão, passeiava, de mãos nas algibeiras, pelo caminho de duas estradas, que conduz á virtude ou ao vicio: tratava-se de roubar, ou não roubar uma empada. De repente, abre-se um alçapão, e de um tufão de essencia de terebinthina sae uma figura preta e monstruosa. Dèbureau fica pasmado a olhar para o diabrete, que lhe diz n'um tom d'ameaça:

—Eu sou o teu genio do mal!

Sem parecer alterar-se, o nosso homem vae agarrar uma tranca que está a um canto da casa, levanta as mangas, cospe nas mãos, e, com o ar reflectido e sonso que lhe é familiar, corta com muito aceio em duas metades o seu genio mau, e atira com ellas para o alçapão que ficára aberto. Despachado o genio mau, ainda agora chega uma fada deslumbrante de pedrarias, com lantejoulas nos cabellos em ar de estrellas, descendo de uma nuvem, e dizendo ao arlequim:

— Eu sou o teu genio do bem!

Debureau leva da tranca, cospe outra vez nas mãos, e corta o genio bom em tres bocados; depois, come a empada, e a acção continúa como se não houvese acontecido similhante coisa.

Cuidava eu até áquella noite, que o palhaço Debureau não passava de um espirituoso paradoxo de Janin, e de Méry; mas não: elle é, simplesmente, o maior mimo do mundo, surprehendente de finura e de verdade!

Deixemos, porém, o pobre theatro situado na ordem hierarchica e geographica nos ultimos limites dos *boulevards*—theatro em que o povo, em quanto não principia o espectaculo, se diverte a bater palminhas no jogo do *sapo e gato*, como se estivesse n'uma reunião familiar; e em que o auditorio das

varandas conversa para a superior a respeitò dos seus negocios, até ao momento em que o contraregra faz soar as tres pancadas, especie de *quos ego* que faz entrar tudo na ordem! Deixemol-o entregue ao caracteristico ruido do seu publico, e vamos passar o resto da noite... ao theatro francez!

O theatro francez não marca apenas inauditos progressos de declamação sobre os theatros dos outros paizes, mas tambem sobre os outros theatros de Paris. A atmosphera d'aquella sala é em tudo diversa das mais, desde o theatro em si até ao publico, desde os actores até ás peças, desde as peças até ao scenario. Subsidiado pelo governo, este theatro é consagrado exclusivamente ás melhores obras classicas, e ás producções modernas em verso e prosa, tragedia, comedia, e drama. A sala é de um gosto simples e sereno, como convem á natureza de um theatro que pede o seu melhor explendor á litteratura mesmo. O *foyer*, é ornado dos bustos dos poetas e escriptores dramaticos de França; dizem-se esses bustos perfeitamente authenticos como similhança, e alguns são considerados como excellencias d'arte.

Desde o comediante Baron até á immortal Rachel, quantas glorias scenicas teem atravessado aquelle palco, que se chama a si mesmo casa de Moliére! Esqueçamos os *Funambulos*, as blusas, e o sapo e

gato: eis-nos em boa sociedade. Todas estas senhoras, que estão na primeira ordem, são marquezas ou duquezas; quasi todos esses cavalheiros dos logares da frente são os De Marsay, os D'Alençon, os de l'Estrade, os Bianchon, os Rastignac, os Rubempré, De Trailles, etc. da comedia parisiense, que Balzac photographou com a sua exactidão diabolica. Cada cadeira tem a sua historia, cada oculo o seu segredo, cada camarote o seu romance. É a vida grandiosa com todos os mysterios da sua elevação; é a vida publica com toda a mascara do seu destino. Mais de uma scintillante princeza da moda, que finge rir com gosto ao escutar as graças do *Doente imaginario,* ou durante a tragedia se dá o ar de pena, como quem partilha as tristezas das heroinas de Racine, não é mais do que uma viscondessa de Beauséant que está em vesperas de abandonar para sempre a sociedade e retirar-se a expiar no fundo da provincia a imprudencia de um erro, ou uma filha do Père Goriot que vive obscuramente ao cantinho de alguma *maison Vauquer*, sem que ninguem suspeite n'elle o pae regeitado de uma grande senhora, ou ainda alguma duqueza de Langeais a quem a ferocidade amorosa de um vingador hade despenhar de todo a sua explendida e ruidosa elegancia até á cella escura e humida de um convento!

Dava-se os *Caprices de Marianne*, de Alfred de Musset, da primeira vez que fui ao theatro francez. Não sei se conhecem essa poetica phantasia do auctor de *Rolla*. É a historia de uma paixão de creança, e de um devaneio de mulher fria; para dizermos melhor, é talvez o resumo philosophico de todos os amores da vida, em que quasi nunca é amado quem nos ama. Uma dama italiana, nobre e bella, que é adorada por um moço chêio de enthusiasmo, de ardor, de seducção, que o aborrece justamente por isto, e que deixa levar-se de uma idéa, de um desejo, de uma tentação, de um capricho, pelo amigo intimo d'esse mesmo moço, um diabo extravagante e gasto, que gosta de cantar á guitarra, e beber até alta noite, e que não tem gosto, tempo, nem paciencia para amores difficeis e aristocraticos. É Magdalena Brohan quem desempenha a parte da protogonista, dando Musset por quadro á sua belleza, e Marianne por moldura ao seu talento. Eu vi depois representar Augustine Brohan n'uma peça de Marivaux; é uma actriz cheia de vida e de espirito, melhor comediante do que sua irmã Magdalena, mas eu recordo-me com mais prazer de Magdalena, do que de Augustine; é porque uma é a belleza, a outra o talento — e eu estimo acima de tudo nas mulheres o talento da belleza. Magdalena Brohan é o

que póde chamar-se uma formosura fecunda: alta e brilhante, fórmas admiraveis, sorriso languido e olhar distrahido. Á sua apparição em scena ha sempre um triumpho d'oculos. O seu talento scenico tem uma côr devaneadora e romanesca, que se presta principalmente ás composições delicadas dos fantasistas, Alfredo de Musset, Ratisbonne, Octave Feuillet. Sua irmã Augustine é a joia dos *soubrettes*, mas, para lhes dizer a verdade, tenho muito pouca sympathia pelo genero, e isso prejudica a minha admiração. É notavel de finura, de alegria, de franqueza, *d'ampleur* como elles por lá dizem. A nossa Delfina não lhe é nada inferior; unicamente se distanceiam em ser esta o typo portuguez da *soubrette*, isto é, a burgueza, a lacaia, a ladina, segundo a verdade nacional—e ser a franceza uma *coquette* graciosa, que desempenha tambem papeis de senhora com facilidade, porque a sua elegancia e distincção a auctorisam a isso.

Emquanto ás outras, gostei da Fix, que tem o sorriso meigo e intelligencia sympathica; lembro-me com prazer da Figeac, que se distingue pelas suas graças de mulher, e pela vivacidade com que atira a replica; parece-me bem a Ponsin, que tem a dicção bonita e uma voz encantadora; e uma gorda Nathalie, um pouco massadora, que se me apresentou

feita mulher do Corneille n'uma peça em verso *Corneille a la butte Saint-Roch*, é artista que sabe da sua profissão, e em quem ha a observar dotes de uma seriedade suave, de uma commoção serena e communicativa, que enternece a boa gente a ponto de a fazer chorar; a mim, ia-me fazendo dormir, diga-se a verdade.

Emquanto aos homens, são todos elles celebridades de que já não ha nada a dizer. O leitor, que não os viu, sabe tambem como eu que Samson é um grande mestre, Geoffroy um talento elastico, que passa da tragedia ao drama, e do drama á comedia, sem deixar de ser sempre bom, Provost a nata dos *financeiros*, o centro dos centros, e Regnier um talento fino, espirituoso, e instruido, que tem levado a vida a saltear dos personagens classicos, Scapim, Figaro, Crispim, para os papeis do reportorio contemporaneo.

Regnier foi o unico artista, com quem eu fiz conhecimento em Paris, e a maneira porque isso aconteceu tem tanta novidade que não me dispenso de a contar. Tinha eu mandado fazer bilhetes de visita, e no dia em que estavam promptos mandaram-m'os a casa. A unica alteração que tinham aos que eu mandára fazer, consistia em que, em vez de «Julio Cesar Machado» que eu mandára gravar, lia-se

Regnier, de la Comédie Française. Na minha distracção habitual, metti bilhetes na carteira sem os ver, e sai: emquanto eu, n'essa manhã, fazia visitas em nome de Régnier, Régnier fazia visitas em meu nome, sem que nenhum de nós désse por isso, — o que prova uma vez ainda que não ha nada tão inverosimil como a verdade! Um accaso porem havendo-nos feito observar os cartões, cada um de nós tratou de remediar o successo, fazendo ainda o accaso que nos encontrassemos na loja pela mesma occasião. Rimo-nos muito do engano, o dono do estabelecimento pediu-nos mil desculpas, desfizemos a troca, e saimos juntos a conversar. Na manhã seguinte, eu recebi um bilhete de visita de Régnier que escrevera ao lado «*Encore!*» e elle recebia um, em que eu escrevera por cima do meu nome *Toujours!*

Encontrei-o depois, uma vez na Rue de la Paix, saudamos-nos amavelmente; eu perguntei-lhe:

— Como tem passado, sr. Machado?

Elle respondeu-me:

— Soffrivelmente, e o sr. Régnier?

— O melhor possivel!

— Como vae a *Comedia franceza?*

— *De mieux en mieux. Elle a repris son nom!* respondi-lhe a rir.

O que ha para fazer sentir, ao tratar do Theatro Francez, é a escolha de reportorio, a pureza com que ali se falla a lingua, o esmero que distingue a *mise-en-scene*, a recitação, e a caracterisação.

Não se faz obra segundo o accaso das inspirações fogosas. Quando ha duvidas sôbre a verdadeira intenção d'uma phrase, discute-se como n'uma academia. São lições d'arte theatral, dadas no theatro mesmo, que suscitam a idéa da excelencia de resultados que poderia provir de lições de strategia em todos os campos de batalha! Alguns artistas novos sobresáem já n'este theatro, com justiça: o chamado Worms, e o Delaunay, são dois actores sympathicos, callorosos, nobres, cujo merecimento assegura um victorioso futuro. É pena que o pessoal d'este theatro esteja um pouco pobre de interpretes tragicos, e que as peças do genero sejam representadas d'uma maneira, que me deixou muito a desejar: Maubant não passa d'um artista de segunda ordem; Guichard é cheio de brutalidades e de violencias sem vigor; Laroche e Verdellet são vulgares; e a Devoyod, sendo uma artista intelligente, que possue boas qualidades scenicas e a faisca do fogo sagrado, tem defeitos de pronuncia que desagradam, e por mais intrepida que seja no trabalho, por mais ardente que seja na lucta, não consegue disfarçar

os perigos da incumbencia que tomou,—representar os papeis de Rachel; e a mim, portuguez, quando estava a vel-a applaudir, fez-me pensar em Emilia das Neves, por quem a natureza fingiu haver feito todo o possivel para a tornar a primeira actriz do seu tempo, ao passo que, por pirraça, lhe dava a vida em Portugal!

V

Como não havemos de correr todas as egrejas de Paris, visitemos Notre-Dame, que é a melhor; e a Madeleine, onde ouvi missa.

A famosa cathedral pareceu-me mais admiravel ainda de elegancia, do que de magestade; observa-se-lhe uma severidade de linhas, um tom grandioso de formas, que revelam a arte em toda a delicadeza dos seus segredos. Foram precisos tres seculos para acabar esse edificio, de que o Papa Alexandre III collocou a primeira pedra. A fachada, surprehendente de solidez e de força, ainda maravilha mais pela harmonia que reina em toda a sua grandeza. O interior da egreja é elegantissimo, porém a maior

parte dos ornatos é de um estylo moderno, que discorda da architetura do edificio; os baixos-relevos do altar mór, em bronze doirado, um grupo em marmore representando á Descida da Cruz, a estatua da Virgem, de Maggi, os quadros de Philippe de Champagne, e do Jouvenet, e alguns mausoleus, são obras para se admirarem isoladas, mas que justificam o que se lê n'aquelle outro monumento levantado por Victor Hugo sob o mesmo titulo, no seu immortal romance: «Notre-Dame de Paris não é, por fim de tudo, o que se possa chamar um monumento completo, definido, classificado; não é já uma egreja romana, nem é bem ainda uma egreja gothica. Este edificio não é um typo.»

Considerada, porém, como amostra curiosa de todas as variedades, em que cada feição, cada pedra é uma pagina não só da historia do paiz, mas da historia da sciencia e da arte, o venerando monumento abysma e maravilha!

Eu comprehendo que aquella egreja, em que o primeiro poeta do nosso seculo passou tantos dias de estudo e de trabalho, seja o melhor asylo de meditação para certas situações e certas horas da existencia. Quem é que nunca experimentou, quando a imaginação e as faculdades exhaustas por trabalhos d'espirito, ou por alguma ferida moral incuravel, se

recusam a obedecer-nos,—n'umas certas occasiões de desalento, em que nos passa pela idéa um diabolico desejo de refrescar a cabeça com uma bala de pistola, porque a nossa alma duvida de si mesma, e blasfemaria Deus, se pudesse n'essa hora acreditar n'elle— quem é que nunca experimentou por essas crises entrar n'uma egreja, velha, escura, silenciosa, e inclinar a fronte deante do altar? É um grande alivio, esse. Parece que depõe uma pessoa o fardo da sua vida, e fica tão leve como o apostolo que caminhava sobre as aguas!

As egrejas em Portugal não estão abertas á noite, que é quando a gente precisa mais das egrejas. O socego imponente que nos cerca, um vago perfume d'incenso, ultimos restos da ceremonia, o echo prolongado que repete cada suspiro como a dizer-nos que fomos ouvidos na altura, e, mais que tudo, a paz interior que succede á agitação em que iamos, a crença vaga que germina por entre as nossas duvidas, um certo amor que nos volta ao coração e que julgavamos morto para tudo, são alegrias inefaveis que vivem acima do mundo, entre a terra e o céo!

Se eu lhes fallar da *Magdalena*, devo tomar o tom alegre. Vi esta egreja á missa da uma hora, e tudo respirava festa. É um monumento de uma fórma

classica e pagã, mas que data do seculo dezoito; Luiz XV, de calção curto e traje elegante, collocou a primeira pedra, e dedicou a egreja á peccadora arrependida. O exterior do templo é original e simples, e o interior não é mais do que uma immensa nave terminada semi-circularmente pelo altar mór, ornado de uma exaltação da Magdalena, esculptura elegante de Marochetti, e de um fresco explendido de Ziegler.

Toda a egreja é cheia de bancos, e as senhoras assistem á missa o mais commodamente. Um soldado, com um chapéo armado, que conserva na cabeça mesmo durante a missa, e accompanhado de um bastão enorme, é o encarregado de manter a boa regularidade, e de pedir alguns *sous* a cada pessoa, accompanhado de um padre, que arrecada o dinheiro, votado provavelmente á despeza dos bancos. Durante a missa, os francezes estão com o maior respeito e seriedade, e as senhoras lêem nos seus livros sem distrairem a attenção. As elegantes vão sempre á missa da uma hora, o que ainda não é bastante tarde. Como pode exigir-se d'aquellas creaturas debeis e graciosas, que passam as noites no mundo para fellicidade do mundo, que dançam, cantam, sorriem, cobrem-se de flores e perfumes, e estão pela manhã fatigadas e doentes, como pode exigir-se d'ellas sem

barbaridade que sacrifiquem o seu repouso áquelle quarto d'hora d'egreja, em que é preciso estarem sérias! É necessario que durmam, que sonhem com os prazeres da vespera e com os prazeres do dia seguinte, que se emballem de recordações e de esperanças; sempre hade ser tempo para acordarem, e irem á missa da tarde. Deus não lhes será severo, por amor d'isso. Ellas mesmo a Deus agradam! Deixal-as dormir, coitadinhas!

E, uma vez que estamos na rua, vamos nós, leitor amigo, fazer horas para jantar, visitando o hospicio dos Invalidos, que Luiz XIV erigiu, e onde os velhos servidores do estado encontraram depois asylo. O edificio é de um aspecto magestoso, e pode conter cinco mil homens; tem quatro andares e trez pavilhões: o pavilhão central é ornado das estatuas de Marte e de Minerva, em bronze; e os dois pavilhões de tropheus militares, tendo nos angulos quatro estatuas, que representam as nações vencidas. A egreja é vistosa, e toda cheia de janellas por onde acode grande claridade, que se reflecte nas bandeiras de que estão ornados os dois lados da nave, e que são os despojos das batalhas. Quando perguntei pelas bandeiras portuguezes, o guarda, que me accompanhava, indicou-m'as com uma dignidade serena e delicada; um instante depois, disse-me:

—Portugal tambem tem das nossas. Não se fazem omeletas sem partir ovos!

É n'uma cappella d'este edificio que está deposto o corpo de Napoleão, trazido de Santa Hellena em 1840, e enterrado na egreja com uma pompa de que a historia dos tempos modernos não offerece exemplo. Sobre o sarcophago foram depostas a espada legada pelo imperador ao general Bertram, e o chapéo que elle usava em Eylau: Napoleão mesmo é que o déra ao barão Gros. N'um marmore negro leem-se estas palavras: «*Je désire que mes cendres reposent sur les bords de la Seine, au milieu de ce peuple français que j'ai tant aimé.*» Dos lados estão duas estatuas collossaes em bronze, de um aspecto viril e rude: uma representa a força civil, a outra a força militar: susteem em almofadas o globo e o sceptro imperial. Tudo é triste e silencioso ali; tudo é escuro até, para melhor dispor os animos ás impressões austeras do sanctuario. Á direita e á esquerda, duas sentinellas mortas guardam o morto que tanto amaram; são, de um lado, o general Bertram: do outro, o general Duroc. O sarcophago é de granito vermelho antigo, e para o talhar e polir foi preciso o auxilio de uma machina a vapor, por não bastarem braços humanos. Aos pés do sarcophogo leem-se os nomes das principaes victorias do impera-

dor, Rivoli, as Pyramides, Marengo, Austerlitz, Friedland, Wagram, Moskow. Doze lampadas de bronze estão pendentes, que não se accendem senão nos dias solemnes, o do nascimento e o da morte de Napoleão. O aspecto geral do monumento é de uma tal grandeza, de um caracter tão religioso e tão severo, que ninguem, creio eu, entra ali sem concorrer com uma lagrima para a apotheose do capitão sublime!

A ver tudo isto, meu bom leitor, temos passado a manhã, e então a manhã de Paris que se alonga pelo dia adeante, desprendendo-se de todas as convenções de tempo, e terminando apenas á hora de jantar, que é perto da noite! São justamente horas de irmos jantar, e proponho á sua deliberação o escolhermos o local d'esse solemne prazer da vida parisiense. Diz Alexandre Dumas no seu delicado prologo do *Amaury*, que em toda a parte se falla e só em Paris se conversa; eu dir-lhes-hei agora, que nas outras partes come-se, mas só em Paris se janta.

Já sei que leram Brillhat-Savarin, esse poeta da cosinha, o que me dispensa de citar aqui todas as scintilantes idéas d'esse delicado gastromono, que revela finamente que conheceu ainda os comilões elegantes do seculo dezoito. O cosinheiro em Paris é um artista; já de si cada lista é uma obra de estylo,

que surprehende; a fantasia e a variedade conseguem prodigios de imaginação applicada ao estomago, e comprehende-se a importancia que os heroes têem consagrado em todos os tempos aos prazeres da mesa, delicia de alguma forma justificada pela golodice historica de nossos primeiros paes, que se perderam por apanhar um pomo!

As pessoas ricas foram sempre tão inclinadas ao regosijo de comer bem, que ha immensos pratos, especiaes e superiores, que se chamam, como hão de ter notado, *à la financière;* esta qualificação que eu cito em gloria de alguns estadistas nossos, a quem a opposição accusa de comerem o paiz, deve ser tomada na consideração gastronomica de que se tornam dignos. Se a epoca dos José Romão e Escoveiro parece haver-se extincto n'uma decadencia aviltante, não é de certo por falta de iniciativa dos nossos financeiros, mas por penuria da patria, que já está no osso.

Em Paris entrar n'um *restaurant* é introduzir-se uma pessoa em pleno capitulo de maravilhas, e o olfato e a vista estarem mesmo a produzir-nos uma magoa filial pela idéa de descendermos do desditoso Adão, que não teve contra si senão nascer em jejum. A lista é quasi uma obra das proporções dos *Fastos de Ovidio* na traducção immortal do sr. Cas-

tilho, annotada por todos os escriptores do paiz. Aquillo não é o espirito de um só homem, mas o resultado do talento, indagação, e descobertas da humanidade desde os tempos fabulosos. É o resumo do genio humano, na sua applicação util e saborosa. Cada prato tem cem nomes, e cem segredos, que não é dado aos mortaes inexperientes conhecer de prompto. Um estrangeiro que não sabia francez, e que ignorava por sua infelicidade, que em cada casa de pasto ha pelo menos vinte sopas, que são quasi todas a mesma com diversos nomes, mais pão torrado ou menos pão torrado, mais legume de uma qualidade ou de outra, pede uma sôpa, indica com o dedo ao criado a linha em que está marcada, que é a primeira; depois vem a sopa, depois come a sopa, depois pede outro prato, calculando a olho e distancia na lista, que julga rasoavel para chegar aos guisados: o mesmo gesto a dedo, a mesma obediencia da parte do criado: trazem-lhe outra sopa. O homem fica desesperado de não saber francez, mas vae comendo com indignação e vexame a sopa á *l'oseille* que lhe trouxeram; finda ella, conta seis linhas mais abaixo, e mostra ao criado: o criado vôa em seu serviço, e reapparece d'ali a nada... com uma sopa *Printanière;* o estrangeiro faz-se livido, engole a sopa, e marca logo doze linhas abaixo: o criado

faz um gesto attencioso, e corre: d'esta vez traz-lhe uma sopa *Coulis d'écrevisses*. O estrangeiro depois de comer tudo, que lhe apresentaram, paga e sae, envergonhado mas farto: jantára quatro sopas.

Em Paris não se ama sem comer e beber. Os *petits diners* substituiram as ceias historicas da regencia. É depois do *crémouski a la polonaise*, dos *filets de volaille en suprême*, dos *bastillans de jeunes poulets au salpicon* elegantemente accompanhados de bons vinhos, desde o Madeira, o *chateau-margaux*, o «alto» Sauterne branco, até ao Malaga e ao Aubryet da sobremesa, que os peitos parisienses se estabelecem em disposições amatorias, de primeiro grau. As saudes foram sempre um prazer delicado, e já Homero o sentia quando nos mostrou Ulysses enchendo de vinho a sua enorme taça para saudar alegremente Achiles. Eu sou louco por saudes, e comprehendo a raiva desdenhosa d'aquelle cardeal, que propondo brindes sobre brindes para dar pretexto aos seus commensaes de libarem precioso Lacrima-Christi, dizia a um que se recusava a beber mais:

—Sabes porque se chama este vinho Lacrima-Christi?

—Não!

—É porque até Christo chorou á idéa de que isto seria um dia para os teus beiços!

O maior hotel que tem Paris n'este momento, é o *Hôtel de la Paix*, nos *boulevards*. Chega a ser maravilhosa essa monstruosidade. Eu não me achei resolvido a vel-o todo: equivale a visitar uma segunda Paris. Os hospedes são conduzidos em caminhos de ferro, dos seus quartos á sala de jantar. O preço da mesa redonda é oito francos, e o preço de um quarto é de trinta francos, a tres francos e meio, segundo o quarto fôr no primeiro ou no quinto andar, e conforme elle tiver frente para o *boulevard* e praça da Opera, ou para as ruas Mogador e de Choiseul, ou para o pateo, ou para o saguão. Este *hotel*, que os jornaes annunciaram a grandes trombetas, abriu dois dias antes de eu partir, e parecia destinado a eclipsar a grandeza do *Hotel do Louvre*.

Como eu sou muito pouco gastronomo não me fiz forte em indagações sobre os *restaurants* e os *traiteurs* especialistas. Sei que os *Frères Provençaux* teem um cosinheiro historico, e que a *Maison d'Or* sabe justificar o seu nome pelo brilho das suas salas e pelo preço dos seus jantares. Eu, quando não tinha convite, o que tinha quasi sempre, diga-se em agradecimento aos meus amigos de Paris, frequentava o *Diner du Rocher*, na *passage Joufroy*, onde dão por tres francos uma sopa excellente, a escolher, cinco pratos, dois *hors d'oeuvre*, um sorvete,

sobremesa, e vinho. Tambem lá ha para os amadores da cosinha séria o *Café inglez* nos *boulevards*, a Taverna britannica na rua *de Richelieu*, o John Bull na rua *des Pyramides*. Um compatriota nosso, em quem a anglomania tem feito grandes progressos, nunca foi jantar em todo o tempo que esteve em Paris, senão á casa de pasto de *Katcomb!* Ha tambem no *Graziano*, passagem dos Panoramas, e no Paulo Broggi na rua Lepelletier defronte da Opera, *restaurants* de cosinha á italiana, afamados pelo talento dos seus *maccaroni, ravioli, mortadelle, tagliarini*, e pela inspiração inaudita dos seus *stoffati*.

A cosinha franceza, que nos arremedos do estrangeiro fica sendo quasi sempre uma pieguice insignificante de molhos de côr e pitéos transparentes, conserva-se em Paris de uma excellencia toda artistica. Não é o artificio presumido e fôfo do estylo de imitação; é o *savoir-faire* elegante de uma comida que sabe ser bonita e saborosa. As montanhas de carne da meza ingleza, ou os guisados classicos da portugueza caçarola, são triumphos de solidez que não lisongeiam a delicadeza da vista nem a do gosto. A saude agradece-os, mas o sentido artistico desgosta-se.

Em Paris janta-se por dois francos, e janta-se por por um dinheiro tonto, conforme principalmente a

raridade das fructas. Eu paguei lá um caxo de bastardo por quinhentos e quarenta réis; mas quem me mandava a mim comer bastardo, sem *legitimar* a minha escolha, informando-me primeiro se elle ainda era raro! A meza redonda dos diversos *restaurants* modestos, é de um preço ridiculamente modico em razão do serviço. A abundancia de casas estabelecendo a concorrencia, cada uma receia perder os freguezes, e não se occupam senão de os attrahir e de os conservar. Quando um francez janta mal n'um *restaurant*, não se queixa emquanto come, e, como ali se paga adeantado, não questiona siquer o preço; quando o criado, porém, lhe apresenta o *boll* para lavar os dedos, diz-lhe que chame o patrão.

O patrão vem.

—Foi o senhor que me mandou chamar?

—Eu proprio.

—Que deseja?

—Que me dê um abraço!

O patrão hesita, entre o sério e o riso.

—Diz...

—Que me abrace, senhor, porque é a ultima vez que me vê!

VI

Principiemos por passear.

Passear! E não é esse o fim principal do homem civilisado, o homem fino, o homem inutil, que sae da sua terra para ir vêr as dos mais, sem de lá o convidarem, e sem ninguem lá esperar por elle? As viagens teem isso de desagradavel: são a acção de um confiado. Ir um individuo, de bolso a tiracol, visitar gente que não conhece, a titulo de curioso, não póde ser ao ponto de vista das conveniencias de vida galante, senão uma deliberação de egoista, de peralta, ou de semsaborão. O presumido empenho de ir observar para depois vir contar, revela os dotes de um caracter de *petit-maitre*, que sae da

ociosidade para a bisbilhotice. Eu gosto immenso de viajar, mas sinto que não ha nobresa n'este prazer de ir aonde não se é chamado; o sentimento d'investigação póde ter o seu lado artistico, ainda que destituido de poesia e de graça, mas como que denuncia o tom melancholico de um caracter sêcco e agreste, que troca os seus pelos estranhos, e vae, errante, comprar pelo mundo as suas meias horas de entretimento e de distracção!

E que importa! Todo esse periodo que ahi fica não é mais que um accesso de rabuge. Passear é a alegria da vida, viajar é a instrucção d'ella; passeêmos, pois. Das quatro ás seis horas, sempre que o dia está bom, vae-se ao jardim das Tuilleries ouvir a musica. Emquanto as aias levam as creanças para o theatro das *marionnettes* n'uma das ultimas ruas, ficam as amas sentadas entre as arvores, a ler, a fazer *crochet*, ou a aboborar um capricho. O «fluctuante»,—permitta a leitora que eu chame assim, ao estrangeiro que vae aos sitios para não se demorar—está ali em pleno terreno de suas victorias. Em ar de quem examina as numerosas estatuas de todas as escólas que povôam o passeio, vae elle descobrindo campo, até que, depois de haver visto os grupos notaveis da *Fama sobre cavallos allados*, *As quatro estações*, o *Tibre;* depois de ha-

ver admirado, como quem não pensa n'outra coisa, o *Centauro vencido por Cupido,* e o *Enéas levando ás costas seu pae Anchises,* pucha cadeira, estabelece-se em conversação com a dama que escolheu, ou entretem-se simplesmente em ouvir as conversações dos outros.

Não se encontram ali em grande numero nem as senhoras de primeira distinção, nem as *lorettes* de primeira nomeada; mas o que por lá se acha n'uma abundancia incrivel são as meias sèrias, e as *entretidas.* Conhecem-se pelo chapeu, pelos olhos, e pela linguagem. O seu estylo é de uma simplicidade pittoresca, que já não cuida siquer de se preparar dos artefícios da pretenção.

—Que é feito do Visconde?

—Continua a não ser feliz!

—Entretanto teve ha pouco tempo uma herança!

—Sim, herança que não tem mais do que pelle e osso, devorada pelos credores!

—A quem elle não paga, já se vê; aquelle moço tinha bastante espirito...

—Paga, sim. É honrado!

—Ninguem é perfeito n'este mundo!

O passeio das Tuilleries tem uma rua que a sociedade elegante escolhe, outra rua que escolhe quem quer ser visto, e outra rua que escolhe quem quer

ver: resta ainda dizer-lhes que, em redor da musica, alugam-se cadeiras para a burguezia sisuda.

Tem Paris o seu jardim para de dia nas Tuillerias, como tem o seu jardim para a noite nos Campos Elysios, e o seu lago no bosque de Bolonha. Vós que estaes em qualquer d'estes sitios, quereis saber o que se passa em todo o mundo? Conservae-vos quieto, como a aranha no meio da teia; não ha no mundo um echo, uma sensação, uma alegria, uma dôr, que não vá vibrar na teia gigantesca, formada em globo, rolando no espaço, e cujo centro é Paris no bosque de Bolonha, nos Campos Elyseos, e nas Tuillerias!

Talvez não se ache no mundo um espectaculo mais attrahente para os estrangeiros, do que a vista do panorama grandioso, que começa no *Arc de l'Etoile*. Os Campos Elyseos são o passeio do bom mundo, o ponto de reunião da elegancia, o campo de justas dos trens mais ricos; é por ali que passam a uma certa hora as fidalgas nos seus caleches, as senhoritas nos seus carrinhos de caracol, os dandys nos seus tylburys, os cavalheiros que vão ao bosque, e as amazonas que voltam de lá! Todo o caminho que se estende do *Arc de Triomphe* até ao *Obêlisque*, vê nascer a primeira moda e a primeira flôr. Depois, á noite, por serem ali situados o baile

Mabille, o *Chateau des Fleurs*, o *Cirque de l'Impératrice*, e um numero incrivel de *Cafés Concertos*, o movimento recresce, e dir-se-hia acordarem rouxinoes em cada ramo d'arvore. Aqui, uma rapariguinha loira e côr de rosa, com carmim nas faces e pó d'arroz na fronte, entoa uma canção entre surrisos e requebros:

A Saint-Blaise, a la Zuecá,
Vous étiez. vous étiez bien aise
A Saint-Blaise.
A Saint-Blaise, a la Zuecá,
Nous étions bien là!

Mais adiante, um triste e livido baritono, que é aprendiz d'alfaiate durante o dia e cantor á noite, ronca melancholicamente umas estrophes, puxando pela pera e pondo os olhos em alvo:

Un jour tu sentiras peutètre
Le prix d'un coeur qui nous comprend.
Le bien qu'on trouve a le connaitre
Et ce qu'on souffre en le perdant.

Logo ao pé, uma figurinha magra e airosa, de olhos espertos e sorriso malicioso, com uma touquinha branca e uma rosa ao lado, diz piscando o olho ao auditorio:

D'un grand bouquet de fleurs d'orange
Si l'amour veut la couronner,
Elle à quelque chose en échange
Landerisette!
A lui donner.
Ce n'est pas, on se l'imagine,
Un manteau sur un écusson
Fourré d'hermine;
C'est l'etui d'une perle fine
La robe de Mimi Pinson.

Mimi n'a pas l'âme vulgaire
Mais son coeur est républicain;
Aux trois jours elle a fait la guerre
Landerisette!
En casaquin.
A d'éfaut d'une hallebarde
On l'a vue avec son poinçon
Monter la garde.
Heureux qui mettra la cocarde
Au bonnet de Mimi Pinson!

E tão depressa se vê sobre um tablado algum soldado velho a cantar as glorias da França, logo se avista um *pierrot* a descrever os prazeres do carnaval, e uma *grisette* a mofar das grandezas sociaes, e um estudante a cantar os amores gratuitos, e uma bacchante a recordar-se da ceia da vespera, e um lanceiro a narrar os embaraços da virtude burgueza,

e um vendilhão de coco a fazer a autopsia da vida parisiense, e uma vivandeira a referir os casos galantes da vida militar!

Ao *Bois de Boulogne* vae o mundo elegante, grandes senhoras, e grandes *lorettes*, dar uma volta de carroagem das cinco horas ás seis, ao que simplesmente alli chamam *faire la course*. Ali se avistam em roda do lago as celebridades da epocha, que não dispensam aquella meia hora de se mostrarem; e perdem apenas os que se mostram a cavallo, porque, sejamos sinceros, não é esse o forte do francez; o francez vae bem de tilbury, vae bem a pé, vae bem sentado, mas a cavallo vae contrafeito, presumido, e ratão.

Já agora, deitemos hoje até ao *Jardin des Plantes*, que passa por ser um dos mais bellos e ricos jardins da Europa, onde a cada passo podem ver-se as plantas mais raras e os animaes mais variados. A leitora não se assuste do que formos encontrando:— aqui está já a fossa dos ursos, aqui temos as ovelhas da Abyssinia, os carneiros da Islandia, as rênnas da Laponia, o elephante, leões, hyenas, serpentes! Vale-nos ao menos, para espairecer a vista e alegrar o animo, podermos ver já o palacio dos macacos, onde esses amigos estão galhofando em toda a sua liberdade. Parece um paiz do Guliver! É o

povo mais patusco que se tem visto! Estão ali a pendurar-se em cordas, a dar cabriolas, a pular uns por cima dos outros, e a fazer cassoada a quem está de fóra. São uns sujeitinhos de invejavel sorte, que conseguiram obter, graças á sua similhança com o homem, o que a sociedade não póde dar a todos os seus filhos—pão e casa!

Entre toda a qualidade de arvores, flôres e fructos raros e exoticos, ha lá um cedro do Libano, que se diz ter sido trazido por Jessieu na copa de um chapéo. Quando se observa o Jardim das Plantas, das alturas do labyrintho, o horisonte que d'esta eminencia se descobre é dos mais bellos que se possam observar em Paris, se o sol brilha no espaço e projecta os seus grupos de luz sobre os zimborios e os campanarios das egrejas, e sobre os tectos ardosiados d'aquella cidade encantadora; fica-se extatico e deslumbrado um instante: o olhar mergulha por aquella extensão enorme, e repousa emfim no montão de folhagem, que se desdobra n'esse magnifico jardim!

É n'estes logares que aos dias de semana se passeia. O francez aos domingos não aspira senão a ir para o campo, e, como o leitor muito bem sabe desde que leu Paul de Kock, com o francez vae a franceza, e formam-se em cada sitio mil *parties de plaisir*. Ha porém doze dias no anno, que teem o seu destino

consagrado; são o primeiro domingo de cada mez, em que vae toda a gente para Versailles ver trabalhar as *grandes aguas,* que só n'esses dias se entregam aos seus exercicios verdadeiramente deslumbrantes.

Eu fui a Versailles, com um chinelo moiro calçado e uma bota. Não sei porque não heide tambem contar-lhes isto? Tinha ido a Meudon passar o dia, e jantar com o cantor Della Costa, que esteve a epoca passada no nosso theatro de S. Carlos, e que se achava então ali a tomar ares emquanto não partia para fazer a presente estação n'um theatro d'Italia. Fallou-me Della Costa mostrando grande empenho de que eu aproveitasse essa manhã em ir a Versailles, e eu respondi-lhe por um simples e austéro gesto atirando para longe uma das minhas botas por estar doente de um pé e já não a poder soffrer. Esta deliberação tinha o quer que fosse da scena *d'Antony* arrancando do braço ferido o apparelho, e Della Costa com a gravidade de um baixo profundo respondeu-me apenas por um chinelo moiro, que foi buscar e me offereceu. A este acto de generosidade hospitaleira, ia lançar-me nos seus braços, quando elle me deu um d'elles para me acompanhar dois passos distantes da sua casa, á estação do caminho de ferro de Meudon. Comprado o competente bilhete, entrei para uma

carroagem do comboyo,—ha comboyo n'esses dias de dez em dez minutos!—e ouvi dos labios auctorisados de Della Costa, que fechou a portinhola sobre mim, esta phrase tão profunda como a sua voz:

—O chinelo não faz o homem!

Um quarto de hora depois, eu estava em Versailles.

O dia amanhecêra pezado, e estava a tornar-se cada vez mais sombrio; mas o recato mysterioso d'esse logar ia de accordo com a côr cinzenta d'aquelle céo. A multidão era enorme a visitar o palacio e os jardins; tão depressa se avistava alguem, e já se confundia na onda. Os vendilhões gritavam por entre o povo — «*Achetez des cigarres, et du feu!*» as mulheres que alugavam cadeiras em redor do jogo das aguas, vinham agarrar-nos ao caminho; uns rapazes apregoavam o *Guia dos jardins de Versailles, e a descripção do palacio;* uma orchesta ruidosa tocava n'uma alameda; o povo corria, redemoinhava, agrupava-se, apinhava-se, enroscava-se por entre aquellas arvores historicas!

Ao nome de Versailles erguem-se e agrupam-se mil idéas, mas a celebridade que lhe andou annexa nos dois ultimos seculos, quando este palacio era a séde da monarchia, e, por assim dizer, o centro da civilisação da Europa, parece acordar de novo com os embelesamentos que a arte contemporanea tem

acrescentado aos trabalhos dos artistas do seculo dezoito.

N'aquelle magnifico castello reside como n'um sanctuario o pensamento de Luiz XIV. A politica do grande rei, a arte do grande seculo, percorreram ali todas as phases do seu desenvolvimento.

No meio das tempestades da revolução, soltou-se aquelle destino illustre e tragico, e as restaurações, que depois se fizeram em Versailles, foram como a sequencia e o epilogo do grande drama historico, que começou no meio das pompas de Luiz XIV.

É tudo encantador ali! As vistas do castello, os contornos d'aquella construcção grandiosa, os aspectos diversos d'essa figura viva de Luiz XIV, as perspectivas que se descobrem do alto dos seus terrassos, os retiros magestosos e seductores que se encontram nos bosques, os jogos da agua, da vegetação, da natureza inteira: depois as salas do palacio, em que se pronunciaram tantas phrazes historicas, as galerias em que tiveram logar tantas solemnidades, que permaneceram memoraveis; depois, as grandes scenas da monarchia e as pequeninas scenas da côrte, os reis, as rainhas, as favoritas que reinaram ou obedeceram n'este palacio!

Elle domina de frente a paizagem que o rodeia. Das alturas do seu terrasso solitario, como do cimo

de um throno, contempla altivo as ondas de colinas e de verdura, que veem morrer em redor d'elle: dir-se-hia que se está regalando de nivelar tudo a seus pés, como o rei que o levantou!

A escada das laranjeiras é a mais imponente das ruas que conduzem ao palacio, e quando se olha para os seus colosaes degraus, pergunta a gente que geração era a que os subia, onde contrahira essa necessidade de grandeza, e de que vastos pensamentos se nutriam os homens a quem se destinára as proporções d'esses degraus gigantescos! E entristece-se cada um, ao pensar que já não ha d'esses homens, e que as condições da vida e da sociedade mudaram de todo; que uma nação nova se agita n'outras direcções, e que esse explendido monumento a que o sol mal teve tempo de doirar as pedras, já não é mais que um tumulo!

Lembrou-me ali uma velha peça de theatro, que todos vimos no Salitre, e a que assisti ainda pequeno, *O Conde João*. Era uma obra cheia de individualidade, em que o author, D. João d'Azevedo, que já Deus tem, revelava um conhecimento da época, como se houvera vivido n'aquella côrte galante. Elle conhecia as intrigas da marechala de Mirepoix melhor do que as do seu tempo, e, para lhes dizer tudo, produziu-me sempre, esse cavalheiro de um original

e excentrico talento, o effeito de um fantasma que andava errante no mundo a lembrar-se exasperado das scenas do grande seculo.

Versailles foi um instante, o mundo. Durante um seculo, a litteratura franceza rendeu-lhe homenagem exclusiva; durante outro seculo, não fez mais do que crival-o de flechas. A historia litteraria da França está escripta n'esses muros que receberam os escriptores notaveis, desde Molière até Beaumarchais. A arte creou expressamente para ali escolas e systemas, cuja influencia ainda hoje se faz sentir. Houve tal que foi só pintor para Versailles, estatuario para Versailles, architeto para Versailles. Estiveram ali o oraculo da moda, e a regra dos costumes. A galanteria, o gosto, a devoção, a elegancia sahiam d'ali para se espalharem por Paris e pelo resto do reino: as nações estrangeiras enviaram-lhe os seus representantes, as celebridades da Europa foram fazer-lhe visita, e até das regiões mais distantes da Asia sairam personagens celebres para irem saudar o rei, que egualára as magnificencias e o despotismo do Oriente.

Versailles é a expressão da monarchia, conforme aquelle rei a sonhou. Admira-se a gente ás vezes de que o seu reinado, tão fertil de talentos bellos, não produzisse o poema epico; a poesia revestiu effe-

ctivamente todas as fórmas, n'essa epoca, menos aquella; mas a epopêa da França no seculo dezesete é Versailles. Que livro ha que contasse já o destino de uma epoca, de uma fórma mais brilhante e mais completa? Qual é a gloria, que não esteja escripta n'aquelle palacio? que mysterio que não esteja revelado ali? A vida heroica e a vida familiar misturam-se por lá a cada passo; por traz d'essas grandes muralhas, no fim d'aquellas galerias enormes, nos recantos das alcovas, ha passagens que estão contando mil historias secretas. É um palacio, que tem duas vozes; falla das coisas graves, e das coisas frivolas; profundo e indiscreto; rico de verdades e de contos, de tragedias e de farças. Viu passar tudo pelos seus degraus de marmore, reis, poetas, ministros, cortezãos, confessores, amantes, rainhas sem poder, rainhas que tinham poder demais, embaixadores, generaes vencedores ou vencidos, abbades, fidalgos, a espada e a toga, a nobreza, o clero, o povo mesmo, a honra, a baixeza, o genio, a parvoice, o vicio, a virtude até, até a virtude entrou ali! Toda essa multidão passeou por lá durante dois seculos, e cada dia deu mais livre impeto ás suas paixões e ás suas phantasias, cada dia foi mais ardente, cada dia ia fallando mais de rijo! E o palacio escutava tudo que ella dizia, via tudo,

espionava tudo; estava sósinho a observar o que se escondia a todos, e apanhou cada acção na sua hora, cada palavra no seu logar, cada loucura com a sua razão, cada grandeza com a sua pequenez, e agora que já nada d'isso existe, conta coisas admiraveis aos estrangeiros, que lhe vão fazer perguntas!

VII

Sabe o leitor que havemos n'este capitulo de ir para algures, mas não lhe palpita de certo para onde é que vamos. A historia pede preambulo, e devo dizer n'este ponto como se dizia nas antigas novellas: «Porém não precipitemos os acontecimentos!»

Bem tranquillo, bem socegado, e bem contente d'estar em Paris, encontrei uma manhã na rua de Saint-Honoré o sr. conselheiro Paiva Pereira, primo do nosso ministro, que me perguntou mui cordialmente quando tencionava eu partir. Respondi que no vapôr de vinte e cinco do mez que principiava n'esse dia, que era um lindo junho.

—Por Calais?

—Como, por Calais!

—Folkston?

—Como, por Folkston!

—Por Niewhaven então?

—E porque não por Saint-Nazaire, ou por Bordeus, como toda a gente!?

—Para ir...?

—Para Lisboa!

—Para Lisboa, senhor! E o que faz de Londres!

—Não lhe faço nada—deixo-a viver sem mim!

O sr. Paiva Pereira, bem lh'o conheci na physionomia, sentiu-se possuido d'um ataque de surpreza.

—Perdão, perdão, me disse; peço tres segundos para entrar em mim do pasmo em que me lançou! Pondere unicamente que vae arrepender-se no resto dos seus dias...

—Que serão longos!

—Assim o desejo, ainda que o arrependimento por essa fórma maior vae ser:—que vae arrepender-se, disse eu, de haver estado em Paris, que é o centro do mundo e o ponto de partida para toda a parte, e não ter ido ver Londres de que está tão perto, e que talvez não volte a ver, porque nem sempre se dá occasião de cada um sair da sua terra!

—Excepto quando é justamente na sua terra que um homem nunca está!

—A sua terra sendo...

—Duurvivos!

—Que eu não conheço!

—Que ninguem conhece!

—Nas ilhas Canarias?

—Ao pé de Obidos!

—Obidos de Malhão?

—Obidos de Malhão... que era d'Obidos!

—Deixemos isso; o que nos importa resolver, é que pena merece um homem no seu caso, que faz vida das lettras e das viagens, estar a distancia de doze horas entre caminho de ferro e passagem de canal, no momento da exposição, em que acode gente dos paizes mais afastados para ir visitar a maravilha da epoca, e que diz adeus a esta grande feira que se chama Paris, sem querer ir ver aquella grande cheminé que se chama Londres!

—Pois bem, respondi, eu pensarei!

—Pense, resolva, e parta! Creia que me deixa inquieto! Eu ouvi contar de um sujeito que fizera a côrte a uma menina durante vinte e sete annos; no dia ajustado para o casamento, chegou elle á egreja, viu a noiva de véo e corôa, mudou de idéa e voltou para traz; a historia d'este homem, que indignou toda a gente honesta, não me surprehendeu mais do que o comportamento do sr. Machado, se devéras regressa sem ir á exposição!

— Mas, sejamos razoaveis, eu não vim a Paris procurar Londres!

— Pois isso é o que faz toda a gente n'esta occasião, e a minha experiencia atreve-se a ensinar-lhe que não ha nada peior do que não fazer como toda a gente!

Apertámo-nos a mão, e cada um seguiu seu caminho. Eu ia procurar o redactor do jornal *Le Nord*; é um russo, cheio de talento, de actividade, e de condecorações, a quem o nosso compatriota Julio Ferreira me apresentou em Paris, e que é o jornalista que mais benevola e intelligentemente se occupou do nosso paiz na questão das irmãs de caridade francezas.

Quando eu entrei, mr. de Poggengpoll exclamou:

— Oh! Oh! Julgava-o em Londres!

Quando eu sai, mr. de Poggengpoll perguntou-me:

— Quando é que tenciona ir para Londres?

Cheguei a casa, preoccupado, indeciso, absorto. Fugíra a minha alegria, o meu socego, a minha liberdade de acção. Folheei os jornaes portuguezes que haviam tido a amabilidade de dar a noticia da minha partida, e puz-me a observar que todos diziam que eu ia á exposição; depois, cogitei nos embaraços em que ia encontrar-me ao voltar, e na paciencia que me seria precisa para soffrer as admi-

rações posthumas da minha não viagem. Feita a conta, sahia mais agradavel ir a Inglaterra, do que aturar Portugal por lá não ter ido. Comprei bilhete na estação mais proxima, metti roupa n'um sacco, dinheiro n'um cinto, o *Diccionario da Conversação* na algibeira — e voei aos braços dos nossos fieis alliados.

Estava um dia lindissimo, que convidava a ir para toda a parte, menos para a escura Albion. Segui a linha de Dieppe, n'uma carruagem em que ia um velho todo vestido de panno cru, com um chapéo de chuva de panno cru, bonnet de panno cru, botas de panno cru. Este homem confessou-me depois, que tivera ao principio suspeitas a meu respeito, por observar que eu levava um paletot no braço.

—Acha improprio?

—Absurdo!

—A sua *toilette* tem pois um fim?

—De me roubarem pouca coisa, quando me despirem gradualmente em Londres!

—Já lá esteve?

—Por duas vezes.

—Da primeira?

—Roubaram-me uma luneta de oiro, que eu tinha no nariz!

—E não sentiu?

—Senti-lhe a falta!...

—E da segunda?

—Roubaram-me um cão, que levava ao collo para m'o não tirarem!

—Safa!

—Sabe o senhor como é que se exercitam em Londres os famosos ratoneiros, nas respectivas aulas? Tudo isso é surprehendente! O curso completo compõe-se da eschola de relogio, eschola de lenço de assoar, eschola de bolso de peito, eschola de botões de camisa, etc. etc. Pendura-se no tecto um *gentleman* de trapo, cheio de campainhas; a perfeição consiste em o roubar sem que nenhuma das campainhas toque; nas sabbatinas ha outro *gentleman*, de um machinismo o mais subtil, que está de braço levantado e bengala erguida, pendurado tambem no tecto; quando os discipulos lhe mechem nas algibeiras sem todo o geito requerido, o *gentleman* descarrega a bengala e dá-lhes bordoada velha!

—Dieppe! gritou, abrindo a portinhola, um empregado dos caminhos de ferro. Dieppe!

O meu erudito companheiro despediu-se de mim, estendendo-me a mão — da fórma a mais attenciosa, e desejando-me mil venturas.

Quando cheguei a bordo, depois de uma pequena marcha de dez minutos, olhei para os dedos casualmente, e achei-me sem um annel que tinha. Accasos

de viagem, certamente. Quem é que não perde o seu annel a cada instante?

O vapôr, que ia conduzir-nos, tinha uma similhança enorme com esse que ahi temos no Tejo, em successivos passeios do caes da Ribeira para Belem; era um barco pequenino e bonito, excellente, appetitoso mesmo, para uma *partie de plaisir* n'um rio, mas alguma coisa assustador para ir dançar no canal. A hora da partida depende sempre das marés, o que nos obrigou a esperar das dez horas ás onze e meia, tempo precioso, que eu empreguei pouco intelligentemente a espreitar o mar, que se avistava no fim da docca, agitado, espumante, irado!

Cada passageiro principiou a marcar com um lenço d'assoar, com um paletot, com um chapéo de chuva, o seu logar nos bancos da tolda.

O vapôr partiu, e ao fim de dois ou tres minutos saía da docca e recebia em cheio a primeira vaga — isto é, as primeiras vagas, as duas, as tres vagas que veem de cada vez, gigantescas, alcantiladas, chaldeanas, uma pela frente, e uma de cada lado! Voaram os lenços de assoar, voaram os paletots, voaram os chapéos de chuva; os passageiros cairam uns sobre os outros, depois acocoraram-se, arrastaram-se, engatinharam até á escada que dirige á camara, marinharam depois para os sophás, e ahi,

abatidos, prostrados, vazios, deixaram-se modestamente ligar a uma especie de janella de sacada que se armou com uns varões de ferro, para não cairmos, — tantos, tão grandes, tamanhos eram os redemoinhos furiosos d'aquelle vapôr polkista!

Um criado, veio gravemente collocar ao pé de cada um de nós um utensilio de arame, adequado á situação — agradecemos-lhe por um olhar! Depois, tudo caiu n'um silencio pavoroso, cortado apenas pelos «Oh!» dos passageiros, e pelos «paff» das ondas no costado do barco. O capitão, algum tempo depois, interrompeu esta suave melancholia pedindo um schelling a cada pessoa para o *stenard's fee*, o que, evidentemente, significa o vigia, o criado, o homem do utensilio d'arame, emfim! Cada um de nós, com o ar mais attencioso, ergueu a cabeça conforme pôde, procurou um schelling, e entregou-o delicadamente ao capitão, vomitando por cima d'elle.

Ás seis horas menos um quarto, depois de uma viagem rebelde, em que até pelo mar se conhecia a desharmonia das duas nações, porque o vapôr não queria ir de fórma alguma de França para Inglaterra, desembarcámos na direcção de um prato de sopa, que nos esperava fumando sobre a mesa de uma casa de pasto — ou, para melhor dizer, de um *a pro-*

posito, contiguo á estação, em que se dava um caldo sensivelmente mau, e uma inacreditavel lasca de corn-beaff!

A Inglaterra principiou a fazer-se sentir, no tom humido e frio do seu horisonte. O ultimo homem que nos fallou francez fechou sobre nós as portas de uma carroagem de primeira classe, peiores em Inglaterra do que as nossas de segunda. O trem partiu com a velocidade heroica d'aquelle paiz dos caminhos de ferro, e do cavallo a trote; uma hora depois, já avistavamos o palacio de crystal, aquella surprehendente, aquella fabulosa gaiola de vidro, que se eleva inflorada nos jardins de Sydenham, como um templo que emigrou para o campo!

Já pára o comboi, já descemos tropegos do trem. já entrâmos na alfandega a receber as bagagens, que em Niewhaven os senhores empregados inglezes haviam visitado da maneira a mais delicada e pachorrenta, sem remecher os objectos, ajudando-nos a fechar as malas — e offerecendo-se, *quasi*, para nos dobrarem melhor o fato, e pregar-nos algum botão que houvesse caido!

Esperavam-nos algumas carroagens fechadas, e alguns *cabs*: entrâmos n'um *cab*, e dissémos ao cocheiro:

— *Hotel de la Sablonnière!*

O cocheiro não responde, não pergunta, não pestaneja, mas não parte.

—*Sablonniere's hotel!* retorqui, encolhendo os queixos, para fallar inglez com uma pronuncia feliz.

O cocheiro fustigou o cavallo, e o *cab* partiu. O *cab* é uma especie das nossas seges chamadas irmãs da caridade, com a differença de ter um cavallo apenas, a caixa ser muito mais baixa, e de ir o cocheiro atraz da caixa! Como, ordinariamente, o cocheiro inglez é gordo, e o cavallo do *cab* é magro, espera-se a cada instante que, procurando o centro de gravidade, o *cab* assente sobre o cocheiro, e o cavallo sobre o *cab!*

Não havendo um só quarto livre em *Sablonniere's hotel*, dirigi-me á hospedaria que lhe fica em frente, *Europe hotel*, situada tambem em Leicester Square; e ahi, graças ao polyglotismo comprehensivel da dona da casa Madame Granara, que em cada phrase nos dá tres palavras italianas, duas francezas, duas hespanholas, e uma ingleza—ingleza uma só; n'isto é que consiste a sua attenção!—consegui estabelecer-me a razão de vinte schellings por dia (uma libra) exceptuando vinho e serviço, n'um pequeno e honesto quarto com um salãosinho á minha disposição, em que havia, para eu me entreter, uma «Historia Romana em inglez»...

Como já era tarde para o jantar da mesa redonda, serviram-me em companhia de uns conjuges italianos, que tinham chegado de passear. Quando um par ridiculo é italiano, seguramente é o mais ridiculo par do mundo, porque até aquella poetica e melodiosa lingua se torna abjecta de languidez risivel. O marido, que inculcava ser figurão poderoso na sua terra, era um mono feissimo, e pelos modos muito emprehendedor, que a mulher se obstinava em achar bonito, sem lhe deixar gosar em paz d'aquellas duas qualidades. Teve logar entre elles uma discussão a proposito de uma criada que nos servia á mesa, ingleza muito acceitavel, e como suppunham que eu os não entendia, desafogava a esposa em accusações.

—*Carino,* esta rapariga está a olhar para ti; de onde a conheces tu?

—É a primeira vez que a vejo, *per la Virgine!*

—Por que motivo tambem, hontem no theatro estava a Penco a voltar a cabeça para o teu lado, sempre que entrava em scena?!

—Sim? Pois não dei por isso!

—Perfido! E esta manhã ao sair do omnibus, porque levantaste do chão o leque que caiu a uma senhora?

—*Per civilitá!*

— *Ah! tutto intendo! Infame!...*

Esta discussão foi atravessada por algumas montanhas de carne, e banhada no sangue de um melodramatico *roast-beef*. Por não saber ainda que a cosinha ingleza reserva os temperos para a mesa, graças a um galheteiro copioso, com môlhos negros e vermelhos, que se nos offerece, dispensei-me de quasi todos os pratos, por não lhes achar sabor.

O jantar inglez basea-se n'um peixe e n'um assado; conhece-se apenas que se está n'uma hospedaria boa ou má, pelo tamanho do assado ou pelo tamanho do peixe; nos jantares de ceremonia a differença consiste em virem á mesa... muitos peixes e muitos assados! Os legumes são cosidos em agua, sem tempero, e a salada come-se á mão, molhando em sal a extremidade das folhas. Á sobremesa apparece um navio de queijo londrino, de Stilton, ou de Chester, outra garrafa de cerveja e um vendilhão de jornaes, que offerece aos estrangeiros, por cinco schellings, o livro de Victor Hugo *Napoleon le petit*, titulo por que em França é preso quem o repetir, mesmo que esteja a sonhar: e se é o dia da chegada, um criado vem entregar-nos um bilhete do hotel, para, se não sabemos a lingua, podermos ir passear... com a casa na algibeira. Nas costas do

bilhete estão uns *nota bene* em allemão e francez, com estas simples mas significativas palavras:

N. B. *Ne vous laissez pas tromper par les cochers ni par les Interpretes. Observez s'il vous plait.*

O que significa: Não vos deixeis enganar pelos cocheiros nem pelos interpretes (perdoae, ó interpretes que não vos conserve a letra maiuscula): Dae-vos ao incommodo de andar sempre de pé atraz.

Guardei cautelosamente esse cartão precioso, fui para a rua, e, valendo-me da engenhosa mimica, comprei um apito na primeira loja em que tive a fortuna de os avistar. Um apito pequenino, com um gracioso pé de oiro, de fórma que possa usar-se na cadeia do relogio a titulo de berloque, para que nos roubem de uma vez... o relogio e o apito! *All right*, e viva Londres!

VIII

Ia eu andando por um lado e outro, e a tristeza das noites inglezas ia tambem comigo. Não se encontram ali cafés explendidos, nem *restaurants* alumiados brilhantemente como em Paris; ali, os *clubs* substituem os botequins, os gabinetes de leitura e os *restaurants*; o inglez á noite desapparece, concentra-se, não passeia, não lê jornaes á porta do café, não procura aventuras; ou fica em casa sentado gravemente, soltando algumas phrases com sobriedade, e consumindo chá, *grog*, *ale*, *porter*, aguardente, ou vae para o *club*, ou vae para o theatro; na rua não anda: na rua ninguem o vê: pela rua não passa!

Ha ainda um sitio para onde costuma ir, se não é um *gentleman* nem um homem de boa companhia: para a taberna. O inglez grosseiro passa alí a noite occupado a beber, o que é em Londres uma occupação como qualquer outra; uns detestaveis cantores de tasca, escripturados pelo dono da locanda, cantam modas nacionaes, com sua mistura de malicia a julgar pelo effeito de hilaridade que produzem, tocam piano — piano na taberna, sim! — ou representam scenas troncadas das peças comicas dos auctores mais populares, e dialogos jocosos á maneira do seguinte:

— Sabes tu, ó amigo, por que foi Adão mais feliz que o filho?

— Pois olha, não sei!

— Ó gordo magarefe, é porque não tinha sogra!

— E tu, vendilhão de batata frita, conheces acaso o motivo por que Eva foi mais infeliz que a filha?

— É verdade que não conheço!

— Pois, vil negociante, é porque não tinha visinha com quem desafogasse a dizer mal do marido!

— E tu dir-me-has, sabes por que é que o homem sem a mulher não teria conhecido a alegria?

— Explica-te melhor, meu pateta, não percebo o sentido da tua vã pergunta!

—Pois é bem simples; é porque, sem a mulher, nunca o homem haveria sabido o que são desgostos, e quem nunca teve desgostos tambem nunca soube que coisa é alegria!

Estas velharias são saudadas com gargalhadas, e regadas a capricho. Depois, ao fechar da taberna, vão aquellas vasilhas ambulantes vagar pelas ruas de má nota, bater ás portas dos *oyster-rooms* para que lhes vendam peixe e pão, ou estirar-se no meio das praças para inquietação dos *policemens*, que tem de os levar ao collo!

Como em Londres ha inglezes para tudo, é bom que se diga, quanto antes, que ha tambem na esphera democratica muito bons homens, que, em vez de irem embriagar-se nas tabernas, ficam em casa a dormir, ou vão assistir alegremente nos theatros de Surrey ou da Princeza á representação de uma pantomina, funcção que agrada muito n'aquelle paiz. A pantomina consta da parodia dos acontecimentos do dia, ou de uma fabula architectada de fórma que fustigue, segundo o instincto popular, os costumes, os personagens ou as intituições reprehensiveis. O scenario d'estas arlequinadas é excellente, e o corpo de baile muito soffrivel; a meu ver, porém, o melhor de tudo é o cartaz, que a proposito de cada peça nova, seja *Hanky-Panky o feiticeiro*, seja o *Duello*

nas nuvens, seja o *Principe das perolas,* diz sempre — mas sempre! — o seguinte:

«A direcção bem conhece quanto é inutil dizer que a pantomina *tal* é a melhor que se tem dado. Os proprietarios não se pouparam a despezas e fadigas, para revestir a parte historica d'esta maravilhosa pantomina, dos costumes mais incontestavelmente correctos que tem apparecido sobre o tablado. Andaram empenhadas n'isto as mais altas auctoridades... sem olhar aos gastos; e consultou-se para attingir a perfeição do todo, a archeologia, a zoologia, a phrenologia e a physiologia. Pelo que diz respeito ao sobre-natural, attendeu-se-lhe com circumspecção; as bruxas são velhas, e as fadas são-o quanto basta para se mostrarem de vestido curto, azas, e sorrisos de dar volta ao miolo das jovens mortaes de Londres! As vistas foram meditadas durante um anno pelo scenographo, que precisando *triumphar do seu triumpho do anno passado,* sacrificou o cofre da empreza, e não tratou senão de si. As tijelas das tintas eram a deitar por fora, e os pinceis molhavam-se no arco-iris. Esta innovação obriga o empresario a aconselhar ao publico que leve olhos de aguia para não comprometter a vista! A parte comica offerece a particularidade de obrigar os espectadores a não irem vestidos de fazendas finas, porque a fre-

quencia das gargalhadas lhes faria estalar as costuras! Os directores, seguros de merecerem a gratidão do publico, por seus *exforços sobre humanos* na causa da unica pantomina legitima, persuadem-se que lhes serão offerecidos loiros ás carradas, e que o cofre vae estar cheio de oiro, poupado por um publico benemerito, para ser gasto apenas em tão solemnes occasiões!»

A pantomina do theatro Surrey é considerada superior á do theatro da Princeza, e tida em conta de ser a melhor em Londres. O theatro tira o seu nome do celebre fidalgo escriptor do seculo XVI, que foi a creatura mais tétrica e sentimental de que ha memoria, e que só por caçoada póde servir de padroeiro a uma arlequinada por aquelle feitio!

Duas palavras sobre elle, se me dão licença.

O conde de Surrey foi, na sua epoca, um *typo*, como hoje usa dizer-se; filho de um duque de Norfolk, e sobrinho de outro duque de Norfolk, que foram ambos thesoureiros do estado, rico, poderoso, estimado na corte, distincto na universidade de Oxford e poeta de boa nomeada, quem lhe havia de dizer que pregariam com elle na prisão, por ter comido carne na quaresma? Pois foi o que lhe aconteceu, e o pobre moço, para se consolar de um desastre d'aquelles, viu-se na necessidade de se namorar

d'alguem, e apaixonou-se pela tão citada Geraldina, filha do conde de Rildar, e que elle tanto cantou nos seus versos. Como era italiana, deu-se tanto mais por feliz; de uma italiana qualquer poeta faz uma Laura com facilidade, ficando elle um Petrarcha. O nosso Surrey escreveu, por essa época, os descôcos mais imaginosos que encheram a menina de satisfação. Dizia entre outras coisas, que na corte do imperador da Germania, durante o curso das suas viagens, a famosa Cornelia Agripa lhe mostrára, n'um espelho magico, a bella Geraldina deitada n'um sophá, toda languida, a ler um dos seus sonetos. Pelos modos, esta bruxaria deu-lhe tanto no goto, que assim que chegou a Florença, patria da menina, estabeleceu logo um duello como qualquer cavalleiro errante, contra quem contestasse á dama dos seus pensamentos o voto de primeira belleza. O duque de Florença, que era um principe folgasão, que tinha pouco com que se entrenter, permittiu um torneio, e o conde de Surrey saiu victorioso. O que tem, porém, mais graça é que Giraldina, em vez de recompensar com a sua mão tantos versos amorosos e tanta bordoada que o fidalgo deu e levou por amor d'ella, foi dal-a trez vezes, aquella desejada mão, a tres diversos ratões, que nem faziam papel de tolo, nem compunham versos, nem se tinham

batido por ella, tudo condições de quem ama com sinceridade. O conde ia arranjando com isto uma doença, e se não morreu foi por pirraça. Tirou porém da espada, e elle ahi vae contra os escocezes, sendo mais tarde nomeado marechal de campo do exercito inglez na expedição de Boulogne e depois governador d'esta cidade. Todavia, Henrique VIII andava a esse tempo muito escaldado do casamento, com razão ou sem ella, e, por uns ciumes que principiaram a tirar-lhe o somno, resolveu para seu socego mandar decapitar o conde na torre de Londres, que era em casos taes a cura mais rapida para a inquietação do real esposo!

Ahi está a historia do padroeiro da pantomina; porque escolheram este nome e não outro e em que o acharam sufficientemente alegre, é o que eu não sei. Verdade é que, na historia da Inglaterra, isto deve ser tido como um dos pontos mais risonhos!

Deixemos porém a pantomina; e se não põem escrupulo n'isso, dirijâmo-nos curiosamente a *Cremorn*, o famoso baile de *Cremorn*. Aqui tomo, emquanto vamos no caminho, o prazer de lhes apresentar este sujeito com um chapéo illuminado, aquell'outro todo mettido em quatro taboas, esse que ahi vae com uma bota encarnada servindo-lhe de barrete, o outro que passa vestido de papel etc. etc. Julgam que

estes individuos são homens? Não senhores; são annuncios!

Annuncios d'alfaiate, de sapateiro, de loja de modas, de boticario, de oculista, de cabelleireiro, de tudo quanto ha! Ha até annuncios a cavallo, annuncios de carruagem, annuncios com dois jockeys preciosamente montados em eguas finas de primeira pureza, para toda a gente parar nas ruas e prestar attenção.

Eis-nos, porém, em Cremorn! Ha um tom de perigo na vastidão d'estes jardins. São elles que tem perdido aquelle pallido estudante, que ali atravessa; aquelle *gentleman* de trinta annos, que veiu do fundo da sua provincia ha seis mezes; aquelle dissipador, que ahi vae sorrindo, sem pensar na familia que tem em casa; aquelle moço elegante e esbelto, que agita o chicote com ar de quem não tem cuidados, e que hade matar-se ámanhã. É Cremorn! É Cremorn, com os seus bosques, a sua musica tentadora, o seu theatro, os seus arlequins, as suas cascatas, os seus pavilhões, e a sua ledora de *buena-dicha!* Uma triste e ironica feiticeira, que nos atira no meio da festa o seu sorriso fatal mas provocante. Imprudentes dos que vão consultal-a, pois cortam ás vezes n'essa noite ainda a alegria de que poderiam gosar mais algumas horas na vida! Ella diz-lhes tudo, a cruel fei-

ticeira, a verdade amarga, perversa, horrivel: tudo lhes diz: a um, que seu pae expirando o amaldiçôa, pela deshonra que a sua prodigalidade atirou ao nome da sua familia; a outro, que a sua amante o engana e se ri d'elle, como de uma creança ou de um idiota; a outro que o seu melhor amigo, o seu amigo intimo, o companheiro das suas noites de alegria, de divertimento e de festa, o homem em quem elle mais acredita no mundo, mais que em seu irmão até, o anda roubando ao jogo! Ha phrases soltas que ella profere ás vezes, como resumindo uma sentença, que fazem estremecer de horror. Conta-se que ella dissera rindo, a um negociante de escravatura:

—Ha uma coisa mais atroz do que vender homens, é compral-os; ha uma coisa mais estupida do que dizer bem d'elles, é pensal-o!... Acautela-te!

Dois annos depois este homem morria victima de uma revolta de escravos.

O baile de Cremorn é um *pandemonio* explendido: ali o prazer agita-se, dança, coqueteia, ri, mas não esquece: ha um fundo de preoccupação e de tristeza n'aquella loucura de cada noite. A consciencia parece prevenir as accusações que merecerá;—aviso do futuro! Mas por um esforço ás vezes, todos fingem esquecer-se, suffocam as apprehensões que os inquietam, bebem, dançam, riem, como se nada hou-

vesse para temer. Se o futuro falla tão baixo e tanto ao longe!

E a feiticeira olha para elles friamente, vê-os passar gloriosos e contentes n'aquella dissipação faustuosa, sem que se atrevam ás vezes a fital-a, consultando-a. Mas se se dirigem a ella, se a interrogam, se a consultam, então as respostas da impassivel bruxa são quasi sempre admiraveis. Diz-se que uma noite ao voltar do theatro, hora em que os lords acompanhados... costumam entrar em Cremorn, um *gentleman* fôra de braço dado com a sua bella apresentar-se á feiticeira.

—Quem é minha dama?—lhe perguntára, ao que parece, esse moço.

—Uma ingleza.

—Sabe-se isso. E o resto?

—Um demonio cosido na pelle de um anjo. Uma flor agreste, que gostava de alguem mais que de seu marido—de toda a gente; que gostava mais de alguem que de toda a gente—de ti; que gosta mais de alguem que de ti—de si; que gosta mais de uma coisa que de si—da sua vaidade; que gosta apenas de uma coisa mais que da sua vaidade—de chá verde misturado com chá russo!

É a este rasgo, original e excentrico, que a feiticeira deveu o principio da sua fama de adivinha es-

pirituosa. Depois tomando a mão da dama, principiou dizendo-lhe ao ouvido todos os segredos da sua indole, todos os perigos do seu caracter, todos os mysterios do seu destino.

As inglezas que abrilhantam Cremorn, póde e deve dizer-se que são as mais encantadoras visões que um poeta tem sonhado. Imaginem as loiras imagens de Richardson, as figuras brancas e azues que nos quadros inglezes destacam sobre um fundo cinzento, ou as apparições indecisas de Ossian, *o poeta do vago,* como lhe chama Lamartine.

Ali vivem, ali reinam gloriosas e invejadas, até ao dia fatal em que, de manhã, ao voltar do baile, descobrem no rosto a imperceptivel ruga em que mais ninguem ainda fez reparo senão ellas, primeiro golpe da enxada da morte, que tem foice e enxada, sobre o edificio ainda intacto d'aquellas bellezas; e a cova vae-se tornando mais funda, até que ellas se veem obrigadas, pobres raparigas, a enterrar n'aquella ruga as suas illusões e as suas aventuras!

Desde esse dia ninguem as encontra em Cremorn, nem se ouve mais fallar d'ellas. Tão fatal, tão irremediavelmente cruel é uma arranhadura feita pela unha do tempo! Despedem-se dos enormes caleches, em que lhes chegava a parecer estarem ao pé das nuvens; dizem adeus ás flores, ás fazendas de gaze,

aos diamantes, ás noites de baile, ás noites de festa, ás noites de amor. Já os seus olhos não parecem soes n'um céo de crystal, nadando no fluido azul da vaidade: ninguem já faz caso do seu gentil collo, liso como um marmore grego, nem dos seus braços admiraveis, nem das suas mãos reaes, nem de toda a poesia da sua belleza do norte!

Ah! Londres vê-se n'uma semana, mas precisa um anno para se perceber; basta Cremorn para nos absorver muito tempo o espirito, sem nos permittir pensarmos n'outra coisa. As mulheres fazem perdoar a Londres a sua tristeza, o seu orgulho, e a sua rudez grandiosa. É que são bellas e poeticas como uma canção á *madona*, que se escute de longe a um gondoleiro, e que venha expirar languidamente ao nosso ouvido, trazida nas azas da brisa nocturna! Não se descreve aquella belleza depois de Byron; ha o que quer que seja de incerto e melancolico em similhante formosura; é o suspiro da vaga, é a respiração do mar, é musica azul, se a idéa do som póde applicar-se á côr.

Em Londres anda-se sempre de bocca aberta, ou para admirar ou para rir! Não ha meio termo ali: o que não é grande, é burlesco; exceptua-se o que é burlesco e grande ao mesmo tempo, — por exemplo, o inglez!

Se elles viajam tanto, se parecem dominados do espirito sonhador e inquieto dos que desejam ver, é porque se cançam de tempos a tempos do papel a que voluntariamente se condemnam, de representarem de homens cheios de etiqueta. O inglez não attende a essa famosa etiqueta, que tanto apregôa, senão na sua terra. Na sua terra, todos os escrupulos de bom tom, todos os esmeros de vestuario lhe parecem poucos: na terra dos outros andam, como quem vae ao quintal; no seu theatro vel-os-heis de casaca e gravata branca, obrigando até os estrangeiros a vestirem-se assim, ou a não lhes ser permittida a entrada; nos theatros dos outros paizes vão elles mesmos de casaquinho de riscado, calça de côr, gravata exotica, e chapéo de palha!

A sua alma que começa por se endurecer nos principios de uma religião sêcca e dogmatica, sente um dia, no centro das relações graves e positivas da vida social, a aspiração á phantasia. O sonho do que se ignora, do que se pressente sem se haver visto, do que se ambiciona admirar, vae lentamente minando na sua imaginação, com tanta maior força quanto o fastio da vida ingleza se torna maior. Chega uma occasião em que esses pobres homens sentem que é a hora inevitavel de partir ou de morrer; então, uns enfiam a tiracol a bolsa de viagem, e

vão ver o mundo; outros, como um actor que cáe ao atravessar o theatro, succubem na flôr da vida, muitas vezes, ao sôpro devastador do *spleen*.

Elles teem para tudo um dia, ou uma hora certa: não é porque esse dia seja o mais proprio, nem essa hora a mais conveniente — é para terem uma hora ou um dia por mais preço que os outros dias e as outras horas, de fórma que mais ninguem lhes faça concorrencia, e que essa hora e esse dia fiquem sendo o dia e a hora d'elles. Por isso, para visitar a exposição escolheram o sabbado, e ao sabbado a entrada na exposição custa o dobro. Vão ali n'esse dia, sem falta, tenham ou não desejo d'isso, ou antes sem terem desejos, porque não me parece ser muito dado a desejos um povo cujo orgulho é a nacionalidade, cuja unica paixão são os cavallos!

Comprehendo bem que vão dispensar-me de que lhes faça sobre a exposição as considerações cançadas, as descripções presumidas, que tanto nos tem enfastiado nos jornaes. A exposição vê-se n'um dia, e não se vê n'um mez; para quem fôr estudar pormenores, ali encontra de certo maravilhas de toda a ordem que devem tomar-lhe immenso tempo; mas para quem vae, como eu fiz «olhar e andar» o melhor que ha a fazer, é ser tudo n'um dia, a vôo d'ave — *a vol d'oiseau* — phrase que nunca foi tão

literal como d'esta vez... porque os telhados são de vidro!

A nossa exposição, que não poderia ser julgada a par das outras como progresso absoluto, era todavia notavel como progresso relativo, comparada com a exposição de 1851. Tinhamos ali coisas de muita valia, que poderiam talvez sobresair mais, se não houvesse na nossa terra o sestro invencivel de tudo fazer tarde, suppondo que tudo vae á horas, de que resultou enviarem a maior parte dos objectos muito depois da exposição estar aberta, o que necessariamente não permittiu que a disposição, a *mise-en-scene*, fosse tão engenhosa como poderia ser. Os nossos trigos eram muito observados, e os nossos vinhos produziam na opinião dos nossos fieis alliados o effeito mais deslumbrante e sincero. Uma ingleza velha, que não viu sem commoção as diversas garrafas meio cheias do nosso velho Porto, Malvasia, Carcavellos, Lavradio, perguntou ingenuamente ao nosso amigo Moita e Vasconcellos, membro da commissão portugueza em Londres, se aquellas garrafinhas eram destinadas a fazer provar aos entendedores os vinhos de Portugal; ao que Moita e Vasconcellos, considerando-a *entendedora*, respondeu prudentemente — que não.

A exposição é um grande mercado, uma feira

fabulosa, bordada de cascatas, de curiosidades e de *policemens*. Eu como disponho apenas do inglez que aprendi no lyceu, e infelizmente o inglez de S. João Nepomuceno não tem curso em Londres, vali-me sempre da pantomima, e gesticulei com os *policemens* á maneira das pantomimas inglezas, que são acompanhadas por uma ou outra palavra: diga-se em abono da symbolica linguagem de nossos primeiros paes, e mesmo das disposições para a mimica que se observa nos *policemens* inglezes, elles entendiam-me excellentemente, e quando saí da exposição foi com repugnancia e saudade que me entreguei de novo, no trato com os homens, ao recurso da palavra!

Lá dentro, claro está, a multidão, o aperto, a confusão são enormes; dizia não sei quem, que em Inglaterra ha tres sexos, o masculino, o feminino, e as velhas inglezas, que são um terceiro sexo: o sexo neutro; effectivamente na exposição lá encontrei estes tres sexos, passando aos empurrões e ás pisadas, porque—observação que tambem não é minha—os inglezes são pesadissimos!

Quando olhava para a gravidade petulante e desdenhosa d'aquelles sujeitos, julguei perfeitamente comprehensiveis duas historias que hesitára sempre em acreditar; a saber:

Um inglez chega com sua esposa a uma casa de pasto.

—Rapaz?

—Senhor?

—Um beef com *batates!*

—Com muito prazer, senhor! replica delicadamente o criado, voltando costas para ir dar a ordem.

—*Nó! Nó* com muito prazer, mas com muitas *batates!*

Prepara-se o beef e vem para a mesa. A mulher do inglez no melhor da festa cáe para o lado morta.

—Rapaz? grita o inglez.

—Patrão?

—Varre senhora, e traz mais batatas!

Outra historia de inglez.

Está uma esposa a expirar, e manda chamar o marido ao quarto.

—Aproxima-te.

—Aqui estou.

—Desejo fazer-te uma confissão...

—Faze-me uma confissão.

—Revelar-te um segredo...

—Revela-me um segredo.

—Eu, meu esposo, não quero morrer sem te declarar... que te enganei!

—Bem sei, responde tranquillamente o marido,

e d'isso é que tu morres, porque eu envenenei-te para me ver livre de ti.

Esta frieza dilacerante preside ali aos actos mais singulares e excentricos. Asseguram-me que elles teem, em compensação, grandes dotes de caracter, como lealdade e como franqueza: diz-se mesmo que em sendo amigos d'alguem, não os ha melhores n'este mundo; resta a saber se effectivamente alguma vez chegam a ser amigos d'alguem!?

Nada d'isto, porém, impede que façamos em *zigzag* um pequeno passeio por Londres até á hora do theatro. Não se inquietem pela abundancia de Wellingtons em estatua que de toda a parte nos apparece; permittam mesmo que nol-o offereçam nu, feito Achilles, á entrada de Hyde-Park, e sustenham o riso quando o avistem a cavallo, transformado na mais burlesca estatua de que eu tenho idéa, que apenas embaraça a gente por não se saber o que mais suscita o riso, se o cavallo, se o cavalleiro! Conta-se que um militar francez, examinando este monumento, e recordando-se amargamente de Waterloo, exclamara: — » Estamos vingados! » Tem-se commemorado por vezes, com justiça, a singularidade do genio inglez, que, sem tradições e sem escolas, tem deslumbrado o mundo: Shakespeare ensinou o drama, Scott fundou o romance historico,

Byron creou a poesia amarga e sceptica, Milton foi, por assim dizer, o pae dos romancistas: pois bem, se quizerem ser justos, hão de legar á historia o nome do auctor do Wellington a cavallo em Hyde-Park, que inventou a estatua equestre para rir!

Vamos para Westminster-abbey, egreja fundada por Eduardo, o confessor, no meiado do seculo XI, augmentada por Henrique III, embelezada no tempo de Henrique VII por uma capella em estylo gothico e restaurada por Christovão Wren.

Assim que se entra, encontra-se logo o *Poet's-Corner*, ou logar onde jazem os poetas. A gloria é o grande titulo para repousar ali. Estão ao lado dos reis os escriptores; acontece mesmo estarem ao lado dos satyristas os reis que elles stigmatizaram. Ha de tudo ali, de tudo que foi talento ou grandeza; comicos, historiadores, medicos, artistas, reis, actrizes, poetas. Ali foram extinguir-se as idéas politicas, as rivalidades litterarias, as invejas artisticas, ali foi quebrar-se o despeito, a ambição, a guerra; a rosa de York e a rosa de Lencastre ali foram murchar: Shakspeare dorme ao lado de Ricardo II; Maria Stuard fez as pazes com Elizabeth.

O que mais se admira em Westminster é a nave da capella de Henrique VII, em bordados de uma elegancia, de um gosto, de uma perfeição encanta-

dora, que pela ligeireza e pela finura parecem rendas ou recorte em papel. É esta capella destinada ás sepulturas reaes, e ali se encontra tambem o monumento de Henrique VII, trabalho do Torrigiano, que os inglezes estimam como rival de Miguel Angelo. Conta-se em Londres por gracejo que esta sympathia nasceu do seguinte caso: — O Torregiano partiu as ventas ao Buonarotti com um murro de primeiro quilate; os inglezes, na sua admiração espontanea por um socco bem dado, prostraram-se em adoração a este heroe, e, tomando-lhe a força do cinzel na conta da força do pulso, entenderam que elle era o rei dos esculptores!

IX

Eu vi tão pouco da cidade velha, a chamada *city* de Londres, que ponho escrupulo em lhes dizer, que vamos até lá ao sair de Westminster. A *city*, quanto eu fiquei sabendo, é o bairro populoso e commerciante da velha Londres, bairro que a boa sociedade não habita, por onde a boa sociedade não passa, que a boa sociedade quasi não conhece. Não sei por que leis e por que ajustes — porque tomei o apontamento d'isso ao entrar em Londres pela estação de *London-bridge*, e a velocidade do *cab* só me deixava escrever tão mal, que não consigo n'este momento ler o que escrevi! — a *city* é por tal fórma separada e independente da cidade nova.

que ha uma porta, a chamada porta do Templo, *Temple-barr*, que a rainha não póde passar sem pedir licença á municipalidade.

Ha por estes sitios umas ruas estreitas, escuras, impossiveis, em que habitam serenamente alguns dos ladrões mais festejados; e a policia ingleza, que é a mais intelligente e activa policia que ha no mundo, tem o bom senso de não se fadigar debalde, e não andar, como os nossos beleguins, a passeiar todo o dia em excursões não encommendadas, para conhecer o espirito da sociedade. Lá fóra trata-se de um homem quando é preciso agarrar o homem; mas, em quanto essa necessidade não se faz sentir, deixam-n'o ir vivendo, por peior que haja sido o seu passado, sem estarem em continuos sobresaltos para o não perder de vista. Por isso os ladrões, em Londres, em quanto ninguem se queixa, podem fazer o que quizerem; mas, em alguem dando parte d'elles, que se encommendem a Deus! Um dos entretenimentos a que são dados os habitantes de uns becos que por lá ha, é o de tosquiar cães roubados em Hyde-park e em Regent-park, para d'esta maneira lhes disfarçarem a raça.

Tambem ha por lá umas senhoras que se occupam em tirar a marca á roupa, e, naturalmente, não será roupa d'ellas; mas de tudo o mais galante

são umas creancinhas, que se sorriem para nós, a quem a gente pede um beijo, abaixando-se, e que nos tiram o relogio com uma perfeição angelica!

Voltemos por S. Paulo, e voltemos depressa para irmos esta noite a Covent-Garden. Diante de S. Paulo para-se, pasma-se, admira-se, mas não se extasia a gente; é enorme sem ser bello.

Está a egreja de S. Paulo entre *London-Bridge* e a porta da cidade, isso é no sitio mais animado e ruidoso de Londres. A vista amedronta-se ao fixar aquella montanha, que parece estar desafiando a basilica de S. Pedro em Roma. O *cicerone*, explicando a monstruosidade, faz-nos revelações curiosas, e diz-nos quanto custou, *penny* por *penny*, vintem por vintem, a edificação d'esta obra gigantesca, que parece aguentar sem esforço a fria magestade da cupula. O interior do templo é uma serie de maravilhas; as pinturas da cupula, que representam diversas scenas da vida de S. Paulo, são com justiça consideradas em Inglaterra como a expressão da sua melhor pintura. Dos lados do corpo da egreja tudo é cheio de capellas com monumentos funebres: são mais de cem tumulos em que ha para notar excellentes trabalhos de esculptura, de uma concepção fecunda e original.

O *cicerone* conta alguns casos historicos relativos

á egreja, que não são destituidos de interesse. Diz elle, por exemplo, que o auctor das pinturas da cupula, que é um pintor inglez de nome arrevesado e pouco sabido, estava pintando, suspenso no ar, em cima de umas taboas, sem costas. Ao terminar a cabeça de S. Paulo em companhia de um amigo, quiz julgar do effeito que já produzia o seu trabalho, e, segundo o costume dos artistas, recuou para o observar em distancia. O amigo vê-o recuar, recuar, e estar a ponto de cair, porque chegára á extremidade da ultima taboa; então, sem soltar uma palavra, foi-se á cabeça do sancto e deu-lhe umas poucas de pinceladas. O pintor cresceu para elle a segurar-lhe a mão, e o outro respondeu-lhe sorrindo:

—Estavas morto se não fosse isto!

Vamos, porém, que é tempo, até ao theatro. O theatro em Londres é uma necessidade para quem quer passar as noites n'uma sociedade morigerada e seria. Por menos sabor que se encontre n'uma representação ingleza, é preciso ir-se ali ao menos encontrar o ideal do actor Theodorico. São tetricos aquelles bons homens, e soturnos, e lugubres, como defunctos do anno antecedente; se não fossem tão gordos fazia-se d'elles fantasmas perfeitissimos. Deve louvar-se todavia o cuidado escrupuloso que pres-

tam ao que fazem, a profunda attenção com que escutam os seus interlocutores, e o relêvo que dão á acção que representam. Estão em scena completamente esquecidos do publico, seguindo o drama sem o perderem de vista, e restabelecendo por esta fórma a unidade que o andamento incerto do systema do theatro inglez poderia alterar. Os actores são uns homens enormes, de attitudes exageradas, physionomia de uma accentação desagradavel, gestos violentos, dicção brusca, e vestuario melodramatico. Os theatros de declamação em Londres vivem quasi todos de traducções e imitações de peças francezas; apenas em theatros de segunda ordem se representam constantemente as admiraveis tragedias de Shakspeare. O publico inglez, cujas fibras não se alimentam senão de *roas-beef* e de *porter*, precisa que lhe apimentem o appetite, e exige dos actores nas scenas de morte e de agonia uma verdade material, uma *exactidão do caso* que em Portugal seria para largarem todos a fugir pela porta fóra.

Ha dois theatros lyricos, o de *Covent-Garden* e o de *Her-Magestyss:* eu fui unicamente ao de Covent-Garden, por isso só posso fallar-lhes d'este, É o unico theatro, de todos os que vi em França e em Inglaterra, que realmente me surprehendeu; muito mais rico de adornos, abrilhanta-se principalmente pelo

prestigio que offerece o encantador espectaculo de estarem todas as senhoras em *toilette* de baile e os homens de casaca preta e gravata branca; perdoa-se depois de entrar na sala e de admirar o effeito esplendido que isto produz, a exigencia, um pouco seccante, de impôr ao publico a maneira de se apresentar.

Para os logares da primeira platéa ha sempre uma difficuldade enorme em alcançar bilhete, e a não os comprar nos armazens de pianos, muito mais caros que o seu preço, que já de si é um guineo, (uma moeda) torna-se preciso encommendal-os com antecedencia de quinze dias. Eu fui na primeira noite para a segunda platéa, que é excellente, que impõe os mesmos rigores de traje, e que custa dez schellings (meia moeda): cantava-se o *Roberto do Diabo*, de que já pela rua uns rapazes que acompanhavam, correndo, a carroagem que me conduzia, me offereciam o folheto, introduzindo o braço pela portinhola, a gritarem: «Robert! Robert!» com uma tenacidade satanica digna de Bertran!

Chego á platéa; entrego o meu bilhete a um porteiro, ao passo que outro porteiro me abre o paletot, e me examina gravemente até estar convencido de que trago casaca.

Entro. Em redor de mim, adiante de mim, por

cima de mim, na galeria, immensas casaças com gravata branca me contemplam. Nos camarotes as senhoras, em luxuosa e deslumbrante *toilette*, ostentam a alvura admiravel da sua cutis, que tem o poder de sabresair aos seus brancos vestidos de gaze; nota-se muitas flores, muitos diamantes, muitos enfeites, isto é: enfeites, diamantes e flores de mais; mas, a pouco e pouco deixa de haver tempo de olhar para outra cousa, que não seja a belleza de cada uma, belleza encantada, belleza indefinida e indescriptivel, belleza de sonho, de visão ou de anjo. Ellas conservam-se bonitas, ó milagre! — mesmo encostadas brandamente ao parapeito do seu camarote, a deitarem inglez pela bocca, operação cheia de difficuldade, que obriga toda a gente a fazer caretas e contracções musculares indispensaveis á boa pronuncia!

Onde encontrou a natureza para lhes dar, aquella mascara de tanta pureza, tanta correcção e tanta vida, a que a paixão mais violenta não póde alterar as soberbas linhas! Belleza de uma melancolia serena e suave como uma noite de verão!

Não as julguem frias, segundo o que se diz d'ellas. Frias são as francezas, porque são calculistas e *espirituosas*: as inglezas não fazem calemburgos, ali ter graça é ser formosa. Nem cuide alguem que são

meninas educadas a fazer *sandwichs* para o chá: são amantissimas da leitura, e dizem-me que geralmente são muito instruidas. O que eu sei e vi, é que teem o ar mais distincto, montam perfeitamente a cavallo, e são de uma finura de corpo que cuida a gente que vão a quebrar-se. O peior d'isto é que, apesar do seu tom debil e poetico, aquellas meninas comem dois arrateis de carne por dia!

Já, porém, corre para os lados a enorme cortina de seda que cobre o panno de bocca, e que se abre ao ultimo signal do chefe da orchestra.

Depois de uma symphonia admiravel, porque a orchestra é, além de enorme, magnifica, levanta-se o panno, e principia a opera de Meyerbeer.

Estão em scena Tamberlik e Formes. Pergunto a um inglez que está a meu lado e que me pediu desculpa em francez de me pisar... em inglez, isto é, com desastrada força:

—Este Bertran é o tal baixo profundo Formes?

—Exactamente.

—É possivel!

—Redondamente possivel. É um cantor experimentado, que conhece a scena e o publico, e que já não se inquieta por aquella, nem o assusta este. O tablado é a casa d'esse velho senhor. Por ali passeia, conforme está vendo, e de vez emquando di-

gna-se illudir-nos, figurando-se moço pela voz.

Este inglez era sincero. O baixo Formes illude tanto quando canta como quando está calado: é um artista completamente cançado, grande mestre, mas não dispondo senão de fraquissimos recursos para se sustentar; fórma a voz na bocca, e solta por vezes notas de uma extravagancia irrisoria. Os nossos fieis alliados, que teem completa ausencia do instincto musical, applaudem-n'o da mesma maneira quando elle é soffrivel e quando é intoleravel, e chegam a dar-se ares de enthusiasmo quando o lyrico ancião rompe em gestos cavalheirosos, dando pelo braço o que não póde dar pela garganta, e parecendo pelo accionado atirar uma nota ao ar.

Emquanto a Tamberlik, deve dizer-se que é ainda um excellente tenor, sem ser todavia um tenor para phreneticos triumphos — senão no momento de soltar a sua famosa nota. Os inglezes adoram-n'o por causa d'essa nota — uma nota altissima, a que ninguem chega, e a que chega elle: embora cante pouco o resto da opera, pedem-lhe apenas, e só exigem d'elle, que os favoreça com o supremo gozo do seu *dó* de peito, coisa que lhes faria dó a elles, pelo incrivel exforço a que obriga o cantor, se elles fossem capazes de ter dó de alguem, em se propondo a applaudil-o em seguida! Quando Tamberlik esteve

em Lisboa, devia ser um tenor divino; ainda hoje, para ser justo, devo confessar que dos mais famosos que aqui temos escutado n'estes ultimos tempos, Malvezzi, Mirate, Fraschini, Mongini, apenas estes dois ultimos me parecem comparaveis áquelle artista pelo gosto, pelo saber, pelo segredo supremo de não deixarem conhecer onde podem chegar, e onde já não podem, e principalmente pela segurança do methodo, que deixa brilhar os mestres até pela maneira porque se servem da voz que já não teem!

Era um Roberto cheio de paixão e de energia, phantastico e sympathico ao mesmo tempo, que soltava por vezes notas largas e vibrantes, e n'outras occasiões tinha a habilidade de se fazer admirar por *empalmações musicaes*, prodigios de arte, que chegavam a valer bem a voz que suppriam!

As damas eram a celebre Penco e a Battu; creio que a parte de *Alice* não é uma das mais favoraveis ao magnifico talento da primeira; mas, em todo o caso, desenvolve-o n'esta opera mesmo de uma maneira brilhante; o campo de batalha não é talvez tão felizmente escolhido como n'outros *spartitos*, mas o valor da guerreira é o mesmo, e, apesar dos obstaculos, ganhou uma victoria gloriosa ainda! Na parte da princeza, a Battu pareceu-me uma bonita voz, e um lindo rosto, e foi applaudida na proporção d'estas

duas condições, isto é, com as mãos... e com os oculos. Quando chegou o acto do cemiterio, julguei-me transportado a um sonho de fumista d'opio. Um bando allado de bailarinas se ergueu dos tumulos e voou pela scena. Nem o pastor Aristeo avistou nunca mais seductor enxame!

Eram mulheres bellas, de todas as nações, recrutadas caprichosamente pelo oiro despotico da Inglaterra; lá estava a franceza graciosa, que mostra o pé: mais a pallida italiana, que escolhe o amante pela largura de hombros: ali vi a ardente hespanhola que, quando o sol foge, allumia a terra com o seu olhar, e a allemã sonhadora, que conta ás estrellas os poeticos segredos da sua alma!

Era uma alluvião maravilhosa! Dir-se-hiam visões phantasticas do paiz dos lagos! Quando eu mostrei estranheza ao inglez que me estava ao lado, de ver as dançarinas tão pouco vestidas n'um paiz tão grave como o seu, respondeu-me esse excellente visinho:

—E então os *quadros vivos*, que o mundo tanto admirou, não sairam d'Inglaterra?

—Que me diz! Os quadros vivos!

—Estrearam-se em Londres, na sala de Roma!

—E o *cant* britannico admittiu uma mythologia vestida tanto á fresca!

—N'este seculo de paletots era preciso não dei-

xar esquecer a forma humana, e entendemos ser bom recordar de tempos a tempos a nossa anatomia!

— Entenderam muito bem!

— O senhor nunca leu a *Viagem na Suissa*, de Goethe?

— Já li.

— Lembra-se d'um pedido que elle faz ao seu amigo Frederico?

— De se despir, e ir passeando pela paizagem em costume de marmore grego...

— E faz por essa occasião uma reflexão mui sensata, de haver tido mil occasiões de admirar as bellezas da natureza, mas nunca combinadas com as do homem! Os povos do norte são muito dados a expedientes que tem por fim não deixar chegar as coisas a um estado em que a creatura, graças aos arrebiques da moda franceza, appareça com ares de animaes fabulosos.

Achei ser tempo de fazer um comprimento a este filho d'Albion pela correnteza do seu francez, e aproveitei o ensejo. Elle sorriu-se modestamente, e ia calar-se, se eu lhe não confessasse a raridade que estava sendo para mim em Londres ouvir fallar a lingua franceza.

— Convido a sua attenção, me disse, para ponderar uma circumstancia.

— Da melhor vontade!

— É que, sendo raro encontrar inglezes que fallem francez, é mais raro ainda encontrar francezes que fallem inglez!

— Tem razão! respondi, não podendo deixar de reconhecer justiça n'esta observação, em que se revela o bom senso inglez.

Nos intervallos vae-se ao botequim consumir algumas limonadas gazosas, refresco muito estimado em Londres, ou beber *ale*, ou tomar gelados, que são muito mais bem feitos que em Paris: cada gelado custa um *shelling* e dois pences — dezoito vintens!

No fim do espectaculo, as senhoras, embuçam-se n'um manto vermelho, que algumas põem á tiracollo, e que sobre o seu trajo branco sobresáe como uma lingua de fogo: uma longa fila de carruagens estaciona na rua á espera do publico, e cada qual, fazendo-se transportar á sua casa, mergulha-se no silencio pavoroso das noites de Londres.

A maior impressão da minha vida estava-me reservada para o ultimo dia da minha estada n'aquella cidade, porque só no ultimo dia fui a Sydenham. Ainda n'este momento, ao escrever esse nome, a minha mão treme, e povoa-se de recordações a minha alma. N'uma manhã atravessa-se ali pelos se-

culos, pelos paizes, e pelas maravilhas de toda a edade. São jardins encantados, parques, salas, palacetes, por onde se vae cortando as epocas até ao tempo fabuloso. Eis-nos em Babylonia, em Memphis, em Pompeia, na Alhambra, na Australia. Não teem assistido á representação de certas magicas, em que um personagem da vida real passa por todos os encantamentos que lhe ministra o poder de uma fada benefica, e depois de percorrer o mundo como principe, graças á flôr, á vara, ou á romã de condão, se encontra de novo na choupana da sua aldêa, e leva as mãos aos olhos, como para se convencer que os tem abertos, e que está vendo de novo o logar de onde partiu? — De onde vim eu? O que fiz eu? Onde estive eu? — perguntam estremunhados esses principes de phantasia; e quando a gente sae d'aquelle museu faustuoso em que o mundo de todas as edades parece haver-se agrupado debaixo de um tecto de vidro, pergunta tambem a si proprio, hesitando em reconhecer a vida positiva no momento de entrar outra vez n'uma carroagem de caminhos de ferro: — Onde estive eu? O que fiz eu? De onde venho eu? — O palacio de crystal é a coisa que a Inglaterra tem creado de mais original, e a coisa mais original que tem creado o mundo; já vêem — que não poderia descrever-lho senão prejudicando as

suas illusões, e deturpando o merito da maravilha por excellencia do nosso tempo.

Voltemos ainda esta noite a Covent-Garden, para ouvir — ou antes para ver Mario, visto que, ao que se affirma, o mais illustre tenor que tem deliciado um publico está hoje tão velho e gasto que já não consegue fazer-se ouvir! — e ámanhã ás oito horas estarei na estação Vittoria para partir de Londres.

Vou esta noite para os logares do amphitheatro, que correspondem aos logares de galeria no nosso theatro de S. Carlos; são os unicos onde póde ser-me dispensada a casaca que já metti na mala. Vou ás sete horas para a porta da rua, como toda a gente. aguento o apertão, como toda a gente, e vou lentamente pela escada acima levado nas azas da multidão ingleza, que são os cotovelos! O logar custa dois schlings e seis pences, seis tostões, e dá regalado commodo: um inglez que está por traz de mim põe o pé em cima do meu hombro, o que ainda lhe dá melhor commodo a elle: a orchestra rompe a alegre symphonia do velho Rossini, o panno ergue-se sobre o *Barbiero di Siviglia*, e, d'ali a um momento, Mario, o celebre Mario, o tenor dos tenores, o artista que tem inspirado tantas paixões na scena como nos camarotes, apparece embuçado no seu emprehendedor capote d'Almaviva.

Propuzera-me a ouvil-o, preparado pela curiosidade triste que se interessa pelos athletas envelhecidos, em quem o geito e a coragem substituem a força. Esperava uma agonia musical. Mario é o nome de artista, que sempre me produziu mais impressão, não só pelo que li do seu merecimento, mas do que ouvi da sua vida. Já de si este nome «Mario» me parece disposto a ficar de idéa a cada um. *Enfant gaté* da sociedade, as senhoras interessaram-se sempre por elle, e ao mesmo tempo, caso raro, os homens tambem. Mais bem pago do que quatro marechaes, viveu sempre como um rei, esse cantor que tem por tantos annos conservado a França e a Inglaterra suspensas aos seus labios, e cujo timbre de oiro tem feito vibrar as mais delicadas fibras feminis. Agora, cançado e velho, ha um pouco de tempo que leio os prégadores das gazetas musicaes a pronunciarem-lhe a oração funebre, e ouço os gatos pingados do *dilletantismo* a lastimarem o seu defuncto *dó!*

Appareceu, porém, esse famoso e enterrado heroe, e foi como uma resurreição. Eu nunca ouvi em minha vida voz mais sympathica, mais suave, mais educada pelo estudo e pela experiencia. A *serenata* foi cantada com um mimo, elegancia e gosto, de que não ha memoria para mim, desde que oiço

Almavivas! É certo que em operas de força elle não poderá já fazer-se tolerar, mas no *Barbeiro de Sevilha*, que se presta admiravelmente á sua voz e aos seus recursos de galanteria, é um prazer divino ouvil-o. E depois, que apresentação de principe, que maneiras de *gentleman*, que porte distincto e aristocratico. Não é um homem de theatro, é um elegante, é um cavalheiro, é um embaixador. Estava a olhal-o, e a sentir-me com pena, porque imaginava o que elle fôra, pelo que ainda é, e deplorava o que elle vae ser; a decadencia do talento é o espectaculo mais triste de que ha noticia; d'aqui a dois dias hade dizer com razão quem o estiver vendo — «Então, este trejeito forçado, esta careta, é que são o surriso branco e côr de rosa que suscitava paixões?» Mario deveria retirar-se já da scena. Sair a tempo é o grande segredo em tudo. A morte intelligente encarrega-se d'isso ás vezes para alguns privilegiados, porque os artistas, por via de regra, não teem força de se afastarem do lume do tablado, que lhes aquece a velhice. Mario, honra seja feita aos inglezes, é tratado ainda com todas as attenções devidas a um monarcha que perdeu o throno, e, por mais applausos que distribuam a Tamberlik, não esquecem nunca que Mario foi Mario.

Dos mais artistas que vi n'essa recita, Delle Sedie,

Chiammi, e a Patti, pareceu-me esta ultima ser a unica reputação merecida. Ella é a cantora da moda, e a gloria do momento. Formosa, joven, e de um canto cheio de execução, é todavia acolhida com um enthusiasmo mais de elegancia do que espontaneidade, porque o seu methodo de *fiorituri* e kikirikis dá idéa do canto de um passaro ou dos trinados de uma flauta aperfeiçoada, mas não de uma garganta humana. O ouvido deleita-se e agradece, mas a alma não chega a ouvir.

Saí no fim da tempestade do segundo acto, esse gracioso trecho d'orchestra da rainha das *borletas*, querendo recolher-me ao auspicioso seio da hospedaria Granara, em que um hospede que recolhe depois da meia noite faz sensação. Londres parecia uma cidade despovoada, aquella Londres gigantesca em que de dia se andava aos encontrões por entre a multidão. Era uma coisa tão deserta, tão muda, tão sepulchral como a mais completa das necropoles. E todavia estava viva. Era um cadaver enorme, cujas veias o sangue regava ainda, e que o dia ia galvanisar. As casas, que, escuras mesmo de dia pelo fumo do carvão de pedra, parecem mergulhadas em reflexões profundissimas estando de luto pelo sol, dão idéa á noite de um tumulo para muita gente, um sepulchro com gavetas em que os mor-

tos se accommodam uns por cima dos outros!

De manhã, por entre os *cabs*, as carroagens, os cavallos, e os omnibus que de todos os lados se cruzavam, ia eu em procura de um vehiculo, conduzindo o meu sacco-mala, e accotovelado por aquella população monstruosa. O gigante accordára! Londres apagára os lampeões, exasperada de não poder accender o sol.

Espalhei a vista para Regent-Street, que me ficava a dois passos á minha direita, ao sair de casa. Fallo agora d'esse bairro, visto não haver fallado ainda. Regent-Street é o Chiado de Londres: dê-se-lhe, já se vê, as proporções rasoaveis, para uma cidade que é *um poucoxinho* maior do que Lisboa. É uma rua larguissima, toda adornada de lojas magnificas de um lado e outro, lojas de ourives, armazens de fazendas, casas de modas, etc. Os *dandys* que não fazem nada e que não teem nada que fazer, por ali passam o seu dia, conversando, gyrando, flanando. Ás quatro horas é que Regent-Street toma a sua côr mais individualista, pela affluencia de senhoras que chegam de passear nos parques e que são certas ali a essa hora, para comprar, para ver, ou para passear.

Pois que fallei das senhoras da moda em Londres, não devo esquecer, em elogio d'ellas e em louvor

da Inglaterra, o referir quanto sabem conciliar a virtude sancta da caridade, com as distracções, caprichos, e tonterias a que vivem de ordinario entregues as que só cuidam da vida *fashionable*. Aqui está o que a este respeito diz Amedée Achard n'uns artigos sobre Londres, que correm em linguagem publicados em folhetins do *Commercio do Porto:* «As mais fidalgas senhoras não se dedignam occupando-se dos hospitaes e das casas de caridade. Teem ali funcções officiaes no sentido rigoroso da palavra. Quando vão a casa de um negociante comprar pannos, roupas, comestiveis para os doentes ou pobres, não teem senão dizer a qualidade. A estas palavras «Senhora de caridade» a mercadoria é logo entregue pelo preço da compra.»

Agora, aqui está o que não diz Amedée Achard, mas o que me certificaram em Londres mesmo, depois de m'o haverem dito em Paris. Ha não sei em que rua menos afamada e menos da moda, uma casa que tem um previlegio que maravilha os visinhos e faz scismar toda a gente: está sempre ali uma fileira de carruagens, e as senhoras opulentas, quasi todas moças, que se apeam, sobem alegremente áquella casa de uma muito mediocre apparencia, e de uma escada que deve ser escurissima.

Vão procurar ali uma senhora edosa que tem duas

filhas,—e que deveriam chamar-se as tres irmãs de caridade. A mãe foi outr'ora directora de um collegio de meninas, estabelecidas hoje pela maior parte em magnificos casamentos. Gostam todas muito d'ella, chamam-lhe maman, tratam-a por tu, e estão sempre a ir vel-a, assim como ás suas duas filhas, que lhe foram companheiras de aulas, e de recreio. Estas tres senhoras, mãe e filha, que pertencem ao culto protestante, conceberam um plano engenhoso e interessante de caridade privada, que as suas numerosas relações com uma sociedade opulenta e affectuosa lhes permittiram realisar de uma maneira que é para se dizer. Fundaram o que ali se chama *as dezenas*: é a reunião de dez familias ricas, que sustentam uma familia pobre. Das antigas discipulas ou amigas da casa parte este fundo de soccorros temporarios, que não se dirige a pobres *de officio* ou de situação, porque d'esses occupa-se a caridade publica, mas a familias caidas em desgraça por successos improvistos e crises momentaneas, que as collocam n'uma situação difficil, e que precisam ser auxiliadas por uns tempos. Isto, como bem se póde julgar, dá azo a historias commoventes e a verdadeiros casos de boa virtude. Ha mil romances seguramente a referir, do que ali se tem passado. Conta-se de uma familia burgueza, em que o chefe

se arruinára em especulações commerciaes, e que chegára a vender até o leito dos filhos: as senhoras condoeram-se d'isto, animaram seus maridos a dar passos, e o homem foi collocado n'uma industria honesta, conseguindo restaurar os seus creditos, e tão penetrado de gratidão e de desejo de poder pagar o bem que se lhe fizera, que resolveu fazer entrar sua mulher para a sociedade da *dezena*, que os soccorrera, e fel-a ir logo pedir esmolas para outra familia que estava em naufragio. Tenho dito aqui da vida ingleza varias coisas para rir, e estimo poder contar esta que é de abençoar!

Ainda na viagem de regresso a Paris me estava reservado assistir a uma scena verdadeiramente comica dentro do vapôr em que passavamos o canal.

Ia um italiano que era rebequista, mas que até a rebecca deixára em Londres, tão crivado de dividas se encontrára o pobre diabo n'aquella terra monotona e enorme, em que se morre a cada canto de fome e frio. Era um rapazote baixo e loiro, de physionomia perspicaz, olhar astuto, e expressão contrariada de homem sem dinheiro. Estar em Londres sem vintem, e querer sem vintem ir para Paris, é um drama a estender os braços a um poema. O italiano emprehendeu esse salto mortal, com a vista serena de quem tem tudo a ganhar. Entrou

para o vapôr sem bilhete, e principiou desde logo a fingir duas coisas, que não sabia inglez e que estava ébrio. Dirigia-se risonhamente aos criados, apertava-lhes o pescoço com o ar gracioso de quem tem o vinho alegre, dava-lhes palmadas no ventre, abotoava-lhes a jaqueta, e dizia-lhes com insistencia em italiano que estava seguro de que elles eram millanezes e que sabiam tocar realejo; como os criados não percebiam, agarrava-lhes n'um braço, e, cantando ao mesmo tempo, imitava com o braço d'elles os movimentos de um tocador de realejo: os criados mostravam-se surprehendidos, e fugiam d'elle.

Desde o momento solemne em que o enjôo se tornou senhor dos passageiros, foi cada um estender-se ao comprido nos bancos da camara, e não se ouviu mais do que os soluços d'agonia, ou os ais de quem acha o tempo longo. O italiano conservou-se sentado, no centro da camara, olhando de vez em quando para os moribundos companheiros com a expressão de piedade ironica de um homem que não soffre no mar. Consultava os seus papeis, tomava nota na sua carteira, fumava, fazia contas, desenhava bonecos, e mordia levemente os beiços, com o gesto ardido de quem está pensando em dinheiro sem saber como o arranjar.

N'isto chegou á camara o capitão com um criado que fazia as vezes de secretario, e principiou pedindo aos passageiros os seus bilhetes; deu cada um o seu, menos o italiano que tornou logo a fingir-se ebrio e a dar-se ares de não intender inglez.

O capitão dizia-lhe:

— *Ticket! The ticket!*

O italiano respondia rindo, e apontando-o a dedo como um farcista:

— *Ghé cosa! Tic!* Ah! ah! ah! *Tic!*

O capitão acocorava-se com a melhor pachorra, e mostrava-lhe os outros bilhetes que tinha na mão, para o fazer perceber do que se tratava:

— *Ticket! The ticket!*

O italiano ria com um gosto *impremiavel*, e não se mexia. O capitão chegava-se a elle e tentava procurar-lhe o bilhete nas algibeiras; um gesto de indignação repelia similhante ousadia, e o capitão recuava com todo o pudor de um inglez, pedindo-lhe desculpa e fazendo-se vermelho. Esta scena durou hora e meia, e era preciso ainda mais tempo para o capitão perceber que o italiano nem estava ebrio, nem tinha bilhete!

Perdi-o de vista ao desembarque, mas tornei a vêl-o no momento de entrarmos para o caminho de ferro: estava alegre como todo o italiano que en-

ganou alguem, e glorioso como todo o homem que enganou um inglez.

Ia eu a entrar para uma carroagem do comboio, quando fiz reparo que ia n'essa carroagem uma senhora com uma creança ao peito, companhia pouco agradavel para quem viaja de noite.

O italiano disse-me francamente:

—Entre, senhor! Não lhe importe a creança! A creança não é d'essa senhora!

—Não é?

—Qual! Eu conheço-a de reputação.

—A senhora?

—A creança.

—Conhece a creança *de reputação?*

—Perfeitamente. É um costume do paiz. Ha sempre nas estações de caminhos de ferro, á hora de partirem os comboios de noite, umas mulheres com creanças que alugam por cinco minutos, a razão de um *schelling*, e um *schelling* e seis *pences* as que estão a chorar, ás pessoas que querem ir sós na carroagem, e que por esse artificio afastam os companheiros: no momento em que larga o comboio, entrega-se a creança!

Effectivamente, ao partir o comboio, a senhora entregou a creança a uma gorda ingleza, que lhe deu o troco de dois *schellings*!

X

Entrar de novo em Paris foi como achar-me em casa; tanto me fámiliarisára já com aquella terra, a que a gente se habitua desde o segundo dia. Fui ver os meus conhecimentos, visitar os meus compatriotas, espairecer nos sitios meus predilectos, etc. Os centros da reunião portugueza em Paris são de manhã na legação, á tarde em casa do sr. visconde de Sancta Isabel, e á noite no café napolitano. Devo muito reconhecimento á maneira toda especial por que me tratou o nosso ministro em Paris, e não tenho senão a louvar-me da amabilidade dos addidos.

O sr. Miguel Martins d'Antas, secretario da legação portugueza, é não só um diplomatico, mas um

homem de lettras; trabalha actualmente n'uns estudos sobre a epoca de D. Sebastião, e corre em Paris uma excellente, ainda que resumida noticia, por elle escripta em francez, ácerca do nosso historiador o sr. Alexandre Herculano, por occasião de ser nomeado socio do Instituto de França.

O que verdadeiramente me deu a surpreza mais agradavel, foi encontrar no Palais Royal, subitamente, face a face, na distancia de um *shake-hands*, o meu bom amigo e antigo collega do *Rei e Ordem*, Eduardo Cabral, a estender-me os braços. Nos primeiros dias de eu estar em Paris, elle e seu elegante irmão José Emygdio houveram por bem ser meus cicerones; depois, tive occasião de passar na rua de *Chaussée d'Antin* muito agradaveis horas de cavaco nacional, em casa do visconde de Sancta Isabel, entre seu excellente filho Julio Ferreira, os srs. Antonio Joaquim de Oliveira, Francisco Kruz, visconde de Porto-Covo, Peixoto, Mesquita, Castello-Branco, e o visconde principalmente, que é uma imaginação viva e calorosa. Da primeira vez que eu lá jantei, apresentaram-me ao café um livro sobre a meza; eram as *Scenas da minha terra*. Confesso-lhes, que poucas vezes tenho tido uma alegria tão intima, como quando vi em Paris o livro da minha aldêa!

A uma distincta compatriota nossa, illustre pelos

seus dotes de formosura e espirito, a exm.ª sr.ª D. Emilia Kruz, devi algumas horas de mùito entretida e risonha conversação, a confrontarmos a indole, os usos, e as figuras do quadro parisiense, com os costumes e o caracter da scena de Lisboa; diga-se, em louvor dos sentimentos de nacionalidade d'essa senhora, a sinceridade portugueza foi commemorada com grande vantagem ao atticismo da França!

Além dos portuguezes residentes na capital da França, encontrei ali tambem alguns estimaveis adventicios; assim o meu excellente amigo o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, com os seus companheiros de viagem, Prego e Pinto de Magalhães: o sr. Sebastião Freitas, o sr. Barros e Cunha, o sr. Libano Ribeiro da Silva, o sr. João Palha, e o sr. Sousa Almada. Bem teem razão os que dizem ser grande alegria ver em terras estranhas irmãos nossos; e quando se está habituado á sua convivencia e á sua amizade, que prazer avistal-os nos sitios de onde os julgamos longe! O sr. Sampaio andou vendo em Paris tudo de que eu não me occupava, e eu occupava-me em ver tudo de que o sr. Sampaio prescindia; andava eu pela rua em quanto o sr. Sampaio estava nos museus, estava eu nos theatros ou nos bailes publicos, á hora em que o sr. Sampaio

estava a descançar, e dava-se sempre o caso de o sr. Sampaio estar examinando os edificios em quanto eu olhava para as mulheres. Estudos diversos, e ambos proveitosos, de duas indoles deseguaes!

No Café Napolitano todos os portuguezes se dão *rendez-vous* depois do theatro, e tem qualquer a felicidade de poder estar ali como em familia, se fôr de uns ratões que ha, que parece irem ao estrangeiro para estar com compatriotas, e que fariam suppôr, á primeira idéa, que não ha portuguezes em Portugal!

É no Café Napolitano, depois da loja de Tortoni, onde se tomam melhores gelados; eu, digo-lhes a verdade, prefiro em muito os nossos sorvetes, o que se explica talvez por serem muito mais saborosos os fructos do nosso paiz. Em Lisboa vae-se aos botequins antes do theatro: em Paris vae-se depois do theatro para os botequins; por isso, das onze horas em diante é enorme a affluencia no Café Napolitano.

Uma circumstancia penosa da vida parisiense, é estar quasi toda a gente privada sempre de chegar ao principio dos espectaculos, e assistir ás peças de *lever du rideau*, por principiarem as representações a uma hora impossivel, e chegarem os espectadores justamente a tempo de verem cair o panno, no fim do segundo acto.

Os costumes estão por tal maneira mudados ha alguns annos, que principiar uma peça ás sete horas no verão, é querer que ninguem jante ou que ninguem a veja. A invasão dos usos inglezes chegou até Paris, no que respeita a jantar tarde e estar bastante tempo á meza; de mais a mais, o engrandecimento da cidade, a creação de bairros novos, a multiplicidade de negocios e de relações devem fazer recuar cada vez mais as horas da comida. O dia estende-se á custa da noite. Não tardará que se jante á hora a que nossos paes ceavam. As camaras, os escriptorios, todas as officinas do governo, do commercio, do pensamento, e da industria, fecham tarde. Como ha de estar-se ás sete horas no theatro? Principalmente em Paris, por ser uso jantar nos *restaurants*, é preciso depois ir uma pessoa a casa, vestir-se, e pôr-se em seguida a caminho, o que por vezes, haja vista á distancia, é uma jornada longa mesmo em omnibus ou em *fiacre*. Não ha tempo de gozar a frescura do crepusculo nos passeios, e ir acabar a noite a escutar uma opera, um drama, ou uma comedia. A objecção natural que se apresenta, é que as representações devem terminar em Paris á meia noite. Em primeiro logar, podiam fazer-se os espectaculos mais curtos, e em segundo permitta-se-nos lastimar que, n'uma terra que se

considera a mais civilisada, a capital do mundo, se sujeitem os divertimentos a uma especie de toque de recolher, barbaro, absurdo, e proprio da edade media! Como medida de policia, só póde servir para entregar Paris aos ladrões nocturnos: um theatro flammejante de luzes, com ajuntamento de carroagens, e criados á espera, guarda melhor um bairro do que as patrulhas; uma loja aberta depois da meia noite, atirando ondas de gaz sobre uma rua que não contava senão com os seus lampeões e com algum favor da lua, alegra tudo; um botequim phosphorescente de crystaes e de lampadas, um *restaurant* de onde sae um motim que põe tudo em alarme, intimidam o bandido e o assassino em suas explorações sinistras. Accresce a isto, que, para uma cidade como Paris, até deve desapparecer a differença antiga do dia e da noite. Meia noite e meio dia devem ser, como na marcação dos relogios, a mesma cifra no dia d'aquella terra por excellencia!

Acabem de todo as horas negras! O gaz, nos tempos em que vamos, valle tanto como o sol — menos em Londres, que ahi valle mais, porque não se vê senão de noite! Não está d'accordo nem com a liberdade de costumes nem com a elegancia d'elles, na terra que dá modas ao mundo, principiarem os theatros á hora do assado, e terminarem antes

da hora da ceia! Eu em todo o tempo que estive em Paris, como ia sempre ao theatro, principiava o jantar pela sobremeza, e reservava a sopa para o fim de tudo... para não ter tempo de a comer!

O unico modo, em Paris, de não fazer *queue* á porta dos theatros, isto é, de não estacionar desde as cinco horas até ás seis e meia entre a multidão, é mandar comprar bilhete de manhã por mais *um franco*, para garantir a reserva do logar. Depois, á noite, chegada a hora, entra um homem e vê-se assaltado pelas *ouvreuses*, que lhe tiram o chapéo, a bengala, o paletot, a titulo de não o quererem incommodado; e se o homem vae acompanhado de uma senhora, accode logo outra *ouvreuse* a tirar-lhe o chapéo, o chale, o *burnous*, e outra *ouvreuse* se apressa em trazer um banquinho para a senhora pôr os pés, banquinho que a senhora não pediu, que a senhora não quer, que até incommoda a senhora, mas que é para a senhora pôr os pés. Contra estes usos não ha que retrucar, e a unica resposta, acceita pelas tradições, é recompensar as *ouvreuses* pelo seu trabalho.

Na maior parte dos theatros estas creaturas são de um exterior o mais curioso: imaginem uma corista do nosso theatro de S. Carlos, tirem-lhe mais dois dentes de cima, cubram-lhe a cabeça com uma

pelotica loira ou meia branca, um estratagema de cabellos que nem se percebe de que direcções parte, mettam-lhe na algibeira do avental uma caixa enorme de rapé, tapem-lhe o estratagema com uma touquinha enfeitada de fitas, e um vestido enfeitado de nodoas, e ahi ficam possuindo uma *ouvreuse* como as melhores de lá.

N'alguns theatros encontra-se o typo modificado, por serem de opinião os empresarios que para dar um banquinho e um programma não é rigorosamente necessario ser-se feia a tal ponto. Para essas, os estatutos marcam vinte e cinco annos, abundancia de cabellos, vestidinho limpo, uma touca com muita fita côr de rosa, se o vestido é azul, e muita fita azul se fôr o vestido escuro.

Algumas d'estas sujeitas teem filhas actrizes, e diz-se mesmo — eu não acredito — que visto tambem ser do seu cargo o alugarem oculos de theatro, ellas proprias indicam a maneira de os fixar, na direcção do braço, do pé, da perna, ou simplesmente da cara da menina, conforme a menina tiver melhor a cara, a perna, o braço, ou o pé!

Tem esta casta de mulheres, assim como quasi toda a gente em França, a maior veneração por quem é condecorado. Todas as attenções, mesuras, e extremos vão para o *monsieur décoré*. Desde que

desembarquei em Saint-Nazaire que comprehendi a importancia das fitinhas no estrangeiro; os guardas da alfandega respeitam as bagagens d'esses privilegiados importantes, e exercem todo o seu talento de investigação nas malas dos que não teem o peito ornado de *couplets*—ou, quero dizer, ornado de condecorações! Eu em Lisboa nunca pensára na importancia util d'estes favores ministeriaes, pela velha razão que aqui se dá, de não valer nada o que se tem concedido a toda a gente; mas devem pensar que, mesmo por toda a gente aqui ser condecorada, é que se despreza soberanamente um pobre diabo que não o seja!

—Quando este não tem fita nem medalha, que tal elle é, dizem comsigo, provavelmente, os que julgam alguem pelas exterioridades.

Vamos, porém, correr os theatros, e para conhecermos todos os prazeres da existencia de Paris, façâmos *queue* á porta, o que constitue metade do espectaculo! Fazer *queue* é estar benevolamente a descascar uma laranja, e offerecer um gômo aos circumstantes! É ler avidamente as mil tonterias dos jornaes para rir, que se vendem á porta! É fallar do que se vae ver, do que se vae applaudir, do que se vae assoviar! Ha até em Paris uma industria extremamente lucrativa, e original; consiste

em se collocar á uma hora depois do meio dia em frente da columna que mais tarde hade tornar-se immensa, e ceder n'um momento dado o logar que se occupa, alcançado á custa de tres horas de frio, de sol, ou de chuva!

Os theatros dos *boulevards* pareceram-me inferiores ao que se deveria esperar dos theatros de Paris. Com muito bom discernimento se admirou tambem Paulo Midosi — aquelle excellente adivinho, que, primeiro que eu proprio, soube que eu iria a a Paris! — da mediocridade dos artistas que actualmente representam nos theatros da *Porte de Saint-Martin*, *Gymnase*, *Gaité*, *Vaudeville*, *Varietés*, *Palais Royal*, e *Ambigu*. A arte dramatica na França parece estar em decadencia. A escolha mesmo do reportorio denuncia os estravios de uma eschola que volta aos seus erros; eu assisti á representação *d'Antony*, do *Canal Saint-Martin*, da *Torre de Nesle*, e de algumas outras *cabidelas de sangue* em *cinco pratos*, excentricidades monstruosas para a época em que estamos, que sobresaltam quem vae para ali depois de jantar, e alteram completamente o bom andamento da digestão, pois todo o reportorio consta de peças nocturnas, que devassam as tavernas, as casas de jogo, e os subterraneos, para encontrar enredos; é uma sociedade permanente de traidores, duelistas,

assassinos, ladrões, e envenenadores. Valeu-me ao menos encontrar para refrescar o animo o pequenino theatro *Déjaset*. Ainda pude applaudir n'um papel de rapaz a celebre actriz que deu o nome ao theatro, e que esconde os seus sessenta annos debaixo da viveza do espirito, da graça da voz, dos artefícios de um talento que zomba das condições da edade.

A *claque* n'aquelles theatros aguenta as peças e os comediantes, muitas vezes contra a imprensa e contra o publico. No *Antony*, theatro da *Porte Saint-Martin*, a actriz que fazia a parte de Adelia era uma mediocridade das proporções de muitas semsaboronas que por ahi temos nos theatros de cá: o publico escutava-a frio e desdenhoso, e os folhetinistas julgavam-a assim:

«*M.lle Duverger est peutêtre chargée du rôle d'Adèle, mais nous n'en sommes pas sûr. tant elle parait étrangère a cette action brulante, a ce drame à travers lequel elle se promène avec un calme décent et de jolies robes.*»

Nestor Roqueplan *(Constitutionnel.)*

«*La première condition pour bien jouer Adèle est dy croire comme un marabout croit au Coran. Hélas! m.lle Duverger est d'un scepticisme desespé-*

rant. J'incline même a penser qu'elle est completement hérétique.»

Edmond Villetard *(Le Courrier du Dimanche).*

«*M.lle Duverger crie faux et s'échauffe a froid.*»

Paul de Saint-Victor. *(Presse.)*

Pois bem! A *claque* sustentava-a por tal fórma, que dava direito á empresa de annunciar a peça da maneira seguinte:

«Esta noite, *Antony*, grande triumpho de mr. Dumaine e de m.lle Duverger.»

Considerar quanto lá por fóra se attende á *claque* e quanto ella tem provado á humanidade a sua importancia nos acontecimentos, seria trabalho para uma memoria á Academia — que d'antes era costume ao entrar para a nossa Academia fazer uma memoria; agora basta um esquecimento!

Em Paris ser *claqueur* é um emprego, além de rendoso, cheio de dignidade: como lucros, basta dizer-lhes que o antigo chefe de *claque*, um tal Auguste, vendeu o seu logar por cento e oitenta mil francos; como dignidade, contar-lhes-hei o seguinte dialogo no tribunal entre o presidente e um d'estes heroes, que se recusára formalmente a ser da guarda nacional.

— Então, vocemecê que motivos allega para não fazer parte da guarda nacional?

—Os meus afazeres!

—Em que se emprega então?

—Sou artista!

—Artista em que especialidade?

—Pertenço ao theatro.

—É actor?

—Não, senhor!

—É musico?

—Tambem não, senhor!

—Faz machinas para as magicas?

—Nada d'isso!

—Então o que faz?

—Aqueço os triumphos!

—Mas em que póde isso influir para...

—Influe immenso! Bem póde julgar, que não me é possivel, estando preso ás noites, e tendo de assistir de manhã aos ensaios...

—Aos ensaios?

—De certo. Para marcarmos de accordo com o auctor, o empresario, e os comicos, as situações que devemos applaudir! Já vê que isto toma um tempo precioso!

—Diz bem, responde o presidente meditando; um tempo precioso! Está dispensado, á vista de taes razões. Póde retirar-se!

E retira-se o homem; retira-se, e á noite, isto é,

á tarde, visto que os theatros principiam ás sete horas, já elle está na platéa antes de se abrirem as portas, gosando do privilegio dos da sua gerarchia, de entrarem pelo palco e descerem pela orchestra para tomarem assento nos tres bancos que lhes são destinados, ao meio da sala, por baixo do lustre.

Depois, até ao momento de se erguer o panno, conversam com o ar mais jovial, e estendem a sua amabilidade e chiste até dirigirem ditos graciosos aos generosos desconhecidos (estylo theatral), que lhes ficam proximos: chama-se a isto alegrar a sala entretendo o publico. Está, por exemplo, adiante do *claqueur* um corcunda, homem serio e honesto como todos os corcundas, que não conhece sequer de vista o seu visinho de platéa; isto não poderia impedir que o outro lhe dirija a palavra, como ambicionando entreter o tempo no doce prazer da conversação.

—Se eu tivera a honra de ser do numero das suas relações, teria duas palavras a dizer a V. S.ª!

—Confidencial?

—Não! Simples e amigavel palestra, em referencia á enfermidade que o importuna... (olha-lhe para a corcunda.)

—Ah!

—Exacto! (apalpa-lhe a corcunda) Eu punha-o prompto em menos d'um mez!

—Que diz?!

—Infallivelmente! Não seria o primeiro. O caso é simples! — agarrava o senhor, e mettia-o n'um lagar por occasião das vendimas; depois, dava um poucoxinho á roda...

—Mas eu gritaria, senhor!

—Bei sei, e eu deixava-o gritar, seguindo a minha operação, e dando mais á roda, cada vez com mais força, com uma força immensa!

—Mas isso era capaz de me fazer arrebentar, senhor!

—Sim, naturalmente, mas depois ficava delgado como uma folha de papel!

O corcunda faz-se vermelho, e ri-se amarello; depois fica verde. Esta combinação de côres produz o effeito mais grato aos olhos dos circumstantes, que se divertem immenso pelos agudos chistes d'aquelle cavalheiro. Começa o espectaculo: o chefe pisca o olho á sua gente, o que significa na sua mysteriosa mas eloquente linguagem: «Alerta! Á proporção que entram em scena os actores da voga, uma salva d'applausos os sauda com estas palavras que os intrepidos filhos da invenção de Nero proferem com commoção; «É elle! Ah! É elle! Felizmente, bem empregado dinheiro!» E depois, se a casa está o que se diz *fraca*, se ha pouca gente

nos camarotes e pouca gente na platéa, principia a reinar um suave tom de sympathia e familiaridade entre os «fidalgos do lustre» e os artistas; n'uma scena em que uma das actrizes tem que dizer um segredo a meia voz a um personagem da peça, grita-lhe do seu logar um d'estes cavalheiros: — «Falle alto menina, que hoje ninguem nos ouve!»

O *claqueur* estima a instrucção e anda em dia com os romances que fazem bulha, graças a um gabinete de leitura de que é assignante, a razão de cinco francos por mez, e que lhe proporciona todas as publicações recentes, a fim de entreter seus ocios nos breves intervallos das suas funcções artisticas. É sempre á noite, durante o espectaculo, que este ente extraordinario se entrega á reflexão e ao estudo; á reflexão, fazendo as contas do dia, e escrevendo a lapis n'um papellinho as despezas domesticas, durante as scenas em que não ha applauso: ao estudo, annotando o manuscripto da peça que se está ensaiando, e que o empresario lhe confiou para elle observar os effeitos, e marcar as passagens, phrases, saidas, e gestos, que devam ter salva de palmas. O auctor em pessoa o vae consultar, dar-lhe as suas razões, escutar reverente os seus conselhos, e folgar com os gracejos que se digne dispensar-lhe:

— A scena da minha peça é na Cappadoccia, já

vê o meu amigo que é preciso transportamo-nos áquelle paiz, e entrar no genio da nação!

—E persuade-se que a peça dará lucros sufficientes... para as despezas da viagem?

—Ah! maganão! exclama o auctor, abraçando-o.

—Ah! espirituosissimo maganão!

E, o melhor do caso é isto, sem a protecção destes influentes, não ha peça possivel; a gloria de cada auctor aquece-se apenas nos polmões d'estes enthusiastas por profissão, que apenas são perigosos em quanto ainda são novatos, e que um resto de consciencia se obstina em permanecer intacto. Sabe-se d'um que estava a dar palmas como um phrenetico e a gritar ao mesmo tempo—«Ah! que *borracheira!*» Os que o rodeavam, pasmados de um comportamento similhante, deram-se ao incommodo de lhe perguntar porque dizia elle tão mal da peça, estando ao mesmo tempo a applaudil-a.

—Combinámos aguentar esta semsaboria, respondeu o *chaqueur*, e como sou de palavra, cumpro o que prometti applaudindo-a; mas não heide por isso dispensar-me de ser homem de bem, e trahir o meu sentimento; ahi está porque, a bater as mãos, vou dizendo ao mesmo tempo, para descargo da minha consciencia, que isto não presta para nada!

É nos theatros de Paris uma tal vergonha applau-

dir, que um amigo que me acompanhou uma noite, não sei já a qual d'elles, segurou-me o braço n'um momento em que eu ia dar palmas, e preveniu-me que ninguem fazia similhante coisa *sinceramente*.

Depois do theatro francez, o theatro da Opera-comica parece-me o mais estimado, o mais popular, o mais litterario mesmo. Accresce que tem um genero que toca com quasi todos, tirando d'elles o que teem de mais ligeiro, de mais attrahente, e de mais vivo, e fundindo tudo n'uma especie de eclectismo comico e musical, que se dá maravilhosamente com os instinctos da maior parte dos espectadores parisienses! É a musica instrumental, espirituosa, *coquette*, facil, todo o genero de musica, menos a musica fastidiosa; um canto sem grande sciencia nem grande pretenção, restringindo-se aos limites da canção, do *romance*, ou da *arietta* breve e modesta. O *vaudeville*, e até a farça alegre e gorda, tambem ali teem o seu logar. Aquelle theatro ora enternece o publico e o faz chorar, ora o deixa rir sem etiqueta e sem ceremonia. O genero não passa de um composto de *romanzas* ligeiras e fugitivas.

O que em todo o caso se observa mesmo em Paris, é que o theatro está velho como o amor. A população fluctuante sustenta pela curiosidade as dezoito scenas que ali funccionam, e, de toda a gente de

Paris, a unica que raramente vae ao theatro — são os parisienses; é porque só elles conhecem a fundo os artificios em que se baseam os falsos triumphos das peças e dos artistas, e o que illude os estrangeiros fal-os a elles rir de dó!

Uma vez, no *Vaudeville*, assistindo á representação de um drama novo em quatro actos, vi eu bem em que se resumem os grandes successos dramaticos de que tanto se falla ás vezes. A heroina annunciava que seu pae estava doente: — a *claque* tirava os lenços; a heroina vinha dizer d'alli a pouco que já não havia esperança: a *claque* desdobrava os lenços e principiava a assoar-se; a heroina finalmente vinha gritar, com uma voz... de se rasgarem lenços:

A heroina.

Meu pa... e...

O actor, que lhe dava a réplica.

Termina! Teu pae?

A heroina.

Meu... pae...

O actor, que lhe dava a réplica.

Pois sim, teu pae?

A heroina (uivando.)

Meu pae está morto!

Então, os narizes da *claque* desprendiam a grande nota, de commum accordo, ou antes de commum

desaccordo, e os annuncios do theatro diziam no dia dia immediato — « *C'est un immense succès de larmes!* »

Não seria comprehensivel estar-se em Paris, e não ir de vez em quando á Grande Opera, assistir ás danças. Vamos, pois, n'este capitulo ainda, visto que com elle se fecha tudo que digo dos theatros, pasmar diante d'aquelle corpo de baile encantador, em que sessenta raparigas bonitas como estrellas se agitam no mesmo movimento, rompem no mesmo passo, partem no mesmo vôo! Nunca mais pequeninos pés sustentaram corpos tão esbeltos! Como ellas saltam ligeiras e se esquivam rapidas ás tentações e ás pesquizas dos bailarinos, que procuram cingir-lhes a cintura ou beijar-lhes a mão, em quanto, palpitantes, mudas, escapam como cobras, vão, fogem, voltam, multiplicam-se, com uma leveza d'ave!

Quando passam nas suas valsas, nos seus galopes, nas variações, ou na *tarentella*, é um espectaculo prodigioso, admirar como n'um só passo aquellas figuras todas se enlaçam e se desprendem com uma facilidade e uma exactidão phantasticas; ha momentos em que reina no seductor enxame uma confusão encantadora, e em que tudo se mistura, se remexe, se baralha, se complica, se envolve, que já ninguem se entende; dir-se-hia um montão

de folhas de rosa, que um zephiro malicioso espalha com a ponta da aza; as saias, os cabellos, as fitas palpitam no turbilhão; depois, a um certo compasso, tudo se encontra outra vez no seu logar, com uma rapidez que cega!

Ali, sim! ali comprehende-se que a dança produza nos espiritos um encantamento d'enthusiasmo, e que os casos galantes robusteçam a sua chronica por algumas paixões irresistivelmente inspiradas. Ha por lá mais de um Tranio perdido por ellas. A historia do conde de Thann não é uma ficção, mas um facto triste de que se recordam muitos dos seus amigos de Paris. Como o romantismo d'esse melancholico destino accentua bem esta feição da Paris perigosa, permitta a leitora que eu resuma do romance de Adolfe Gaiffe, que era amigo intimo do heroe, o caso de que ali fallam ainda hoje muitos dos que o conheceram.

Tranio não conhecera nunca sua mãe, e aos dezoito annos perdera seu pae, fidalgo velho e pertinaz, que o educara d'uma fórma severa e gothica, e que, no momento de dar a alma a Deus, lhe confiara solemnemente a sua honra e a da sua raça, que nenhuma nodoa manchara até aquelle dia. Passou o moço dois annos do seu luto no castello de Thann, de onde nunca saíra. Decorrido esse tempo, o tu-

tor mandou-o para Paris. Era o que se chama um rapaz galante. Havia uma franqueza altiva em toda a sua figura, que encantava. A natureza fadara-o para tudo, mas elle não quiz ser coisa alguma. Nem se via no club nem nos botequins: ía raramente aos salões da aristocracia velha, e por pura conveniencia, para encontrar ali a sua parentela; enfastiava-se horrivelmente em toda a parte. É para se dizer que não era dotado de bondade, mas de affabilidade. Da altura dos seus preconceitos feudaes, tinha pela gente da sociedade media um suave e cortez desprezo. O seu caracter era dos mais melancholicos, sempre mergulhado em scismaticas apprehensões, que a sua intelligencia, que tinha azas d'aguia, mais augmentava ainda. Entretinham-lhe o tempo os cavallos, as armas e a leitura. Era verdadeiramente uma creança, principalmente quando estava a ler; se o auctor lhe agradava, o que raras vezes succedia, exultava, suspirava, pulava, ria, chorava, beijava as paginas e atirava a cada phrase um beijo, com os seus espirituosos labios e os seus dedos longos e finos. Amante ou namorada, não se lhe conhecia. Moralmente era bastante libertino para não chegar a parecer ridiculo, mas physicamente podia considerar-se de extrema castidade. Não era frio, era indifferente e distraído. Elle proprio dizia que se o caso

se désse de elle se apaixonar, seria como louco perdido. Aconteceu assim. Uma noite no theatro dançava pela primeira vez uma dançarina, mulher de olhos admiraveis de voluptuosidade luminosa, transparente e celeste, de fórmas encantadoras, e notavelmente dotada d'uma especie de ardor gellado, uma como que fria flamma, que destacava no seu todo provocante. O conde de Thann não despregava a vista d'ella e pouco a pouco parecia cair em extase. Ao sair do theatro, deu-se por namorado da bailarina, e principiou a ir vel-a em todas as récitas em que ella dançava. Excellente moço que era, peccava apenas por ser um pouco louco. Largava a fallar da rapariga com um enthusiasmo incendiado de metaphoras, capaz de apagar o Dante e o Calderon, e dizia a quem o queria ouvir, quando passados alguns dias se lhe perguntava o que era feito da sua catholica pessoa. — «Não durmo.» E que mais? — «Não como!» E que mais? — « Mais nada.» De tudo que se lhe dizia para seu bem nada queria ouvir, tão entranhado lhe era o elegante defeito das naturezas finas, o desden. O seu amor era uma flor, que tinha perfumes de embriagar, cores suavissimas, e raizes, que iam minando n'aquelle leal coração. Era preciso colhel-o. Dissese-lhe que a bailarina era uma semsaborona, e tomram informações a respeito d'ella para ma-

nobrar melhor. A rapariga tinha casado havia mezes com um dançarino, e morria d'amores por elle. Quando gentalha, d'aquelle lote, desaba a amar-se, prende-se de uma fidelidade bestial. Não havia nada a fazer n'aquelle negocio; aquillo não era alliança, era uma liga de metaes, uma combinação chimica. A idéa do impossivel, recalcitrou a' fidalguia do moço. Prometteu vencer, apostou que venceria, e jurou-o pela fé do que tinha de mais caro e de mais solemne. Os seus amigos perderam-o de vista durante uns tempos, e aqui vae o que succedeu.

Foi durante dois mezes ao theatro, e uma segunda feira annunciaram os cartazes uma dança em que a bailarina tinha grande parte. Tranio dispunha apenas na sua existencia regular de uma mesada de vinte libras; n'aquelle dia, ao metter os dedos nas algibeiras para mandar o criado comprar um bilhete para a noite, achou-as vasias. O criado segundo a marcha intelligente dos criados francezes, pediu-lhe licença para ir vender fosse o que fosse. Acceita a idéa, não houve tempo para mais do que saltar de contente. Á noite, quando estava prompto para sair, pediu o paletot, mas o paletot tinha ido viajar, porque o criado, costumado a servir em casa de estudantes, havia vendido tudo que encontrou. A estação ia temperada, e o conde foi

para o theatro levemente vestido com a sua casaca.

A representação attrahira meio mundo, e abafava-se na sala. Ao sair do espectaculo, o mancebo sentiu-se esfriar; á meia noite, porque as representações em Paris terminam sempre mais cedo, estava com febre: ás duas horas delirava; e, de manhã, quando veiu o medico, estava perdido. Morrer em Paris não é o mesmo que morrer n'outra parte; não ha casta de ruido baixo e egoista que não vá ali perturbar a funebre magestade da ultima hora. Bem nos descreve Balzac no seu livro do *Cousin Pons* o quanto é lamentavel a morte em similhante terra, que tão agradavel me parece para a vida. Da alcova em que o moço expirava, ouvia-se a inferneira que faziam uns burguezes a malharem n'um pianno arruinado. Dois cocheiros bebados disputavam no meio da rua, passavam seges n'um motim atroz, e uma velha immunda, de nariz em mascarras de tabaco, roncava sinistramente á cabeceira do agonisante. Os moveis estavam cobertos de frascos, e um perfume pharmaceutico, de fazer fugir, impregnava o ar. Póde dizer-se que Tranio pouco mudado estava; a sua tez conservava a mesma aloirada alvura; apenas as estrellas da febre haviam accendido as suas tumultuosas chammas no azul sombrio e dilatado d'aquelles olhos grandes.

Elle dizia:

—É triste morrer assim. Mais valia expirar na minha terra, em que não se ouve toda esta bulha; ali, apenas o som entrecortado e suspirante do sino perturba o silencio dos campos, e a gente da aldêa ajoelha a pedir a Deus por quem vae morrer. Já sabem (continuava elle, olhando para os que íam visital-o) que morro por causa da Carmo dançarina. Estava pouco resolvido a deixar a vida n'esta edade, mas não ha remedio. Não sou feliz com os amores. Adoro aquella rapariga, e ella não sabe sequer que existo; nunca lhe mandei ao menos um ramilhete; vou remediar similhante descuido...

Scismou um instante, e, apertando a mão d'um dos amigos, disse-lhe:

—Olha lá, has de fazer-me um favor. Em chegando abril, procura o sitio em que me houverem enterrado, e de cima do meu tumulo has de colhêr algumas flores, fazer um *bouquet*, e atiral-o á Carmo!

Depois calou-se. A sua physionomia apresentava n'esse instante uma expressão de desespero e de agonia. Voltou-se, e deixando cair a cabeça no travesseiro, poz-se a chorar. O corpo, debilmente gracioso, sobresaltava-se-lhe a cada suspiro. Os amigos pranteavam em redor; quando puderam ver atravez das lagrimas, olharam-o, estava immovel: tocaram-

lhe, estava morto. Até aqui, é o que se sabe do positivo: agora o que segue, é o que se conta.

O amigo cumpriu fielmente a palavra dada, colheu as flores que mergulhavam talvez as raizes no coração de Tranio, e n'uma recita o *bouquet* funebre caiu aos pés da dançarina. A criada diz-se, que referia depois o que se vae ler: — « A senhora recolheu cedo, logo em seguida ao final da dança. Despediu o barão, apesar da insistencia d'elle, — porque a este tempo já tinha acabado com o marido, que até estava em Vienna d'Austria. Comeu a senhora um pedaço de carneiro frio, e cerejas; depois, entrou para a alcova e chamou-me para a ajudar a despir. Emquanto eu estava a penteal-a tirou da *toilette* um ramo de flores triviaes que lhe tinham deitado no theatro, e cheirou-o. De repente, estremeceu, caiu-lhe o ramo das mãos, fez-se pallida, e ficou sem falla. Quando tornou a si, disse-me: — « Pois não me pareceu sentir que este *bouquet* me beijava! Vê que tolice! » e atirou com o ramo pela casa fóra, mas elle foi cair em cima do leito. Era um ramo exquisito que tinha umas rosas no meio que brilhavam como brazas. Acabei de despir a senhora, e saí. No dia seguinte de manhã entrei no quarto, eram nove horas, aproximei-me para a acordar, vi-a estirada nas almofadas, morta e coberta de flores.

A cama estava em desordem; a senhora apertava a rosa vermelha entre os dentes, e tinha uma flor branca nos beiços, que deitavam sangue, como tendo sido mordidos... Quando veiu o medico, olhou muito tempo para ella, e disse a cada instante: «É singular... é singular!» Perguntou-me umas poucas de vezes se a senhora tinha ficado só no seu quarto; disse-lhe que sim, e tinha certeza d'isso, porque como era dada a medos, eu fazia sempre a minha cama á porta da alcôva. Perguntou-me se não ouvira nada; respondi que até ás duas horas a senhora parecera estar agitada, e soltára suspiros, mas das duas horas em diante não ouvi mais nada; julgava que estava a dormir, e pelos modos tinha morrido. Disse-me o medico que provavelmente tinha sido asphixiada pelas flores; e ainda lhe ouvi, quando voltou costas, ir dizendo sósinho: «É singular... é singular!» Não sei se o doutor levou o ramo, porque nunca mais se achou.

Não se forma idéa em Lisboa nem do prestigio das bailarinas nem do effeito deslumbrante das danças, e o caso que acaba de se referir parece por isso ainda mais phantastico. Quando aqui appareceu Saint-Leon com uma duzia de dançarinas, foi como se nos houvesse feito presente de um novo mundo, e mais eram artistas sem reputação. Portugal é o unico paiz que não

viu nunca nenhuma figura do famoso passo a quatro, que o mundo theatral admirou, a Taglioni, a Ellsler, a Carlota Grisi, e a Cerrito! A grande opera de Paris tem tanta reputação nas danças que não bastou nunca a approvação da Italia, da Allemanha e da Inglaterra, para assegurar a sua real valia a uma celebridade qualquer, porque em questão de arte, todas as capitaes, relativamente a Paris, cheiram um pouco a terras de provincia. Eu ouvi cantar n'este theatro os *Huguenotes*, mas, n'isto faço sentir que não me deixo arrastrar nos meus enthusiasmos da mania de Paris, não gosto de ouvir cantar opera pelos francezes. Dêem-me canções, dêem-me *vaudevilles*, dêem-me operas-commicas, mas dispensem-me de escutar a musica alemã a poder de *falsetes!*

O tenor Gueymard, apesar da sua fama, pareceu-me um gritador; madame Gueymard produziu-me certo effeito de estranheza, e reconhecendo-lhe merecimento, não me satisfez ainda assim como muitas cantoras italianas que aqui temos tido, a Lotti, a Castellan, a Bendacci, ou a Tedesco mesmo, que lá estava agora na Grande Opera e agradando muito menos que a Gueymard. Para quem vive habituado ao canto italiano e áquella doce lingua que tanto se lhe presta, não acceita com facilidade o verso francez na ardente e terna inspiração da musica da Italia. E pelo que diz

respeito ás operas francezas, que formam o grande fundo do reportorio da *Grande Opera*, confesso-lhes que não gosto: é um peccado talvez, é uma irreverencia, é uma ousadia, mas mentia-lhes se dissesse o contrario, e aposto de ante mão que o leitor, se é portuguez, quando lá for tambem não se deleita, e suspira como eu suspirei com saudade dos nossos velhos e consoladores amigos Bellini, Donizetti, Rossini, Verdi, e Meyerbeer!

XI

Ha uma classe de homens em toda a parte, em Paris, como n'outra terra, para quem este seculo que para os mais é de oiro, se conserva de ferro, — é a classe dos escriptores: não contemos excepções, nem vamos puerilmente illudir-nos suppondo que todas as obras que lá por fóra se publicam teem a mesma fortuna dos *Miseraveis;* em Paris ha dez escriptores que ganham um dinheiro louco, um dinheiro fabuloso, pela litteratura, mas o resto leva vida de bohemios, trabalhando de uma forma improba para poder subsistir, e luctando contra a miseria em quanto a moda os não acceita. Não cuidemos que andam por lá os editores a procurar talentos e a auxilial-os: longe d'isso, a maior difficuldade ali, quando um ho-

mem se apresenta ignorado é conseguir que o editor lhe leia o manuscripto. Do editor Ambroise Dupont se refere o seguinte caso: Um auctor novo apresentou-lhe um romance, o editor fez-se grave, e adiou de dia para dia a resposta que devia dar, guardando em seu poder o manuscripto sem o ler; um dia emfim regeitou-o, dando não sei que rasões, e o auctor foi despedido. Passados dias, o auctor procurou-o outra vez.

—Que! É ainda o senhor! Julguei haver-lhe explicado...

—Perfeitamente, nem eu já penso n'isso, segui a sua opinião, e inutilisei a obra!

—Ah!

—Queimei-a até!

—Fez muito bem!

—Não se trata de mim agora; é negocio de maior monta o que venho propôr-lhe:

—Dirá!

—Conhece o auctor de *I promessi sposi?*

—Manzoni! Que duvida! Uma reputação europea! Se elle vivesse em Paris seria eu que o teria editado, custasse o que custasse, porque tenho todas as celebridades no meu catalogo!

—Pois, sem ir a Milão, póde pôr Manzoni no seu catalogo!

—Hein?

—Trago-lhe aqui no maior segredo a tradução do primeiro volume de um romance novo, do auctor da *Collona infame!*

—Dar-se-ha o caso!

—Sabe italiano?

—Nunca soube!

—Eis a sua lettra!

—E já traduziu alguma coisa?

—Um volume inteiro.

—Deixa-m'o cá ficar até ámanhã?

—Impossivel. Prohibe-me o auctor de perder de vista a obra antes do contracto.

—E quaes são as condições?

—Dir-lhas-hei quando tiver conhecimento da obra.

—Tem tempo agora, de me ler dois capitulos?

—Ás suas ordens!

O neophito foi lendo o primeiro capitulo, pedindo desculpa a cada instante da sua inexperiencia, e da penuria da lingua franceza, que não lhe permittia conservar n'alguns logares as riquissimas côres do original; ía principiar o segundo capitulo, quando o editor lhe perguntou as condições do contracto e lh'as acceitou, rompendo em exclamações d'enthusiasmo, assim que se assignaram as escripturas.

—Ah! É explendido! Os escriptores francezes

sabem dispor o drama e dar vida aos romances, retocam-os com vigor, atam bem a intriga, mas não chegam nunca a este interesse, a esta naturalidade, a esta côr, em que se sente o reflexo ardente e bello do sol da Italia!

O traductor abaixava modestamente a cabeça, e parecia envergonhado de tanto elogio. Imprimiu-se o romance, e o editor exigiu em fim o titulo da obra. O rapaz entregou-lhe meia folha de papel, que o continha.

— Que significa isto! Porque me dá o titulo do primeiro romance que me levou, e que eu recusei?

— É por que é ainda esse livro que você comprou agora, esse livro que rejeitára sem o ler, e que eu hoje lhe fiz admirar á sombra do nome de Mánzoni.

Seriam inumeraveis as attribulações dos debutantes litterarios em Paris, que é por excellencia a terra em que a moda é rainha, e em que todas as fortunas e destinos dependem dos seus caprichos. Não conhece o leitor o começo difficil da carreira de Méry, pela biographia do Mirecourt, que até por ahi anda traduzida? Não leu no *Comment je devins auteur dramatique,* prefacio interessantissimo do theatro de Dumas pae, a historia cortada de miserias dos seus primeiros annos d'escriptor publico? Não lhe disse-

ram nunca que George Sand esteve por um pouco de tempo, na época da collaboração de Jules Sandeau, vivendo de pintar porcellana, n'uma agua furtada? Desconhece acaso na pobresa de Stephen do livro de *Sous les tilleuls* o segredo da miseria que opprimiu Alphonse Karr? Felizes ao menos dos que triumpham; quantos e quantos, como Victor Escousse como Jules Chaudes-Aigues, preferem na flôr da vida, exaustos já de esperanças, perguntar ao canno de uma pistola o que se passa do outro lado da eternidade!

O que teem alguns é o espirito da sua situação, a *graça* da sua *desgraça*. Philoxene Boyer, por exemplo, é um escriptor novo de boa nota, que todavia está ainda a atravessar o *mau tempo;* indo uma vez com um *frac* antiquissimo, em que as bandas cançadas de aspirar uma á outra caíam para os lados como uma porta aberta, diz-lhe um amigo:

—Caspite! Quem é o teu alfaiate?

—Um adello do meu conhecimento.

—Surprehendente! E isso custa-te...

—Quinze francos! Não é caro!... Por mais uma bagatela... abotoava-o!

Formava eu outra idéa, mui diversa do que a realidade me mostrou, dos homens de lettras de Paris; ali attende-se tão pouco á forma, e desdenha-se

o vestuario tão sinceramente, que não ha maneira ás vezes de adivinhar um elegante escriptor no figurão que se nos apresenta, patusco *sans-façon*, destituido dos ares de homem de mundo.

Estava eu em Paris quando morreu o duque Pasquier, que tinha sido conselheiro d'estado, prefeito da policia, ministro dos negocios estrangeiros, presidente da camara dos pares, chanceller de França, e membro da academia. As exequias tiveram logar na egreja da Madeleine, e poude ver por essa occasião algumas das altas celebridades de França, Thiers, Guizot, Villemain, e Patin, que seguraram os cordões do esquife, e entre os assistentes Saint-Marc Girardin, Viennet, Berryer, Flourens, Emile Augier, de Sacy, Sainte-Beuve. Saint-Beuve é um typo sympathico, e Emile Augier um grande senhor; dos outros, os mais notaveis, como Thiers ou Guizot, conhece-os o leitor por ter visto os retratos. Nenhum dos dois Dumas estava em Paris; o pae andava por Italia, e o filho pela Russia; Jules Janin estava em Passy; vi uma vez Paul de Kock pela rua, um velhinho risonho e agradavel; conheci Paul Féval, Hippolite Castille, Jules de Noriac, Charles Monselet, Paul Tétedoux, Varin, e La Varenne, amigo intimo de Teixeira e Vasconcellos, por quem lhe fui apresentado: era ser ingrato não registrar a amabi-

lidade com que todos elles me trataram; lembrar-me-hei sempre, com a saudade que succede aos bellos dias, de um jantar, principalmente, em Saint-Cloud, e de uma certa ceia...

Ó casta discripção impõe teu veu!

De jornalistas só tractei com Poggenpoll, redactor principal do jornal *Le Nord*, que me deu occasião de observar as grandes typographias em França. É incrivel o estado de perfeição e de actividade a que ali se chegou; ha uma linha telegrafica do gabinete da redacção para a sala de composição, e os pequenos artigos á ultima hora passam-se ao chefe dos typographos, em telegraphia; as diversas secções do jornal são perfeitamente separadas e difinidas, por fórma que não se permittam uns entrar nas attribuições dos outros; os revisores parecem realisar, pelo seu escrupulo e correcção, os formidaveis concelhos que o grave dr. Hornschuch, que vivia em Leipsick em 1608, deixou aos seus collegas. «Cumpre — diz elle, que o revisor evite com a maior cautéla o entregar-se á ira, á tristeza, á jocosidade, a todas as sensações vivas emfim; deve principalmente fugir da embriaguez, porque não póde dar-se maior cegueira do que a d'aquelle celebre idiota que trans-

formava Diana em rã: *Dianam in ranam!*» Á hora da venda da folha, é um curioso espectaculo assistir á regularidade com que se entregam os numeros aos distribuidores, aos compradores, aos vendilhões da rua, aos livreiros, etc.: cada pessoa deve levar a conta certa do dinheiro correspondente ás folhas que procura, porque, para não demorar o expediente, estabeleceu-se não dar troco. Á proporção que vão apparecendo, tomam uma senha com o respectivo numero, para depois serem attendidos na ordem em que chegam: a extracção é enorme, principalmente nos dias de folhetim, em que só os livreiros das barracas dos *boulevards* vendem quinhentos, seiscentos numeros de cada jornal, avulso.

Balzac, que nunca perdoou aos jornaes a guerra quel he fizeram, photographou n'um admiravel livro, *Un grand homme de province a Paris*, com todos os seus defeitos, manias, e vicios, a existencia d'esses representantes de um poder que não poupa nenhum outro, a imprensa periodica: pelo que diz respeito á maneira de viver da maior parte dos escriptores em Paris, — não me refiro aos grandes vultos — é puramente o que se chama levar vida de rapaz; Jantam com as amantes, ceiam com as actrizes, e trabalham durante as manhãs inteiras. Dizem haver por lá empresarios de litteratura, que escripturam

os litteratos novos para trabalharem sob as suas ordens, e assignam romances que não escrevem, e peças de que não compuzeram uma unica scena. Effectivamente, a julgar pelas biographias do Mirecourt e pelos boatos accordes n'este ponto, por lá apparece um ou outro vampiro litterario que chupa o cerebro dos rapazinhos de talento, a troco de algum dinheiro: todavia o que me embaraça para accreditar isso, é que nenhum d'esses martyres da collaboração tem podido fazer coisa boa por si só, meio realmente facil de provar que se é grande poeta, ou grande romancista! O que por lá usam muito é reunirem-se dois, tres, ou quatro, para fazer um *vaudeville* n'um acto! Um dá a idéa, outro marca os typos e as scenas, outro faz a peça, outro compõe a lettra dos *couplets!* De outras vezes, juntam-se os quatro e escreve-se a comedia conforme o que vae dictando cada um d'elles; ultimamennte, nos theatros de menor importancia, o numero dos collaboradores chega ás vezes a seis; deve contar-se, todavia, que tambem ha collaboradores... sem o serem, uma especie de *condottieri* de lettras, n'este genero: Um ratão vae dizer a B. «Tenho uma peça com A. que o theatro acceitou antecipadamente, você quer ser collaborador? (A e B são dois homens de talento)—«Pois sim!» responde B. O nosso ho-

mem vae ter com A. — «B, diz-lhe elle, propoz-me fazer uma peça com elle, que já está acceita pelo theatro, acceitei com a condição de você entrar tambem nisto, quer?» — «Quero!» responde A. Terceira visita: «A e B teem uma peça comigo, diz o patusco a um empresario, convem-lhe?» A reputação dos dois nomes responde pelo triumpho, e o empresario acolhe a proposta com um gordo sim! Então, o nosso homem, principia a *atiçar* A. e B. para trabalharem, o empresario para pôr a peça, e na primeira representação, ao nomearem-se os auctores, conforme é costume em Paris, annuncia-se o nome d'elle!

Os *vaudevillistes* de segunda ordem teem por lá tão pouca importancia, que são uma especie de collegas e irmãos da *claque*. Uma vez, n'uma primeira representação, um auctor diz a outro:

—Olha que se hade annunciar tambem o Poireau. (O chefe da *claque*.)

—Hein! O Poireau! Porque? Pois elle fez alguma coisa n'isto?

—Não, mas a mulher está no theatro esta noite, e elle faz gosto em que o annunciem.

—Ah!

É, mais que em tudo, n'estas singularidades que se desenha accentuadamente a feição de Paris; se

eu quizesse fallar-lhes dos monumentos, teria assumpto para tres grossos volumes, sem outro trabalho senão o de consultar os *Guias*, que param e se demoram diante de cada edificio, a dizer-nos a historia e a contar-lhe as pedras; certo genero de leitores cuidaria ver n'isso o grave resultado da indagação mais conscienciosa, mas o resto dormiria sobre o meu trabalho—e, em verdade t'o declaro, leitor meu amigo, tudo ambiciono para teu bem, menos ser eu que te adormeça!

Não sei mesmo porque não te confessarei, a ti que tens direito a tudo, que não sou de uns viajantes que andam sempre á cata de museus e cemiterios, e não se recreiam senão a visitar edificios; agora, por exemplo, vou comtigo ao *Louvre* e depois ao *Pére Lachaise*, por não poder esquivar-me a isso, sem perder na tua estima.

Se tens a bossa dos museus, companheiro leitor, estás nas tuas sete quintas, em entrando no *Louvre*, que é por si só um mundo, e que contém nada menos de onze museus diversos, para tua estupefacção! É o museu de pintura, o museu de esculptura antiga, o museu de esculptura moderna, o museu dos desenhos das gravuvas da marinha, o museu chamado *dos soberanos*, o egypcio, o assyrio, o americano, o argelino.

O mais geralmente interessante é o museu de pintura, em que estão representadas as escolas italiana, flamenga, hespanhola, franceza, etc., e figuram os grandes mestres em obras de sufficientes proporções para que possa apreciar-se a sua maneira. A escola italiana toma n'este museu como em todos o primeiro logar, e não seria facil enumerar os excellentes quadros, que ali se admiram, pertencentes á grande época da pintura na Italia; muitos quadros de Raphael, de Leonardo de Vinci, de Corregio, *O Somno de Antiope*, considerado uma das mais bellas paginas da arte, de Ticiano, de Paulo Veronese, de Caravaggio, de Salvador Rosa, etc. Diz-se geralmente que não conhece Rubens quem não o viu em Paris e não pôde admirar a suprehendente serie de quadros conhecida pela *Historia de Maria de Medicis*, que representa o resultado mais prodigioso e mais gigantesco da arte moderna.

A escóla franceza occupa um logar importante nas salas do *Louvre*, mas não me produziram grande impressão de agrado os seus quadros. Tres obras admiraveis de Murillo, e alguns quadros de Holbein e de Kranach, ganham á escóla hespanhola e alemã o direito de ser citadas.

Como no *Louvre* estão sempre a mudar os qua-

dros, a numeração dos catalogos falha a cada momento. Ia eu contentissimo com uma *Noticia dos quadros expostos nas galerias do museu imperial do Louvre,* por Villot, conservador das pinturas, livro de que me tinham feito presente, quando me envolvi na confusão mais enigmatica, ao ver n'um quadro uma dançarina de rua com plumas na cabeça e tentações no olhar, e dizer-me o catalogo que aquelle quadro — o quadro d'aquelle numero — tinha por titulo *O triumpho de S. Thomás d'Aquino!* S. Thomás d'Aquino era incapaz de dançar de plumas na cabeça, vestido de mulher, fosse por que caso fosse — essa justiça lhe fiz eu logo: mas, mais adiante, ao ver um quadro em que suppuz reconhecer um anjo conduzindo os filhos de Loth para fóra de Sodoma, e outro anjo conduzindo Loth, e, ao fundo, á direita, sua mulher, que se voltou para ver o incendio, transformada em estatua de sal, procurei no catalogo; era o quadro 167: o catalogo dizia — Capoeira! *(Basse-Cour.)*

Havia além d'estes um *Combate do Amor e da Castidade,* a que o catalogo chamava *Agar no deserto,* uma mulher sentada pondo o pé na cabeça de um cordeirinho, figura allegorica, que a numeração apontava como *S. João Baptista,* um *Samsão* a que se chamava no livro *S. Pedro em pedra,* e o

retrato de um particular que se dava ali por *Simão o phariseu!*

Muni-me de outro catalogo menos phantastico, e principiei então a perceber melhor o que via, com os jubilos de quem acorda em manhã clara! Passei ao museu *dos Soberanos*, em que estão reunidas as insignias e adornos que pertenceram aos antigos reis de França, armas, joias, o famoso chapéo que Napoleão usava nas batalhas, toda a qualidade de antiguidades historicas; vi no museu de esculptura estatuas e bustos admiraveis, algumas obras mesmo que inquestionavelmente pertencem á mais bella época da arte grega, vasos, baixos relevos, sarcophagos, estatuas da bella época romana, menos puras do que as da arte grega, mas de rarissima perfeição, muitos trabalhos dos modernos esculptores francezes, tudo agrupado segundo a diversidade dos estylos, e das successivas faces de desenvolvimento da arte moderna; encontrei no museu *da marinha* a serie chronologica de todos os barcos desde as primeiras origens da navegação até aos modernos vapores: no museu egypcio a historia completa do Egypto antigo, artistico e religioso, etc. etc.

Observa-se nas salas de pintura muitas senhoras entretidas em copiar quadros; são, disseram-me, pessoas de boas familias, que alcançam para isso uma

licença, que ali se considera de muita importancia. Antes de entrar no *Louvre*, pedem-nos a bengala, e fazem-nos logo pagar quatro ou cinco *sous*, á cautela. Ás quatro horas os guardas enxotam os visitadores com uma sequidão que me pareceu pouco parisiense, e, por mais que um homem faça a deligencia de ainda se demorar um instante, a voz auctorisada do *gendarme* decreta-lhe «*C'est l'heure de sortir, messieurs, on va fermer!*»

Se eu escrevesse para uma classe de gente, que costuma ir fazer merendas nos cemiterios, abria capitulo especial para o *Pére la Chaíse*, e demorava-me no assumpto. A verdade, porém, é que eu proprio só por lá me demorei o tempo preciso para poder contar-lhes alguma coisa; fui lá mais pelo leitor, do que por mim, e se não fôra ir acompanhado pelo cavalheiro d'Ètrillard nem mesmo por amor do leitor lá teria ido. Mr. d'Ètrillard é hoje o marido da senhora viscondessa d'Almeida Garrett, para quem levei uma carta de seu primo Paulo Midosi, que me valeu o ser acolhido n'essa casa, como se fosse d'antigas relações. A senhora viscondessa é hoje uma senhora idosa, mas grandemente agradavel, que conserva pelos portuguezes a mais delicada estima. Que impressão suave me produziu ver na sala um retrato fidelissimo do cantor de *D. Branca!*

Entremos no *Pére Lachaise*, o famoso cemiterio que toda a gente conhece pelos romances, pelas gravuras, pelas descripções e pelas biographias. Reina ali um silencio aterrador. Os tumulos erguem-se por entre as arvores como fantasmas mudos, e a bulha da ramagem resoa como gemidos e ais. Ali repousam alguns dos poetas e escriptores que encantaram as horas de leitura da nossa mocidade, e ali se encontram as celebridades de toda a ordem, que no mundo, durante um instante, espalharam o ruido em redor de si: estão ali os restos de La Fontaine, de Delille, de Boileau, de Chénier, de Parny, de La Harpe, de Millevoye, de Andrieux, de Désaugiers, de Casimir Delavigne, de Bernardin de Saint-Pierre, de Pigaut-Lebrun, de Charles Nodier, de Frederic Soulié, de Alfred de Musset, de Balzac; ali repousam Bellini, o compositor sublime, Herold, Weber, Cherubini, Chopin, o Talma, a Clairon, e Mademoiselle Mars; lá descançam tambem quasi todas as celebridades scientificas, militares, e politicas da França moderna, separadas pela vida, reunidas pela morte!

Está-se mal emquanto se visita um cemiterio, e n'este parece que todos temos amigos que nos foram caros. Quem é que póde conservar-se de olhos enxutos deante d'aquella inscripção do tumulo do poeta de *Rólla* e de *Don Paez:*

Mes chers amis, quand je mourrai
Plantez un saule au cimetière;
J'aime son feuillage éplorè,
La paleur m'en est douce et chère:
Et son nombre serà légère
A la terre ou je dormirai.

O esforço mesmo que se faça para supprimir certas affeições, não serve senão para lhes dar maior força. A razão é habil em descobrir nos recantos do coração os inimigos que quer entreter-se em combater, mas acontece-lhe acordal-os ás vezes quando dormem, e a lucta ser-lhe perigosa. Vale mais chorar por Alfredo de Musset, a quem nunca vimos, mas a quem devemos tantas horas felizes de recreio de espirito, que nos deliciou de gôzo, do que pelo bronco de algum parente que nunca se importou da nossa sorte, senão para exigir de nós, a titulo de sermos da familia, virtudes qne elle mesmo se dispensa de ter. Os poetas são parentes de toda a gente de bem. Por fim de tudo, está uma penna a citar a cada passo — « Sou muito obrigado a fulano, porque já uma vez me emprestou vinte libras! » — « Fulano merece a minha gratidão, porque mandou saber de mim todos os dias emquanto estive doente! » — « Nunca esquecerei o obsequio de cicrano, que me trouxe de Londres um paletot sem eu pagar

direitos!» e ninguem disse nunca: «Sou muito obrigado ao Castilho, ou ao Mendes Leal, porque me tem proporcionado excellentes horas de satisfação litteraria, quando saboreio os seus escriptos!»

A mim, nada me entristece tanto como estar na egreja escura de um convento, ouvindo tocar um orgão d'além das grades do côro, ou entrar de tarde n'um cemiterio. Quando, outro dia ainda, pelo enterro de José Estevão, vi esconder-se o sol por traz dos tumulos, e a noite debruçar-se nos cyprestes, senti o frio e medo.

No cemiterio do *Pére Lachaise* colhem sempre os visitadores uma folha ou uma pedrinha por memoria do jazigo de sua predilecção; as senhoras, de ordinario, no seu fervor platonico, escolhem o tumulo de Heloisa e Abeillard, os homens politicos o de Casimir Périer, os musicos o de Bellini, os militares o de Ney, de Massena, ou de Macdonald, os sabios o de Gall, de Geffroy Saint-Hilaire, ou de Arago, os philosophos o de Volney ou de Benjamin Constant, e os homens de lettras o de Balzac ou de Alfred de Musset. Ali se admira e sente em toda a sua magestade, a gloria do talento; a suprema luz, ali, vem da lampada dos mortos!

Mas, tal é a condição cruel da curiosidade e distracção moderna, vamos sair do *Pére Lachaise* scis-

mando, já nos divertimentos do mundo, e, como se demoram os nossos olhos n'um cartaz, que annuncia para essa noite baile no jardim Mabille, estamos ainda a guardar na carteira o seixo do jasigo de Heloisa e já vamos a formar tenção de disfructar n'essa noite o solemne recreio do *cancan!* O' vida, porque és tu uma tonteria a tal ponto frivola!? Eu, estrangeiro, estou desculpado—impassivel leitor de olhar severo!—porque tanto é Paris o cemiterio como o jardim das danças, e eu cumpri tanto o meu dever de *touriste* em ser attento ás inscripções dos sepulchros, como em observar no *Mabille* o estylo *balloné* das sacerdotizas do prazer!

Por occasião de uma corrida em Fontainebleau. onde estava n'esse tempo o imperador passando o verão, e onde fui para o ver, deu-se a casualidade de eu ficar ao lado de duas senhoras, uma de quarenta annos, a outra de vinte: esta, cheia de vida e de frescura, mas dotada de uma belleza fria que revelava toda a insensibilidade de um temperamento egoista: aquella de uma pallidez esverdeada, que não se sabia attribuir á doença ou á desgraça, e de um olhar fatigado que fixava o mundo com o tom meio saudoso, meio irado, com que uma velha *écuyére* contempla no circo o seu cavallo.

—Duas *lorettes* famosas! disse-me indicando-as

o *maestro* Birverrt, que me acompanhava. A *lorette* que passa, e a *lorette* que chega!

Ellas estavam vestidas na maior elegancia, e, como o maestro Birverrt é alemão e vê pouco, pareceu-me que elle se haveria enganado, porque as duas senhoras tinham um ar de gente seria. As corridas estavam em todo o furor da sua agitação. Os francezes exforçavam-se por fingir bem que adoram aquelle recreio, e adornavam as suas admirações com alguns termos apanhados á Inglaterra sem consentimento do diccionario da academia, mas para triumpho e melhoramentos do estylo cavallar, *turf*, *sportsmen*, *derby*, etc. Os francezes, pela maior parte, nem percebem muito d'aquillo, nem me parece que gostem; mas, a *anglo-mania* obrigou-os tambem a serem ridiculos alguma vez, e elles querem por força ser *sportsmen*, de nisa vermelha ou branca, e saltarem sebes e regatos, para brilharem aos olhos do sexo bello!

Todos os cavallos da corrida teem nomes; um é *Parceque*, outro é *Cependant*, outro é *Pas de chance*, etc. As duas senhoras que estavam ao meu lado sabiam tudo isso, e ora se mostravam inquietas pela carreira do *Préfférance*, ora tinham a confiança mais absoluta na corrida do *E'clair*. Eu disse a Birverrt:

—Mas, meu amigo, está você bem certo que estas duas senhoras...

—A rapariga é uma *Alice la provençale*, conhecida ultimamente no Mabille; a outra é uma amiga d'ella, Euphémie *tonnerre* (Euphemia trovão!) uma estroina velha, de que o mundo não sabe já o que hade fazer!

Não chegou a passar-se um mez, quando eu li n'um jornal, entre outras noticias: — «Hontem, tirou-se do canal de Saint-Martin o corpo de uma mulher de quarenta annos pouco mais ou menos. Não se lhe achou signal algum de violencia, o que afastou logo a menor supposição d'um crime, e mais tarde se verificou que a morte foi o resultado d'um suicidio. Essa mulher foi reconhecida por ser a chamada Euphemia *t*... que teve ha quinze annos uma grande fama de belleza.

Graças ás prodigalidades dos seus amantes, Euphemia possuia na Chaussée-d'Antin uma casa posta n'um luxo incrivel, e as suas carroagens eram de uma riqueza fabulosa. Pouco a pouco excessos de todos os generos estragaram a saude d'Euphemia; e, com a sua belleza desappareceram tambem os adoradores e... o dinheiro. A filha prodiga desceu ainda, com mais rapidez do que a tinha subido, a escala da fortuna, e para não chegar aos ultimos

degraus, preferiu morrer ainda entre os restos da sua elegancia antiga. As lembranças do passado e os pezares, assaltavam-a continuamente. Teve medo da miseria, e terminou a sua existencia pelo suicidio. Um espectaculo singular se offereceu ao magistrado e ao medico, quando inspeccionaram o cadaver. O corpo de Euphemia, á excepção da cara e das extremidades, estava inteiramente coberto de pinturas de differentes côres, como os selvagens costumam fazer. No meio d'emblemas e de lendas exoticas, figuravam os nomes de todos os seus amantes, com a data do principio e do fim de cada ligação. Nada mais triste, do que ver similhante album de aventuras n'um cadaver!»

Duas ou tres noites depois fui a Mabille. O tentador jardim brilhava illuminado pelas suas mil luzes, e as modernas Phrynés passavam *coqueteando*, ou dançavam nos pavilhões; n'um d'elles, o mais concorrido e no que havia mais applausos, uma rapariga esbelta, cheia de ousadia, de impudor, e de seducções provocantes dançava arregaçando a saia, pulando, saltando, acocorando-se. Era Alice *la provençale*.

—Que é feito da tua companheira de ha tres semanas nas corridas de Fontainebleau? perguntei-lhe, n'um momento em que ella deu intervallo aos exercicios da sua louca dança.

—Morreu! respondeu simplesmente Alice, arregaçando de novo a saia para uma das figuras mais caracteristicas do *cancan*.

O baile Mabille de nenhum ponto se parece com o de Cremorn; nem esse tem a sua alegria, nem tem este a sua grandeza. As *lorettes* da França são fabricas de espirito, de callemburgos, de joguetes de palavras, de *cog-a l'ânes*, de apostrophes graciosas, de replicas incisivas, de paradoxos gallantes, e de petulancias perdoaveis. Como os bailes durante o verão, são no jardim, ali gyram ellas por um lado e outro em toilette de passeio umas, outras em toilette de noite, mas todas de chapéo. Não é preciso ser-lhes apresentado para alcançar o prazer de lhes dar o braço; duas palavras graciosas bastam para apresentar cada um, e a ceia depois do baile é de rigor para completar a apresentação. As francezas, em geral, comem de uma fórma prodigiosa, e é raro vel-as sem estarem a comer pasteis, ou a trincar pastilhas; mas, a *lorette* addiciona a esse caracteristico das damas do paiz o beber tão bem como come; um dos seus prazeres predilectos é ver saltar rolhas de Sillery!

Como anda no jardim um grande numero de ramalheteiras, vendendo *bouquets* a tres francos, as deusas do Mabille vão feitas com ellas n'um accordo

commercial, que vou referir: — dão o braço a um pobre homem, e acceitam á ramalheteira o *bouquet* que ella lhes mette á cara, se o homem mesmo não se antecipa a offerecer-lho: d'uma fórma ou d'outra, é, já se vê, o homem, quem paga; mas, se elle é renitente, astuto, avarento, *impremeavel*, e diz por seus proprios labios á ramalheteira: «Não se quer!» Então a dama ao passar por um dos *bouquets*, n'uma distracção justificada pelo encanto da conversa que vae tendo com o pobre homem, tira uma flôrsinha, e continua a andar: a ramalheteira não póde, n'esse caso, deixar de protestar contra similhante liberdade, e diz ao cavalheiro: «Já que a senhora me estragou o *bouquet*, agora compre-o!» Ao que o cavalheiro responde esportulando-se, sem saber que é tudo isso uma comedia, e que as deusas do baile Mablle teem metade de cada *bouquet*, que comprarem, do que lhes resultam uns quinze francos por noite, porque o *bouquet* comprado é restituido logo depois na passagem, e o braço de um *pobre homem* é logo substituido pelo braço de outro *pobre homem!*

São bellas, algumas; mais provocantes ainda, mais tentadoras que formosas, mais cheias de seducção, de coquetismo, de elegancia! Surgem e passam por entre as grinaldas dos pavilhões como flôres vivas que desabrocham! Dir-se-hia que estão

a deixar passar a noite para nos fazerem duvidar de que lado se levanta o dia, e seccarem a Aurora de ciumes. A orchestra acompanha e incita aquelle enxame alegre, que vôa nas folias de uma dança imprudente e libertina, para captivar a turba de enfastiados, que vae para ali acercar-se em procura de desejos, ou para deixar passar *o seu tempo* aos rapazes, que estão nos annos da vida airada, perdendo as noites, insultando a guarda, ceando com as *impuras*, e sacando sobre os agiotas dinheiros que vão pagar a Clichy!

É uma feira d'amor! Ha ali creaturas de todos os generos, para todos os gostos, e de todos os paizes; apenas a portugueza timida não apparece lá. Uma tem cabellos negros, olhar vivo, artelho delicado, e ao canto dos beiços aquelle pequenino buço azulado, que mostra quanto uma trigueirinha esteve vae não vae a ser um rapaz! Outra é loira, com uma cutis de papel de arroz, faces aveludadas, mão artistica e pé tentador! Esta, pequenina, delicada, graciosa de fórmas apenas esboçadas; aquella, de contornos abundantes e magnificos! É uma exposição de toda a casta de bellezas, em mil edições ora correctas, ora augmentadas, ora *contrafeitas*, da grande creatura perigosa de quem Shakspeare disse: — «Perfida como a onda!»

Aquella vida não agrada, não póde agradar, a todos; o que torna impossivel que uma terra seja julgada absolutamente, é que hade ser sempre julgada mais segundo os gostos de cada um, do que pelo caracter mesmo e pelo merecimento d'ella. Eu dou razão, por exemplo, ao auctor das excellentes cartas publicadas na *Revolução de Setembro* e *Jornal do Commercio,* o sr. A. J. S. de preferir Londres a Paris; é porque a indole politica d'esse cavalheiro encontra na capital da Inglaterra o monstro gigantesco da industria, movendo durante o dia, em todas as direcções os seus mil braços, sem que nenhuma frivolidade desperte ou distraia do trabalho, da applicação, do interesse, da tendencia reflectida ao engrandecimento da nação, e observa á noite ser-se recebido na vida quieta da familia com a grave lealdade britannica, que renova os bellos tempos da hospitalidade antiga. Mas para mim, mas para a leitora, mas para a gente moça e descuidosa, que não pedimos á vida senão que nos entretenha sem grandes despezas de reflexão, Paris não póde deixar de ser o paraiso da terra!

Eu quereria esquivar-me a fallar-lhes do *cancan,* mas este livro — que aliás tem de bom não levar a pretenção de contar Paris, mas simplesmente de fallar a respeito de Paris — ficaria verdadeiramente

incompleto sem o *cancan*, de que Portugal já tem alguns debeis propagadores nas noites de Café Concerto pelo carnaval. Em Mabille escripturam-se uns vadios, que vivem de dançar a tanto por noite; são, como poderá fazer-se idéa, uns figurões insignificantes, quasi todos rapazes gastos nos excessos da dissipação, que se prestam alegremente a dançar ali a todo o instante com as Coras, as Alices, as Thérézes, etc. Nada mais ordinario e feio, que aquelles restos ambulantes de uma mocidade perdida, que cobre os olhos com occulos azues, por lhes ser penoso ver a luz. As *lorettes* da moda não costumam dançar nos bailes publicos; por isso o *cancan*, destinado quasi exclusivamente ás que precisam fazer-se admirar n'esses exercicios, em que a perna se encarrega de por si só constituir a belleza, dá logar a que se observe que a franceza quando é feia é a mais feia mulher do mundo; as mulheres feias dos outros paizes teem caras, as francezas, em geral mesmo, teem carinhas; ora, quando essas carinhas são completamente desajudadas do olhar, da expressão, das fórmas, sem o que a formosura só não constitue uma mulher bella, e que em vez da modestia e timidez das feias se lhes observa o *applomb* inqualificavel de preciosas ridiculas, então, sejamos razoaveis, a franceza torna-se um ente soffrivelmente

antipathico. O seu temperamento mesmo, em geral, é frio; o espirito é o seu cathecismo, e ellas sacrificam tudo a um callemburgo: as simplices filhas d'Albion tão accusadas d'uma frieza, que o seu clima auctorisa, são cem vezes mais enthusiastas; a Inglaterra é fertil em casos de dedicação amorosa, e trivialmente acontece ali que uma menina de boa sociedade deixe a familia e a consideração, fugindo para o homem a quem ama, embora pobre e obscuro.

O' *cancan!* tu caracterisas bem as noites parisienses, tu que és o excesso e o abuso gallante! Deixa que te considerem contrario ás sãs tradições da escóla do bom gosto; o teu nome basta para erriçar a cabelleira dos sisudos, e estremecer o bolsinho dos mestres de dança; quando se te observa alheado na indole, em terras estranhas, pergunta-se o que vem a ser similhante marcha ondulosa e quebrada, em que os braços ora morrem de voluptuosidade ora se agitam com uma ousadia impudica; mas em Paris, tu és outro, ou antes és tu proprio, tu como nasceste, com os olhos innundados d'amor, o talhe flexivel, arqueado, elastico, e a cabeça inclinada como uma flôr pesada de perfume! Ó Zenoglio, ó escuro Herculano, não vos sobresalteis nas campas por eu me enthusiasmar perante aquella dança barbara, que não attende aos passos academicos, majestosos, e regra-

dos da vossa sabia escóla, nem tem as *gargouillades*, os *flicflacs*, e os passos de Zephiro do estylo das danças de theatro. O *cancan* em Mabille excede a furia andaluza e empallidece os ardores do zapateado, do fandango e do bolero, porque dança com o corpo inteiro tanto como com as pernas! O amor ali é um d'esses leves vapores, que se inflammam de verão nos prados, e pulam diante de nós na relva, para nos perder os passos, fascinando-nos a vista; é um meteóro que salta em *bouquets* de fogo, illuminando-nos um instante, e deixando atraz de si a uns o fumo negro da ruina, a outros a magoa de não terem já que arruinar; ó loiras Clarisse, Rigolboche, Fanny, Ninnette, ó loucas Fifines, Cocotte, Marion, Bernerettes, tudo em vós é pallido e frio menos a graça, e o vosso espirito tem o dom, muitas vezes, de fazer brilhar o amor como uma lampada atravez dos gêlos de Mabille!

E eu disse adeus áquella cabana encantada, que parece uma casa de doidos alegres em que os *sergents de ville* sejam os enfermeiros, e, d'ali a dias voltei costas emfim a essa Paris encantadora, que navega como um navio carregado de intelligencia, de audacia e de prazer, e entrei em Bordeus n'um vapor das *Méssageries Impériales*, que me fez a finesa de me restituir aos meus concidadãos.

Tudo aqui ia na mesma, e encontrei tudo como o deixára. Quando eu saira, estavam encostados á porta do Marrare dois rapazes, meus amigos, um pedindo lume ao outro para accender um charuto; quando eu voltei, estavam ambos no mesmo sitio, e o tal atirava fóra a ponta do charuto, que accendera quando eu parti. Peguei n'um jornal para vêr os annuncios d'espectaculos, mas não vi nenhum; S. Carlos estava fechado por ser verão, o que era natural; emquanto aos outros, disse-se-me que o theatro normal estava em obras, o Gymnasio fechára na idéa de ir a companhia ao Porto, a Rua dos Condes tinha os artistas em Setubal, e os das Variedades estavam em Santarem.

—Ah! E então que divertimentos ha esta noite? perguntei.

—Divertimentos... Ha o *tigre marino* ao Calhariz, a tostão por pessoa!

—Está bom!

E fui passar a noite, como toda Lisboa, isto é como mais ninguem, a vêr o *tigre marino*, que formava por si só os divertimentos da estação... Reconheci que estava na patria!

FIM.

OBRAS

Que se acham á venda na Typographia Universal, rua dos Calafates, 110, e nas lojas do costume.—No Porto em casa do sr. Jacinto Antonio Pinto da Silva, rua do Almada, 134; em Coimbra na do sr. José de Mesquita, rua das Covas; e em todas as lojas de livros nas principaes terras do reino, Ilhas e Brazil.

PADRE ANTONIO VIEIRA

Cartas, 4 vol..... 1$600
Obras ineditas, 3 vol. 1$000
Obras varias, 2 vol... 600
Arte de furtar, 1 vol. 400
Historia do Futuro, 1 vol..... 300
Vida do Auctor, com o retrato, 1 vol..... 600
Obras completas que comprehendem os 15 vol. de **Sermões**, total 27 vol. 13$500

JOÃO PINTO RIBEIRO

Usurpação, Retenção e Restauração de Portugal, por João Pinto Ribeiro, auctor da gloriosa revolução do 1.º de Dezembro de 1640, precedida de um magnifico prologo de 36 paginas, por R. de Sá, obra publicada recentemente com o titulo — **Brado aos Portuguezes**, opusculo patriotico contra as idéas da união de Portugal á Hespanha, 1 vol..... 300

D. GARCI-SANCHEZ DEL PINAR

A Freira enterrada em vida ou o Convento de S. Placido, romance historico e original riquissimo de peripecias, de situações dramaticas, engenhosas e imprevistas; traduzido do hespanhol por P. J. Pereira, 3 vol..... 1$500

JULIO CESAR MACHADO

Recordações de Paris e Londres, 1 vol. 500
Passeios e phantasias, 1 vol..... 500
Scenas da minha terra, 1 vol..... 500
Contos ao Luar, 3.ª edição, com o retrato do auctor, 1 vol..... 500

EMILIO SOUVESTRE

O que ha de ser o mundo no anno tres mil, acommodada ao gosto portuguez por R. de Sá (obra a mais chistosa de quantas se tem publicado até hoje em Portugal); 1 vol. com gravuras..... 1$000

PORPHYRIO JOSÉ PEREIRA

Quadros d'alma, ou a mulher atravez dos seculos, com o retrato do auctor, 1 vol. 800

CAMILLO MARIANNO FRÓES

Caricaturas á penna, obra critica, adornada com o retrato do auctor, 1 vol..... 500

MARTINEZ DE LA ROSA

O livro dos meninos, traduzido do hespanhol por D. José de Urcullu, approvado pelo Conselho Superior d'Instrucção Publica, 4.ª edição, 1 vol..... 160

DC
733
M14

Machado, Julio Cesar
Recordações de Paris e
Londres

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 30 19 01 002 1